

AGÁLIA

REVISTA INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

N.º 50

VERAO 1997

DIRECÇOM:

Maria do Carmo Henriques Salido

CONSELHO DE REDACÇOM:

Isaac Alonso Estravis
José Ramon Chantada Acosta
Carlos Garrido
José António L. Taboada
Jenaro Marinhãs del Valle
José Maria Monterroso Devesa
César Carlos Morám Fraga
J. Carlos Quiroga D.
Joám Carlos Rábade Castinheira
Henrique Rabunhal Corgo
José Luís Rodríguez
José António Souto Cabo

In memoriam:

Ricardo Carvalho Calero

NOTA DA REDACÇOM

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devolução de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Todos os trabalhos publicados em AGÁLIA aparecerám com a normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitação desta norma.
5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a Revista com os respectivos pontos de vista.

Imprime: VENUS artes gráficas, s, a.
Corunha - Dep. Legal: C- 250 - 1985
ISSN 1130-3557

RECEPÇOM DE ORIGINAIS: Apartado dos Correios 560. 15080-Corunha (Galiza)
Apartado dos Correios 289. 15780-Santiago de Compostela (Galiza)
ASSINATURAS: Apartado dos Correios 453. 32080-Ourense (Galiza)

CONSELHO ASSESSOR

GALIZA

José Agrelo Ermo
Mário Alonso Nozeda
Maria Luísa Andrade
Carlos Campoy
Denis Conles
Júlio Garcia Santiago
Alberto Garcia Vessada
Luís Gonçalves Blasco
Marcial Gondar Portasany
Cláudio López Garrido
Aurora Marco
Higino Martínez Estêvez
Ramom Nogueira Calvo
José Posada
Maria das Dores Rei Teixeira
Ramom Reimunde Noreña
Manuela Rivera Cascuo
Felisindo Rodríguez
Joám Trilho Pérez
Xavier Vilhar Trilho

In memoriam:

Ernesto Guerra da Cal

BRASIL

Leodegário A. de Azevedo Filho
Gladstone Chaves de Melo
Sílvia Elia
Reynaldo Valinho

MOÇAMBIQUE

Fátima Mendonça

PORTUGAL

Maria Luísa Baptista
José A. Fernandes Camelo
Mário Gomes dos Santos
Óscar Lopes
Albano Martins
José Luís Pires Laranjeira

In memoriam:

Manuel Rodrigues Lapa

SUMÁRIO

	<u>PÁGS.</u>
ESTUDOS	
<i>Construindo a Língua no discurso público: Práticas e ideologias lingüísticas</i> , por Celso Álvarez Cáccamo	131-150
<i>O significado simbólico do touro e outros aspectos da religiom celta</i> , por José Lois Armada Pita	151-175
<i>Realidade e fantasia no universo narrativo de Marica Campo</i> , por Maria do Carmo Cozinha	177-204
<i>Interferências lingüísticas na direcçom galego ⇒ espanhol na Comunidade Autónoma Galega</i> , por Maria do Carmo Henríquez Salido	205-217
NOTAS	
<i>Dúvidas e interferências lexicais na traduçom científico-técnica inglés > galego</i> , por Carlos Garrido	219-228
<i>As sete cantigas de amor de Dom Dinis do fragmento Sharrer</i> , por José-Martinho Montero Santalha	229-237
DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM	
Homenagem a Valentim Paz Andrade	239-248
RECENSONS	
<i>Vocabulário de Matemáticas (Galego-Español-Inglés-Portugués)</i> , por Carlos Garrido	249-251
<i>Palavra e memória</i> , por Dores Valcárcel Guitiám	251-254
PUBLICAÇOMS RECEBIDAS E DE INTERESSE	255



Construindo a Língua no discurso público: Práticas e ideologias linguísticas¹

Celso ÁLVAREZ CÁCCAMO
(Universidade da Corunha)

Marco Polo descreve uma ponte, pedra a pedra.

“Mas, qual é a pedra que sustém a ponte?”, pergunta Kublai Khan.

“A ponte não é sustida por esta pedra ou por aquela”, responde Marco, *“mas pela linha do arco que formam”*.

Kublai Khan fica silencioso, a cavilar. Logo acrescenta: “Então porquê me falas das pedras? É só o arco que me interessa”.

E Polo responde: “Porque sem as pedras não há nenhum arco”.

(Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*)

0. INTRODUÇÃO

O objectivo deste trabalho é apresentar uma visão geral das *práticas ideologizadas da fala* no discurso público da Galiza actual. Por “práticas ideologizadas” entendo aquelas condutas linguísticas através das quais se manifestam de jeito transparente concepções dos papeis, formas e validade das línguas em conflito na sociedade. E com “discurso público” quero referir-me a todas aquelas produções orais facilmente acessíveis para os cidadãos, sobretudo através dos meios de

(1) Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na sessão “A construção do galego como ‘Língua’”, organizada pelo autor no Congresso Internacional *The Linguistic Construction of Social and Personal Identity*, organizado pelo *Research Committee on Sociolinguistics of the International Sociological Association*, Universidade de Évora, Portugal, Março 25-29, 1996. Os dados do trabalho fazem parte do *Projecto ADPA: Análise do Discurso Público Actual* do Departamento de Linguística Geral e Teoria da Literatura da Universidade da Corunha, subvencionado pelo governo autónomo galego *Xunta de Galicia* (Bolsa de Investigação XUGA10403A94). Agradeço a Luzia Domínguez Seco, Mário Herrero Valeiro, Gabriela Prego Vázquez e Xoán Paulo Rodríguez Yáñez os seus comentários, críticas e sugestões às minhas análises, e a Mário a ajuda adicional com a transcrição de alguns dos dados. Endereço do autor: Depto. de Linguística Geral e Teoria da Literatura, Univ. da Corunha, 15071 A Corunha - Galiza (Espanha). Correo electrónico: lxalvarz@udc.es. Uma versão do trabalho também está disponível na Internet no lugar <http://www.udc.es/dep/lx/cac/evora96.html>.

comunicação (programas de televisão e rádio) e nos eventos comunicativos não restringidos (conferências, debates, encontros políticos abertos, etc.)

Numa situação de mudança sociolinguística caracterizada pela *apropriação* (ou “pirataria”, *piracy*, como o qualificaria Anderson 1983) do idioma galego pelas elites técnicas, intelectuais e políticas, falar *em* (o que se reconhece como) galego passou de ser uma actividade marcada em certos contextos formais até se trocar, em muitos casos, em índice iniludível de uma *identidade pública* invocada. E falar *do* (que se conceptualiza como) galego, pela sua parte, pode constituir-se em marca visível das ideologias linguísticas subjacentes que situam o idioma no centro da *administração social da identidade*. Por outras palavras, o atributo da *reflectividade* inerente à linguagem humana sai à superfície do discurso em formas e fenómenos detectáveis e *descritíveis* (“*accountable*”, para a sociologia etnometodológica) em termos dos efeitos conversacionais que produzem.

O meu exame dos dados tenta precisamente revelar algumas manifestações destas ideologias linguísticas no discurso oral. Sobra destacar que as interpretações oferecidas aqui não podem senão ser incompletas e sempre provisórias: a *riqueza* de qualquer mostra de discurso oral quanto aos seus significados sociais e conteúdos ideológicos faz da presente aproximação —que poderíamos enquadrar como herdeira da “sociolinguística interpretativa” de John J. Gumperz (1982a, 1982b) e da “análise da conversação” (Atkinson e Heritage 1984)— uma tarefa sempre inacabada e, portanto, talvez mais ingrata do que a análise quantitativa dos dados da sociolinguística de inquéritos. A natureza interpretativa da micro-sociolinguística da fala, assim como a natureza das suas análises —menos “materializáveis” em políticas linguísticas estaduais— são duas das razões pelas quais a micro-sociolinguística goza de menos favor oficial do que a macro-sociolinguística quantitativa baseada em inquéritos. Esta macro-sociolinguística está desenhada para reduzir as variadas condutas linguísticas individuais dos milhões de falantes duma comunidade a cifras facilmente manejáveis pelo “sentido comum”, e para ré-territorializar as constelações da *diferença social* na cartografia oficial da “normalidade” e a “deviação”. A micro-análise da fala, por contra, pode revelar condutas e posicionamentos de resistência *locais* —mais não por isso menos “sociais”— que ameaçam os postulados —sempre totalizadores— das políticas linguísticas. Só quando a análise da interacção falada é aplicável ao melhoramento do funcionamento dum âmbito dado do estado burocrático moderno (por exemplo, a interacção aluno-professor no ensino, a interacção doutor-paciente na consulta médica ou a comunicação dentro das organizações empresariais) a micro-análise é aceiteada como uma aproximação e método legítimo e relevante. Na Galiza, onde a pesquisa micro-sociolinguística começa a produzir resultados notáveis e interessantes (ver referências na Conclusão deste trabalho), as instituições oficiais de saber (a *Real Academia Galega*, o *Instituto da Lingua Galega* e o *Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias “Ramón Piñeiro”*) ignoram e provavelmente continuarão a ignorar esta linha de pesquisa nos seus projectos generosamente financiados até que tenham a certeza que os possíveis resultados dum eventual macro-projecto sobre a conduta comunicativa na Galiza não cheguem debilitar os postulados ideológicos que sustentam a sua mesma existência.

1. O FUNDO

Como em praticamente todos os processos de apropriação do valor simbólico de um idioma pelas elites, no centro da ideologização da(s) fala(s) galega(s) estão as noções básicas de *identidade, mesmidade e propriedade*. Os textos jurídicos espanhóis e galegos consagram o que constitui estruturalmente o português da Galiza ou o “co-dialecto” galego do português (Carvalho Calero 1983, 1990) como “a Língua galega” (amiúde em maiúsculas) ou a “língua própria da Galiza” (mais especificamente, a “lingua propia de Galicia”, na norma escrita institucional). Frente a este idioma agora legitimado pelo poder, erige-se como “necessário adversário histórico” não apenas o espanhol, mas as outras variedades portuguesas faladas noutros países, nomeadamente em Portugal. Nos textos educativos observa-se desde os anos 80 uma clara evolução ideologicamente marcada no sentido do desmembramento do galego do tronco galego-português, ao mesmo tempo que se diluem progressivamente os conteúdos reivindicatórios da identidade nacional galega (Domínguez Seco 1993). No âmbito do discurso técnico, as teses sobre a unidade linguística galego-portuguesa, sustidas tradicionalmente por hispanistas e linguistas (Carvalho Calero 1983, 1990; Rodrigues Lapa 1973, 1981), são agora submetidas ao empurre ideológico da Construção da Língua. Tanto na intervenção técnica das instituições quanto no discurso ideológico (Herrero Valeiro 1993) acentuam-se as divergências entre as variedades da Galiza e as de Portugal e outros países: não é casual que muitas escolhas lexicais, ortográficas e prosódicas na construção do idioma se aproximem das variantes espanholas. Efectua-se, portanto, um duplo processo só aparentemente contraditório: enquanto “a Língua galega” é sublimada como elemento central na equação Povo=Língua, a forma (gráfica, fonética e prosódica) que este galego toma lembra a de um idioma ré-dialectalizado socialmente, destinado a ter o seu lugar limitado no âmbito da Galiza administrativamente dependente do Estado Espanhol.

Além disso, na vida diária observam-se *novas formas de falar da língua e da linguagem* e de conceber ambas dentro do campo da acção comunicativa e social. Neste trabalho examinam-se algumas manifestações discursivas das *ideologias linguísticas*, entendidas aqui operativamente como “vínculos que medeiam entre as estruturas sociais e as formas de fala” (Woolard 1992:235),² ou como “concepções culturais sobre a natureza, forma e propósitos da linguagem, e da conduta comunicativa como uma enacção da ordem colectiva” (Gal e Woolard 1995:130).³ Apesar da dificuldade de circunscrever a noção de “ideologia linguística” nos debates actuais sobre o particular,⁴ há pelo menos consenso em que as ideologias linguísticas contribuem para dar *alguma forma de sentido* à conduta linguística diária, sobretudo aquelas ideologias projectadas no âmbito do poderoso discurso público.⁵ Neste sentido, as ideologias linguísticas (plurais, e às vezes

(2) “Language ideology is a mediating link between social structures and forms of talk”. Todas as traduções são minhas.

(3) “In the simplest formulation, language ideologies are cultural conceptions of the nature, form and purpose of language, and of communicative behavior as an enactment of a collective order”.

(4) A importância actual do tema levou os organizadores do V Congresso da Associação Internacional de Pragmática (*International Pragmatics Association*) (Reims, França, Julho 1998) a centrar os encontros sob o epígrafe “Ideologia Linguística”.

(5) A ubiqüação *estratégica* do discurso público e institucional é salientada por Gumperz e colaboradores (1982a, 1982b)

encontradas) não são concebidas neste trabalho necessariamente como superestruturas impostas, no sentido marxista (embora se gerem em âmbitos sociais e por grupos sociais privilegiados, administradores do saber técnico sobre a língua),⁶ mas como quadros de referência ou *saberes práticos* quotidianos que organizam as inter-relações entre (a) formas de fala, (b) identidades sociais, (c) estruturas sociais, e (d) outros saberes e campos discursivos, além do campo da “língua”, em relação aos quais a língua conforma o que Blommaert e Verschueren (1992:359) chamam “grupos de traços” (*feature clusters*) tipicamente definidores de identidade: origem, história, cultura, religião, tradição, etc.

Destarte, pelo menos certos fenómenos discursivos conversacionais são simultaneamente *índices*, *veículos* e *efeitos* das ideologias:

(1) Como *índices* das ideologias, os discursos conversacionais *aludem* a visões específicas dos utentes sobre o lugar da fala na construção da sua identidade e da identidade colectiva. Por exemplo, na Galiza actual a escolha pública por um político do que —também em função de uma ideologia linguística— se reconhece como “galego” alude em si própria ao facto da existência duma construção ideológica dada da “identidade galega” na qual o idioma é inescusável traço definidor.

(2) Como *veículos* das ideologias, os discursos conversacionais *articulam* visível e materialmente os discursos técnico-ideológicos sobre a língua, isto é, o que “os expertos” (filólogos, linguistas, planificadores e políticos) ditam sobre “o galego” e “o espanhol” (e, por invisibilidade notável, “o português”). Por continuar com o exemplo anterior, o próprio uso público do que se reconhece como “galego” é o *material empírico* que subjaz às *proposições técnico-ideológicas* produzidas pelas elites em exercício do seu papel estrutural: por exemplo, uma proposição do tipo “O Galego usado em público manifesta a nossa identidade como Povo”.

E (3) como *efeitos* das ideologias, os discursos conversacionais conferem *legitimação* e *coerência*, precisamente, aos modelos técnico-ideológicos dos que emanam. Assim, num processo de retro-alimentação, o mesmo uso público do que se reconhece como “galego” “confirma” a validade da proposição ideológica anterior e cria “verdade” científica.

na sua ampla investigação sobre a comunicação inter-étnica no âmbito urbano. Na Introdução a *Language and social identity*, Gumperz e Cook-Gumperz declaram especificamente como objectivo do seu trabalho “mostrarmos como a ideologia entra na comunicação imediata para criar um espaço interaccional onde os processos sociolinguísticos subconscientes e automáticos da interpretação e a inferência podem gerar uma diversidade de resultados e pôr em questão as interpretações” (1982:3) (“to show how ideology enters into face-to-face speaking practices to create an interactional space in which the subconscious and automatic sociolinguistic processes of interpretation and inference can generate a variety of outcomes and make interpretations subject to question”).

(6) Em linha com o materialismo, Bourdieu (1977) ou Giddens (1984) salientam a determinação social das ideologias como formas de “des-reconhecimento” do entorno “objectivo”: “Por ‘ideologia’ entende-se só aquelas assimetrias de dominação que conectam a significação com a legitimação de interesses sectoriais” (Giddens 1984:33) (“‘Ideology’ refers only to those asymmetries of domination which connect signification to the legitimation of sectional interests”). Para Bourdieu, as lutas ideológicas reflectem “homologicamente” as lutas de classes dentro do campo político, embora em formas “eufémicas”: “A função especificamente ideológica do campo da produção ideológica é realizada quase automaticamente sobre a base da homologia estrutural entre o campo da produção ideológica (organizado em torno da oposição entre ortodoxia e heterodoxia) e o campo das lutas de classes para o mantimento ou subversão da ordem simbólica” (Bourdieu 1977:5) (“The specifically ideological function of the field of ideological production is performed quasi-automatically on the basis of the homology of structure between the field of ideological production, organized around the opposition between orthodoxy and heterodoxy, and the field of struggles between the classes for the maintenance of subversion of the symbolic order”).

Obviamente, este itinerário da fala como *índice-veículo-efeito* da ideologia é circular, e, como tal, seria incoerente tentar localizar a sua hipotética origem. Mas talvez a máxima goebbiana “Uma mentira, se repetida mil vezes, se converte numa verdade” não deixa de ser pertinente ao caso: À margem do estatuto de ‘verdade’ do saber técnico e dos modelos ideológicos sobre a Língua, a *posição estrutural* central da ideologia (através do discurso da ciência) é a de, simultaneamente, *gerar* e *suster* a realidade que diz representar e modelar.

2. FORMAS DE IDEOLOGIZAÇÃO DA FALA

Podemos isolar vários tipos de procedimento que reflectem ideologias linguísticas específicas no discurso público actual da Galiza. Porém, mais do que elaborarmos uma taxonomia destes procedimentos, o nosso interesse será revelarmos algumas manifestações singularmente importantes da ideologização social da fala e do que se tem chamado *consciência meta-pragmática* (Silverstein 1981, 1993). Por “consciência meta-pragmática” entendo os saberes discursivos sobre a própria funcionalidade comunicativa dos enunciados, consciência que provavelmente está distribuída de maneira diferencial e hierárquica no corpo social, sendo os ‘expertos’ sobre a língua os máximos depositários desta consciência. Desejo assim ilustrar um método pelo qual podemos *escavar os vários estratos do discurso* como acção social na procura de índices ideológicos (ver, no mesmo sentido, Wodak 1989). Uma análise detalhada deve incluir, entre estes estratos do discurso, pelo menos os planos *sequencial* (a organização do discurso em turnos), *gramatical* (a escolha de variedade linguística identificada sintacticamente, como “galego” ou espanhol”; a escolha de léxico; a fonética), *prosódico* (os padrões entoativos e rítmicos) e *pragmático* (a intenção ilocutiva do acto de fala; as relações entre significados ditos e significados não-ditos, etc.) (v. p. ex. Alvarez Cáccamo 1996a, 1996b).

2.1. Auto-correcções e reformulações

No discurso público e formal, a própria *escolha de variedade linguística* (interpretada pelo senso comum como uma ou outra ‘língua’) é às vezes sujeita a ideologização, e constitui-se assim em “problema” prático conversacional, no sentido etnometodológico de *uma questão a enfrentar e resolver conversacionalmente* por meio dos recursos linguísticos. As auto-correcções na escolha de língua podem tomar duas direcções fundamentais: (a) reformulações do “espanhol” para o “galego”, e (b) reformulações lexicais dentro do “galego”, na direcção das variantes mais formais sancionadas (v. também Alvarez Cáccamo 1993).

2.1.1. Ré-formulações de “espanhol” para “galego”

Um caso fortemente semiotizado de reformulação entre línguas é o seguinte. O locutor, o Professor Constantino García (ex-director do *Instituto da Lingua Galega*, organismo que elaborou as normas diferencialistas a respeito do português e actual secretário da Real Academia Galega) auto-corrige laboriosamente um *faux pas* interaccional em espanhol durante um debate com o já falecido Professor

Ricardo Carvalho Calero na Televisão de Galiza. Constantino García está a responder a uns comentários de Carvalho Calero sobre a castelhanização do idioma galego. A tese de C.G. vai ser que, enquanto muitos galegos historicamente mudaram para falar espanhol, a **língua galega** (linha 553) conserva-se íntegra como tal (nas suas próprias palavras, o galego é “a reserva espiritual de Espanha, a reserva espiritual do espanhol, a reserva espiritual do português”, dirá mais adiante fazendo um jogo explícito com a expressão franquista “*La reserva espiritual de Occidente*”). É só a fala destes castelhano-falantes assimilados da Galiza a que está castelhanizada.

Nas transcrições, os segmentos em espanhol vão em *itálicos*. Entre parênteses indicam-se as formas padrão ou a transcrição fonética da palavra ou segmento. O asterisco * indica acento enfático de intensidade sobre a sílaba seguinte:

(1) **EVENTO DT8705. Debate A Dúas Bandas “O porvir do galego”**. TVG, Maio 1987. C.G. = Professor Constantino García.

- 551 C.G.: olho
 552 que estamos confundindo duas cousas
 553 estamos confundindo a língua galega c’os *hablantes*
 554 *o* (=ou) c’os
 555 si
 556 *ha*blantes *del castellano*
 557 c’os falantes do castelão (= [kaste’la_])
 558 e não tem nada que ver
 559 eu penso -
 560 eu não penso -
 561 ademais eu fixem (=fiz) trabalhos sobre isso (=isso)

A necessidade de alinhamento público em favor da **língua galega** sem dúvida subjaz ao que se tem chamado “trabalho de imagem” (“*face-work*”) do locutor no seu intento por restaurar a coerência ideológico-linguística do seu discurso. Em termos de conteúdo referencial, as expressões “*hablantes de castelão*”, “*hablantes de castellano*” e “falantes de castelão” (e mesmo “falantes de castelhano”) pareceriam, em princípio, significar o mesmo: ‘pessoas que utilizam o castelhano’. Porém, a relação conflituosa entre o conteúdo referencial e a variedade linguística que pode ou deve canalizar esse conteúdo subjaz à perceptível auto-correcção de C.G. (linhas 554-556). A auto-interrupção e auto-correcção — com a pausa em 554, o turno linguisticamente ambíguo *si* (555) que antecipa o enunciado seguinte, e os acentos enfáticos de 556 (sobretudo em *ha*blantes*) — é “notável” em termos conversacionais, pois o não-notável ou não-marcado seria a continuação fluída do discurso. A repetição enfática de *ha*blantes* anula a possibilidade de que o primeiro *hablantes* fosse simplesmente um “erro”: na realidade, *hablantes* apresenta-se como o material léxico inescusável que deve acompanhar o material *cas-*

telão (de facto, no caso inverso, não é infrequente na conversa quotidiana em espanhol o referir-se a alguém como “*una persona que fala galego*”).

A auto-interrupção e a auto-correcção revelam-se ainda como mais marcadas se as contrastarmos com a seguinte tática de “emenda”, frequente na fala diária para resolver este tipo de problema conversacional:

“estamos confundido a língua galega c’os *hablantes* -
digooo, c’os fa*lantes de castelão”

Em contraste com esta simples correcção habitual dum fragmento intruso (neste caso, *hablantes*), na intervenção que analisamos a auto-interrupção de C.G. vai seguida por uma estrutura paralela com *ré-formulação integral* da expressão: *ha*blantes *del castellano / c’os falantes de castelão*. A repetição aparece assim como uma “volta à normalidade” do discurso público (o discurso Monolíngue por antonomásia), onde *hablantes del castellano* soa como uma *citação* mais das que C.G. utiliza nas suas intervenções: a citação de um “experto em línguas”.

Em resumo, o conjunto de táticas de C.G. patenteia aqui uma *ideologia de propriedade e pureza linguística* pela qual o galego se percebe como código *necesário e suficiente* no âmbito formal, mesmo se procura mascarar esse frequente fenómeno chamado “interferência” no trabalho sobre bilinguismo: um processo de espanholização que, segundo o manifestado pelo próprio falante, não seria um problema da “língua galega”, mas dos falantes bilíngues individuais.

2.1.2. Ré-formulação de “galego” para “galego”

Os casos de *ré-formulação* de galego para galego, frequentes nos nossos dados do discurso público, consistem na repetição quase imediata de *doublets* léxicos, onde o primeiro é uma forma em muitos casos também galega mas não sancionada positivamente como apropriada para a fala pública e a segunda a forma “legítima”, cujo uso alude à perícia do falante no domínio do novo galego regularizado. Casos típicos de pares léxicos com auto-correcção são **olvidar - esquecer, vamos - imos, recordar - lembrar, acabar - rematar** ou **cerca - preto**. O seguinte exemplo, revisado também noutro trabalho (Alvarez Cáccamo 1993), é tomado de uma entrevista ao presidente do governo galego, Manuel Fraga Iribarne, na Televisão da Galiza. As flechas →, ↑ e ↓ indicam a entoação final sustida, ascendente ou descendente, respectivamente; os engranzamentos entre turnos marcam-se com linhas horizontais e verticais; o código [ac] significa ‘dicção acelerada’; e o código .h sinala uma breve inspiração de ar:

(2) EVENTO ET900731. Entrevista a Manuel Fraga Iribarne, TVG, 31-Julho-90. E: Entrevistador. P: Presidente.

- 1 E: eh **usté** (=você) fala da riqueza →
- 2 da riqueza forestal ↑
- 3 galícia sigue (=segue) ardendo ↑

do (Alvarez Cáccamo 1993) analiso um fragmento de conversa onde um mesmo falante utiliza sucessivamente **pobo** e **pueblo** para denotar referentes distintos. O **pobo** é, nesse caso, a *construção política* do grupo social (na citação das palavras de um político oportunista que constantemente declara fazer “**todo para o pobo, para o pobo**”). Por contra, o **pueblo** é para esse falante (e sem dúvida para muitos outros) o *grupo social real* no que ele se insere, como se observa pela sua referência aos “**políticos que roubam... da gente, do pueblo**”.

2.2. Discurso referido.

Uma segunda prática discursiva ideologizada é a manipulação táctica das vozes, no sentido bakhtiniano (Bakhtin 1981) no discurso referido. Na atribuição de línguas ou variedades utilizadas às personagens de uma narrativa ou de uma simples citação, são postas em jogo “teorias” nativas (na linha de Ochs *et al.* 1992) e ideologias linguísticas a respeito das *relações tipificadas entre as identidades sociais e as práticas de fala*. Por vezes as atribuições de variedades à fala das personagens reproduzem de maneira isomorfa as condutas observáveis (p.ex., quando um falante cita em galego as palavras de um político nacionalista ou um intelectual; ou quando cita em espanhol as de um médico ou funcionário). Porém, com muita frequência as representações do discurso referido são *distorções ideologizadas* das condutas linguísticas observáveis. Isto é: as personagens são postas a falar com o que tenho chamado um *código deslocado* (p.ex., figuras galego-falantes são postas a falar em espanhol; Álvarez Cáccamo 1996b), ou, às vezes, com uma sorte de “estilização paródica” (Bakhtin 1981) que serve para gerir alianças de poder e alinhamentos conversacionais.⁷ Em todo o caso, o jogo de vozes conversacionais e sociais canaliza avaliações implícitas sobre os factos e personagens implicados, e reflecte diversas concepções gerais sobre os papeis dos idiomas na vida social e sobre os seus valores respectivos como *capital simbólico*.⁸

2.3. Metalinguagem.

A metalinguagem nas suas diversas formas (comentários, glosas, menções explícitas às línguas ou, sobretudo, à “Língua” galega) é manifestação transparente da natureza reflexiva da linguagem e do seu potencial tanto para o estabelecimento de alianças conversacionais quanto para a *entextualização* das ideologias linguísticas. Na esfera pública especialmente, onde se constrói o sentido comum sobre a língua e a linguagem, um *leit-motif* dos discursos sobre a língua e a identidade é a apropriação exclusiva do galego como “a nossa Língua” (como dissemos, mais rigorosamente “a nosa Língua”), por meio de um possessivo “nossa” que resume a nova *solidariedade imaginada* da Galiza. No jogo inerentemente ambíguo dos deicticos pessoais, “nós” é amiúde manipulado tacticamente na ora-

(7) Distorções semelhantes no discurso referido são apontadas por Mitchell-Kernan (1972) a respeito dos estilos comunicativos dos afro-americanos, por Kallmeyer e Keim (1988) a respeito da simbolização de identidades locais e de classe em Alemanha, ou por Günthner (no prelo) a respeito do assinalamento de afecto.

(8) Para quem estiver interessado, remito ao trabalho citado (Alvarez Cáccamo 1996b), onde analiso em detalhe esta utilização estratégica das variedades no discurso referido para simbolizar identidades.

tória política actual (Wodak 1989; Gal e Woolard 1995) para desenhar e ré-desenhar os públicos colectivos e audiências co-presentes, quer dizer, para situá-los e ré-situá-los em constelações específicas de participantes. Assim, “a nosa lingua” convoca, por exclusão implícita do outro idioma sem dúvida falado na Galiza (o espanhol), a um espaço social e simbólico partilhado por públicos que são tanto reais quanto *imaginados* pela poderosa convocatória dos meios de massas ou da escrita.

2.3.1. A língua como emblema.

A insistência propagandística na *embalagem ideológica* do galego como “língua galega” mostra-se claramente no evento discutido no exemplo (1), um debate televisado entre expertos onde a expressão é utilizada profusamente por ambos participantes e pelo moderador. A mesma embalagem ideológica é evidente nestoutro programa televisado com motivo do Dia das Letras Galegas de 1994. Como exemplos:

(3) EVENTO DT940518. Programa *Meigas Fóra* sobre “A nosa fala”, TVG, 18-Maio-94. Apres = Apresentador, Manuel Torreiglesias.

252 Apres: que aprécio fãon (=fazem) os universitários galegos

253 precisamente da língua nossa

254 do galego

...

1664 Apres: a um homem que é asturiano de nascimento

1665 que leva muitos anos aqui em galícia

1666 que foi espetador qualificado da nossa língua

...

1695 Apres: naquele momento fôssemos capaz de pensar

1696 ao que se chegaria c’o galego

1697 e:: a língua galega

Como no caso (1), o Apresentador produz numa ocasião a ré-formulação **o galego / e:: a língua galega** (linhas 1696-1697). Significativamente, não se dão nos meus dados ré-formulações do tipo **o galego - o idioma galego**, como se a qualificação sobre “que é o galego” só pudesse consistir na *intensificação avaliativa* por meio do termo **língua**. Examinemos este argumento em detalhe.

Em termos pragmáticos, os vocábulos **idioma** e **língua** podem-se situar numa escala semântica, e o seu uso desencadeia um jogo de entranhamentos lógicos e de implicaturas (Grice 1975) ou significados não ditos, concretamente do tipo das chamadas “implicaturas escalares”. O uso do termo inferior da escala (**idioma**) *implícita* (quer dizer, sugere) que a quantidade de informação que oferece é a mais apropriada no contexto, mas *não* invalida *nem* entranha o termo superior (**língua**). Destarte, uma expressão como **O galego é um idioma, mas não é uma língua** é

logicamente coerente, e uma expressão como **O galego é um idioma; de facto, é uma língua** não é logicamente contraditória. Pela sua parte, a escolha do termo superior (**língua**) (1) *implícita* que a quantidade de informação que oferece é a mais apropriada, mas não invalida o termo inferior (**idioma**); e além (2), o termo superior (**língua**) sempre *entranha logicamente* o inferior (**idioma**), de maneira que toda “língua” é “idioma”. Assim, uma expressão como **O galego é uma língua, mas não é um idioma** soa logicamente contraditória, enquanto **O galego é uma língua; de facto, é um idioma** soa como uma redundância.

Certamente, o termo inferior **idioma** para se referir ao galego ou a qualquer outra variedade é utilizado pelos participantes do programa “A nosa fala”, e, sobretudo, pelo público entrevistado nas ruas ou nas casas, onde às vezes tem o valor de “língua estrangeira”. **Idioma** é também utilizado pelo professor Carvalho Calero no debate “O porvir do galego”, para se referir ao galego, neerlandês, ou castelhano. Mas, curiosamente, a expressão **o idioma galego** ou **o nosso idioma** não aparece nem uma vez nas intervenções do professor Constantino García durante toda a hora de debate nem na sua breve intervenção em “A nosa fala”. De facto, o termo inferior **idioma** não aparece aplicado por ele a nenhuma variante linguística do mundo. Qual é um dos efeitos desta “ausência de idiomas” no universo discursivo do professor? Num claro exercício propagandístico, a ausência absoluta da qualificação do galego como **idioma**, unida à sua qualificação reiterada como **língua**, impede toda ambiguidade e prevém contra qualquer interpretação que pudessem questionar a aplicabilidade do termo superior **língua** para o galego no discurso ideológico-linguístico dominante.

Em resumo, a escolha maioritária de **língua** sobre **idioma** não é em absoluto anedótica nem uma simples questão estilística: a Língua (com o seu insubstituível padrão escrito) é, desde a “revolução filológica” das classes meias cultas (“*cultivated middle classes*” formadas por “filólogos + capitalistas”, Anderson 1983:124), uma das encarnações do projecto eminentemente político de formação dirigida dos imaginários sociais.⁹

Porém, na Galiza actual, o enquadramento do “problema Língua” a respeito de outros campos discursivos não é tão transparente como poderia parecer. Dentro do discurso isolacionista dominante competem, pelo menos, duas concepções políticas aparentemente opostas sobre as inter-relações entre o galego e a identidade colectiva da Galiza (Herrero Valeiro 1993). Uma certa postura nacionalista associa indefectivelmente o estatuto de “língua” do galego à independência da Galiza. Uma outra visão, “regionalista”, sem dúvida inscreve o galego necessariamente dentro do âmbito jurídico-político do Estado Espanhol. No mesmo debate televisado do caso (1), o professor Constantino García resume metalinguisticamente uma visão da diversidade linguística do galego quase como um epifenómeno da divisão administrativa do Estado:

(9) Especificamente, Anderson salienta o papel da língua impressa ou “*print-language*” na construção dos imaginários nacionais. A língua impressa é veículo de uma nova “visualização” ou representação da sociedade para os grupos burgueses, que se constituem assim em “classe”: “Assim, em termos históricos mundiais, as burguesias foram as primeiras classes em desenvolver solidariedades numa dimensão essencialmente imaginada” (1983:74) (“Thus in world-historical terms bourgeoisies were the first classes to achieve solidarities on an essentially imagined basis”).

(4) EVENTO DT8705. Debate *A Dúas Bandas*, “O porvir do galego”, TVG, Maio 1987. C.G. = Professor Constantino García.

- 312 C.G. se neste momento
313 as províncias de corunha e ponte-vedra
314 que é a parte ocidental de galícia
315 que se separassem da parte de lugo e *oreense* (=Ourense)
316 permito-me fazer *una* (=uma) profecia
317 que é um pouco absurda
318 pero (=mas)
319 poderia falar um dia
320 o dia dentro de cinco séculos
321 do galego ocidental e do galego oriental
322 como de duas línguas distintas

Além de altamente questionável em termos sociolinguísticos e estritamente dialectológicos, a “profecia ... um pouco absurda” (316-317) do locutor reflecte uma estendida concepção decimonónica e darwinista da língua como *organismo* sujeito à *inevitabilidade da fragmentação*: segundo esta concepção, privados de agencialidade, ao longo dos séculos os falantes contemplam simplesmente a progressiva adequação do organismo-língua ao âmbito jurídico-administrativo correspondente onde eles são súbditos passivos. Destarte, *o Estado e as suas estruturas são os verdadeiros e necessários agentes da mudança sociolinguística*, um postulado central em todas as ideologias isolacionistas do galego que apóiam explícita ou encobertamente a política linguística do estado espanhol na Galiza.

Curiosamente, o argumento anterior é reversível e perfeitamente aplicável ao reintegracionismo linguístico: para impedir ainda mais a fragmentação do galego-português, cumpriria inescusavelmente a *unificação política da Galiza com Portugal*, e isto logicamente só se poderia levar a cabo com a implantação da República no Estado Espanhol ou com a pura anexação política da Galiza espanhola à República de Portugal. Ambas hipóteses atacam directamente o coração ideológico do estado-nação monárquico espanhol. A hipótese da unificação política entre Galiza e Portugal é rejeitada tanto pelos isolacionistas autonomistas quando pelos isolacionistas independentistas. É aqui onde confluem mais claramente o nacionalismo linguístico galego e o nacionalismo linguístico espanhol, e é aqui onde, portanto, o discurso isolacionista das elites galegas revela mais claramente as suas raízes centralistas e monárquicas.

2.3.2. A língua como comunicação

Num segundo sentido, como manifestação de embalagem ideológica, a expressão “a língua” pode também *totalizar* todos os aspectos da comunicação diária. No programa-debate dos exemplos de (3), “a língua” é empregue por vários participantes para referir ‘a comunicação’, ‘os usos linguísticos’, ‘as palavras que usamos a cotio’, etc. O paradoxo de esta língua-como-comunicação ser em gran-

de proporção o *espanhol*, não o galego-português, é neutralizado pelo próprio *padrão ideológico de referência* onde se inscreve a interacção: a negação simbólica do outro termo (o espanhol e o seu uso) estende a *ilusão de "normalidade"* e desactiva, portanto, qualquer formulação do conflito sociolinguístico em termos de oposição activa ou resistência ao espanhol.

Por contra, quando a língua-como-comunicação se "sente" (e se "sente", portanto, o problema conversacional das escolhas de idioma), emerge um discurso nativo onde a caracterização programática do galego como "língua" não é imprescindível. No mesmo programa do exemplo (3), um jovem (J) telefona para expor as suas preocupações sobre a perda de uso efectivo do galego:

(5) EVENTO DT940518

- 1725J: pero (=mas) vejo que entre a juventude hoje em galícia não se
 fala em galego
1726 hai (=há) uma *grande minoria que falamos galego
1727 e que nos afrontamos a uma situação (=situação) e::
1728 à sociedade que está completamente castelanizada

Em toda a sua longa intervenção, desde a sua posição como "público" e, sobretudo, *utente* do idioma, o falante só faz uma menção à "língua", enquanto a expressão "o galego" resume profusa e suficientemente o referente. Obviamente, o seu discurso está também in-formado por uma ideologia linguística de *utilidade e necessidade* (política) do uso do idioma. Mas, como agente sociolinguístico, o falante insere-se a si próprio dentro de dous grupos que usam a "língua-comunicação" (**a juventude [de] galícia e uma grande minoria**) e que se opõem simbólica e socialmente como categorias à categoria totalizadora da **sociedade que está completamente castelanizada**.

2.4. Auto-justificações

Por último, são também observáveis as referências, menções ou justificações da própria *escolha* de idioma no âmbito formal (debates públicos, programas de televisão, etc.). Por exemplo, num acto público de apresentação de um prémio de pintura recolhido em 29 de Maio de 1984, o artista convidado escusa-se por ler um texto em espanhol porque "esta vez saiu-me assi; **que lhe vamos fazer**". E não é infrequente que participantes de fora da Galiza ou mesmo galegos escusem numa primeira intervenção (o que se chama um "pré-turno" ou "pré-sequência") a sua escolha do espanhol. Tipicamente, o assunto da sua opção idiomática não volta a surgir durante o colóquio.

Não é trivial, num país globalmente caracterizado pelo que podemos chamar dominação linguística, que este tipo de auto-justificações tenha lugar apenas quando a língua escolhida é *precisamente* o espanhol em eventos maioritariamente em galego.¹⁰ O conteúdo das justificações pela escolha do espanhol pode ir desde a

(10) De facto, pelo menos nos meus dados (recolhidos desde 1984) não tenho registado nenhum caso de justificação pelo uso do *galego* em eventos maioritariamente em espanhol.

explicação das necessidades comunicativas até declarações de escassa competência em galego e, portanto, de “respeito” pela integridade deste idioma, da sua beleza ou da sua pureza.

Num caso especialmente salientável de justificação implícita do uso do espanhol pelas circunstâncias comunicativas, o conhecido escritor galego Suso de Toro aparece numa falsa e humorística entrevista televisada de “câmara oculta” falando em espanhol *off the record* (quer dizer, num aparte ou actividade que presumivelmente será cortada da versão final da entrevista) com algum trabalhador dos estúdios que não se mostra na imagem. Após a emissão da falsa entrevista, Suso de Toro, já consciente da piada que sofrera, comenta sobre ela e narra as suas reacções perante o que acontecia:

(6) EVENTO ET970522A. Programa de humor “Con perdón”, TVG, 22-Maio-97. ST = Suso de Toro.

- 1 ST: e logo havia do outro lao (=lado) um chico (=rapaz) que reia (=ria) moito
- 2 que era colombiano
- 3 então era c'o único c'o que podia falar.
- 4 porque esse ria ha ha há e -
- 5 entonces (=então).. eu falava-lhe -
- 6 adm- eu falava-lhe em castelhana não?
- 7 ah tal tal, tal tal, tal

A descrição e justificação implícita da escolha linguística (**adm- eu falava-lhe em castelhana não?**, linha 6) neste caso parece atender a razões da extracção linguística do interlocutor, **que era colombiano** (linha 2). O entrevistado, segundo as suas palavras, (1) parece reconhecer a identidade étnica ou nacional do trabalhador através de algum tipo de *senal* (fala?, aparência física?), (2) presumivelmente, Suso de Toro atribui-lhe ao interlocutor a *identidade linguística* correspondente (espanhol), e (3) dirige-se muito espontaneamente a ele em castelhana. Mas este intercâmbio *off the record* em espanhol afinal é também emitido no programa de câmara oculta. O possível *faux pas* do uso público do espanhol para uma figura que, além, é reconhecida como um dos actuais “criadores de língua galega” precisa de algum tipo de desagravo comunicativo.

Em primeiro lugar, Suso de Toro informa da identidade colombiana do interlocutor *antes* de mencionar a sua própria escolha do espanhol. Fixemo-nos que não se informa se a pessoa colombiana falava espanhol ou não, simplesmente que **reia moito** (linha 1), e ria muito, precisamente, numa entrevista feita em galego, pelo que é lógico supor que compreendia o galego.

Algo mais adiante, o marcador ou “pergunta ecóica” **não?** (linha 6) é um mitigador com uma função múltipla: (1) por uma parte, aponta indirectamente para a informação prévia sobre a “identidade colombiana” do interlocutor; este significado de **não?** pode-se glosar como ‘verdade?’ ou, mais claramente, ‘A acção descri-

ta no enunciado anterior é esperável no contexto'. Este uso de **não?** como pergunta ecóica dá-se, por exemplo, quando narramos uma sequência de ações esperáveis que antecipam um desenlace narrativo:

“Ontem fui ao cinema, fui ver *Nosferatu*.
Pois bem, chego ao cinema,
ponho-me na cola,
compro as entradas, **não?**...

(2) Em segundo lugar, este tipo de **não?** emitido por S.T. funciona para solicitar a colaboração do auditório (neste caso, os apresentadores do programa, o público do estúdio e os telespectadores) na forma do que se chamam “continuadores”, quer dizer, assentimentos ou breves turnos que não interrompam o fluxo discursivo do falante mas que contribuam para este. Neste sentido, o enunciado anterior **adm- falava-lhe em castelhano** fica num segundo plano de relevância.

E (3), por último, **não?** procura por isso o acordo implícito perante o facto, sem dúvida curioso para alguns, de um escritor galego **falar em castelhano** perante milhares de pessoas numa entrevista numa edição do programa “Con Perdón” aparentemente preparada, além, com motivo da grande celebração cultural do Dia das Letras Galegas de 17 de Maio.

É altamente significativa, assim mesmo, a caracterização dos *espaços* que faz Suso de Toro na sua intervenção. O **chico que era colombiano** e com ele quem falou espanhol estava **do outro lado**, sem dúvida um espaço físico (o lado das câmaras e outra parafernália técnica), mas também do outro lado *simbólico*: o espaço *do que não se vê* (o “*entre bastidores*” do discurso público) frente ao espaço *do que se vê* (o produto que chega aos telespectadores). Noutras palavras, contrastam aqui o lado “irregular” e “sujo” que fala espanhol –cheio de cabos eléctricos, luzes, cadeiras misturadas, cinzeiros e sandes de queijo a meio acabar– frente ao lado galego, “acabado”, “limpo” e simétrico da entrevista, com as suas cadeiras orientadas em diagonal aberta aos telespectadores, com a tomada ritual da palavra. No discurso público, a geometria do *real* onde a gente fala espanhol (“o outro lado”) é devorada pela construção do *irreal* onde a gente fala publicamente galego (“este lado”, o que observamos no monitor). Assim, o originariamente real, ao desaparecer, torna-se em *imaginário* –porque é apenas que especulamos o que a gente faz ou fala do além das câmaras– enquanto o originariamente dramático e ritual torna-se na *única realidade possível*. E a ordem sociolinguística do discurso público assim criado e disseminado erige-se, na consciência linguística dos observadores, em *paradigma* da nova ordem sociolinguística colectiva.

Em definitivo, nos casos observados a própria necessidade da justificação pública pelo uso do espanhol (que não acha correspondência inversa na justificação pelo uso do galego) revela uma *consciência metapragmática* a respeito da funcionalidade social dos idiomas, e uma *ideologia linguística de propriedade idiomática* que situa o galego como emblema de uma *identidade pública* desde a qual se fala como ‘Artista’, como ‘Alcaide’, como ‘Político’, como ‘Escritor’, como ‘Professor’, etc.

O fenómeno é sem dúvida familiar para muitos leitores, e é objecto de comentário em conversas quotidianas, embora não seja formulado exactamente assim. Uma expressão que resume, ao meu entender pobremente, os novos usos da língua pública é a chamada “liturgização do galego”, uma expressão (agora emblema de posicionamento ideológico-sociolinguístico) que, significativamente, ascendeu desde as colunas de opinião dos jornais nos anos 1980 até ao Manifesto da intelectualidade oficial do *Consello da Cultura Galega* em 1990. Comumente, critica-se das figuras públicas o falarem galego perante os microfones mas espanhol na casa, quer dizer, critica-se-lhes o serem “realmente espanhol-falantes” excepto nos eventos públicos. Mas, como tentei de argumentar, as condutas linguísticas públicas são também *reais*, e, sem dúvida, muito mais acessíveis (e manipuláveis) do que a fala privada como *índices* sociolinguísticos para o corpo social gerar “sentido comum” sobre a ordem sociolinguística colectiva. Por isso é que a noção “galego litúrgico” (1) minimiza a função do discurso público na criação de poder e de realidade, (2) elimina por omissão qualquer análise das estruturas sociais hierárquicas que sustentam o que é sem dúvida outra forma de dominação linguística, e (3) reduz as práticas discursivas a uma questão quase estilística. Porque, da própria óptica desta *ideologia do compromisso linguístico*, que adiantaria que as elites “desleigadas” falassem o galego *também* na casa se o “seu” Povo continua a “perdê-lo” na casa? Para que esta reivindicação de suposta coerência linguística? A proposta não deveria ser que as elites falassem galego em privado: a proposta ideologicamente coerente seria que, *também em público*, estas elites falassem *exclusivamente espanhol*.

Neste sentido, concebendo o discurso público como fonte de poder e dominação social, resta perguntar-nos qual é o seu papel no que deí em chamar a Construção de Língua. Qual é a *linguagem* que, segundo Bourdieu, acompanha sempre a formação de Língua nos processos de intervenção dirigida? Que nos indica este discurso a respeito da *geração, mantimento, administração, supressão ou exclusão das identidades?*

3. CONCLUSÕES

Na Galiza, o efeito do trabalho ideológico dos especialistas da língua e das elites políticas está sendo, como aponta Bourdieu (1977:3) o de “fornecer os meios para transformar a simples competência [linguística] prática em competência simbólica, para transmutar o in-dizível em dizível, para ultrapassar as fronteiras do impensável”.¹¹ Por efeito dos discursos ideológicos, a fala ultrapassa o âmbito da utilidade privada para constituir-se em indicativo do *moral*. É apenas lógico que o *galego público*, assim constituído em capital simbólico, seja *locus* privilegiado das lutas ideológicas e objecto de construção, definição e apropriação.

Claramente, o grande ausente destas manifestações de ideologização da fala é “o português” e o que se entende comumente por “português”. O enquadramento dominante “galego/espanhol” *mascara e desactiva* o possível reconhecimento

(11) “... providing the means of transforming simple practical mastery into symbolic mastery; of transmuting the unsayable into the sayable, of transgressing the boundaries of the unthinkable”.

do 'alheio' ("português") no 'próprio' ("galego"). A invisibilidade do "português" descansa num triplo sustento argumental:

(1) A aplicação de critérios diferentes à língua galego-portuguesa e à espanhola para a *conversão técnica da variabilidade da fala em Língua* (dentro do galego-português, a variação dialectal constitui-se em "língua"; dentro do espanhol, anula-se em favor da unidade).

(2) A eliminação efectiva do referente "português" por meio da sua simples omissão.

E (3) a subordinação a concepções político-administrativas para a territorialização das línguas.¹² A convivência generalizada entre os poderes linguísticos e políticos *espanhóis* e as elites locais para construírem juntos o que se apresenta ideologicamente como língua *galega* revela-se de maneira indiscutível nas próprias palavras do professor Constantino García:

(7) **DT8705.A.** Debate "A dúas bandas", "O porvir do galego".

209 C.G.: por esso (=isso) eu
210 não creio em absoluto nos poderes linguísticos
211 nem quase mesmo
212 nos poderes políticos
213 **a não ser que**
214 **uma:: língua**
215 **o (=ou) que esse poder político**
216 **esté estea (=esteja) unido**
217 **completamente**
218 **a essa língua**

Assim, contra todos os postulados da linguística e sociolinguística desde Bloomfield até hoje, no *doxa* da ideologia linguística dominante (não no trabalho heterodoxo sobre o conflito sociolinguístico, p. ex. Gil Hernández e Rabunhal Corgo 1989) o construto básico da "comunidade linguística galega" é *circunscrito em termos puramente político-administrativos*. E a noção "comunidade linguística" é tomada por quase todos como uma outra *instância totalizadora* de identidade que, como criticam em termos teóricos gerais Gal e Woolard (1995:130), inescusavelmente "ignora os processos de conflito, competição, exclusão, relações fronteiriças e diferenciação que são centrais para a investigação actual das ciências sociais em torno da formação da identidade".¹³

Porque as identidades e vozes sociais são múltiplas e funcionam em diversos níveis de generalidade. Entre a unitária identidade nacional e as identidades locais

(12) De facto, no discurso sociolinguístico hegemónico chama-se "galego exterior" às falas galego-portuguesas existentes noutras zonas do Estado Espanhol (Astúrias, Estremadura), mas nunca às existentes em Portugal.

(13) "[T]he notion of speech community has directed attention to consensus and sharing of interpretations within a bounded social unit, while neglecting processes of conflict, competition, exclusion, boundary relationships and differentiation, which are at the center of current social scientific investigations of identity formation".

invocadas em cada momento da interação ('político', 'entrevistador', 'escritor', 'galego', 'filólogo') situam-se as identidades de classe, de género, urbanas, rurais, etc., como revela, de diversos ângulos, o crescente trabalho micro-sociolinguístico recente na Galiza (Álvarez Cáccamo 1993, 1996a, 1996b; Herrero Valeiro 1996, Prego Vázquez 1994; Rodríguez Yáñez 1995). O *confronto de identidades* no espaço ubíquo das interações discursivas diárias (as que fazem, em definitivo, as nossas vidas), incluindo obviamente a nossa contemplação do Discurso e a sua linguagem no silêncio da nossa sala de estar, é muito mais rico, mais denso e mais *fundamental* para compreendermos a situação sociolinguística do que as radiografias planas da sociolinguística de números globais. A sociolinguística quantitativa critica a sociolinguística interpretativa da fala por "perder-se no detalhe", por "ver as árvores mas não ver a floresta". Pela sua parte, a sociolinguística programática (p. ex. Rodríguez 1991 [1976]) critica-lhe a sua suposta "antropologização" duma realidade social "objectiva" que só pode ser uma "Nação". O meu intuito foi simplesmente evidenciar que não se pode ver a floresta se não se vêem as suas árvores, que as árvores são árvores e são floresta *simultaneamente*, e que as árvores são árvores e a floresta é floresta sempre antes do que Parque Nacional.

Entrementes, tanto desde o nacionalismo linguístico galego quanto desde o nacionalismo linguístico espanhol se geram os discursos ideológicos que alimentam as generalizações sobre a conduta linguística pública como uma *representação e enacção duma ordem colectiva homogénea*. À sua vez, num processo dialéctico, estas condutas linguísticas públicas alimentam, reforçam e legitimam o actual modelo dominante de representação do conflito sociolinguístico, focado em torno do lema da suposta "*normalización da lingua galega*" e coerido pela *exclusão* do "português" e do "galego-português" da consciência colectiva.

Seria arriscado e mesmo optimista assegurar que as elites geradoras destas *ideologias de normalização da língua galega* (que vão desde os proponentes do "bilinguismo harmónico" até os proponentes do "monolinguismo em Galego") são capazes de desenhar *consciente e deliberadamente* o processo de fagocitose de identidades que a nova ordem sociolinguística acarreta, ainda que esta possibilidade não é impensável. Mas o que deveriam lembrar pelo menos os grupos contíguos a estas elites, que obtêm delas benefícios efémeros e não tão efémeros, é que a actual concepção dominante do Galego e a sua utilidade não é mais do que *um* modelo teórico e *uma* subsequente prática de dominação das elites técnicas e intelectuais, e que, como tal, está sujeita estruturalmente às contingentes *necessidades das elites económicas e políticas que dentro do Reino de Espanha sustentam o processo*. Porque, como lhe disse Ricardo Reis a Pessoa e Saramago,

"provavelmente a língua" [na Galiza a espanhola, naturalmente] "é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que exprimam uma pequena parte do que é, e quando a língua tiver dito tudo, e calado, sempre quero ver como iremos nós viver".

O que equivale a dizer que Saturno sempre que quer devora os seus filhos, mesmo os mais fiéis. E adopta outros novos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez-Cáccamo, Celso. 1993. "The pigeon house, the octopus, and the people: The ideologization of linguistic practices in Galiza". *Plurilinguismes* 6, 1-26.
- Álvarez-Cáccamo, Celso. 1996a. "Building alliances in political discourse: Language, institutional authority, and resistance". *Folia Linguistica* XXX.3/4, *Special Issue on Interactional Sociolinguistics*, ed. por Helga Kotthoff, pp. 245-270.
- Álvarez-Cáccamo, Celso. 1996b. "The power of reflexive language(s): Code displacement in reported speech". *Journal of Pragmatics* 25, 33-59.
- Anderson, Benedict. 1983. *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- Atkinson, J. Maxwell, e John Heritage, eds. 1984. *Structures of social action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bakhtin, Mikhail M. 1981. "Discourse in the novel". Em *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 259-422.
- Blommaert, Jan, e Jef Verschueren. 1992. "The role of language in European nationalist ideologies". *Pragmatics* 2.3, 355-375.
- Bourdieu, Pierre. 1977. "Two Bourdieu texts". *Stencilled Occasional Paper* 46. Birmingham: Centre for Contemporary Cultural Studies, Univ. of Birmingham. Tradução de Richard Nice.
- Carvalho Calero, Ricardo. 1983. *Da fala e da escrita*. Ourense: Galiza Ed.
- Carvalho Calero, Ricardo. 1990. *Do galego e da Galiza*. Compostela: Sotelo Blanco.
- Domínguez Seco, Luzia. 1993. "Na construção do galego como língua legítima: Uma análise dos textos de língua do bacharelato". *Agália. Revista da Associação Galega da Língua* 34, 147-166.
- Gal, Susan, e Kathryn A. Woolard. 1995. "Constructing languages and publics: Authority and representation". *Pragmatics* 5.2, 129-138.
- Giddens, Anthony. 1984. *The constitution of society. Outline of the theory of structuration*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Gil Hernández, António, e Henrique Rabunhal Corgo. 1989. "O conceito de diglossia segundo Ch. A. Ferguson e a sua pertinência para a Comunidade Lusófona da Galiza: Um caso de diglossia por deslocação". *Nós* 13-18, 361-388.
- Grice, Paul H. 1975. "Logic and conversation". Em Peter Cole e Jerry L. Morgan, eds. *Syntax and Semantics*, vol. 3. New York: Academic Press, 41-58.
- Gumperz, John J. 1982a. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gumperz, John J., ed. 1982b. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gumperz, John J., e Jenny Cook-Gumperz. 1982. "Introduction: Language and the communication of social identity". Em Gumperz, ed. (1982b), 1-21.
- Günthner, Susanne. no prelo. "The contextualization of affect in reported dialogues". Em Susanne Niemeier e Rene Dirven, eds. *The language of emotions: Conceptualization, expression, and theoretical foundations*. Amsterdam: John Benjamins.
- Herrero Valeiro, Mário J. 1993. "Guerre des graphies et conflit glottopolitique: lignes de discours dans la sociolinguistique galicienne". *Plurilinguismes* 6, 181-209.
- Herrero Valeiro, Mário J. 1996. "Os novos galegos e o uso do galego como inciso conversacional". Comunicação apresentada no V Congresso da Associação Galega da Língua, Vigo, Novembro 1996.

- Kallmeyer, Werner, e Inken Keim. 1988. "The symbolization of social identity. Ethnography and analysis of linguistic variation in a project about urban communication in Mannheim". Em Norbert Dittmar e Peter Schlobinski, eds. *The sociolinguistics of urban vernaculars: Case studies and their evaluation*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 232-257.
- Mitchell-Kernan, Claudia. 1972. "Signifying and marking: Two Afro-American speech acts". Em John J. Gumperz e Dell Hymes, eds. *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 161-179.
- Ochs, Elinor, Carolyn Taylor, Dina Rudolph e Ruth Smith. 1992. "Storytelling as a theory-building activity". *Discourse Processes* 15, 37-72.
- Prego Vázquez, Gabriela. 1994. *Estrategias discursivas de regateos recogidos en las ferias rurales de Carballo y Paioasaco. Desde la microestructura discursiva de los regateos hacia la estructura del espacio rural gallego*. Tese de Licenciatura, Departamento de Lingüística Geral e Teoría da Literatura, Universidade da Corunha.
- Rodrigues Lapa, Manuel. 1973. "A recuperación literária do galego". *Grial* 41, 278-287.
- Rodrigues Lapa, Manuel. 1981. "Algo de novo sobre o problema do galego". *Grial* 74, 497-500.
- Rodríguez, Francisco. 1991 [1976]. *Conflicto lingüístico e ideoloxía na Galiza*. Pontevedra: Xistral. 3ª edición corrigida e acrescentada.
- Rodríguez Yáñez, Xoán Paulo. 1995. *Estratexias de comunicación nas interaccións cliente-vendedor no mercado da cidade de Lugo: As alternancias de lingua galego-castelán e a negociación de escolla de lingua*. Tese de Doutoramento, Departamento de Lingüística Geral e Teoría da Literatura, Universidade da Corunha.
- Silverstein, Michael. 1981. "The limits of awareness". *Sociolinguistic Working Paper* 84. Austin, Texas: Southwest Educational Development Laboratory.
- Silverstein, Michael. 1993. "Metapragmatic discourse and metapragmatic function". Em John A. Lucy, ed. *Reflexive language: Reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 33-58.
- Wodak, Ruth. 1989. "1968: The power of political jargon: A 'Club-2' discussion". Em *Language, power and ideology: Studies in political discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 137-163.
- Woolard, Kathryn A. 1992. "Language ideology: Issues and approaches". *Pragmatics* 2.3, 235-249.

O significado simbólico do touro e outros aspectos da religiom celta¹

José Lois ARMADA PITA

1. INTRODUÇOM

Os conhecimentos sobre a religiom pré-romana do Noroeste peninsular eram mínimos até há uns anos. Trás umha longa parêntese coincidente com a ditadura franquista, começárom a aparecer passeninhamente os estudos de autores como J. C. Bermejo Barrera ou F. Alonso Romero. O momento chave na investigação produze-se em 1990, ano de publicação da tese de doutoramento de Blanca García Fernández-Albalat, quem demonstrou mais umha vez que a metodologia é o mais importante no resultado final dumha investigação. A sua tese enquadrrou-se dentro da linha de trabalho instaurada polo professor Bermejo e, tendo como ponto de partida a epigrafia -sobretudo a portuguesa-, procedeu a um labor de procura de analogias com o resto das religions celtas europeias, muito melhor conhecidas; entre outras cousas porque, além das circunstâncias históricas e de contar (no caso das ilhas) com umha fecunda literatura de começos da Idade Média, a investigação no resto de Europa está muito mais avançada.

Nesta religiom celta, como em quase todas as religions do mundo, o touro está rodeado de conotaçoms simbólicas. A força e a bravura deste animal nom devêrom passar despercebidas para os nossos devanceiros; porém, os estudos dedicados ao tema nom som numerosos nem muito menos. Este trabalho pretende ser umha síntese sobre o significado simbólico do touro no NO da Península Ibérica, especialmente no território que compreenderiam as antigas Lusitania e Gallaecia, embora em ocasioms tenhamos que estender-nos ao resto da zona de ocupaçom indoeuro-

(1) Quero expressar o meu agradecimento a Andrés Pena Graña pola informaçom facilitada e a Fernando González Muñoz polas suas interessantes valoraçoms, assim como ao Grupo de Arqueologia da Terra de Trasancos pola cessom das fotografias e o trabalho de campo. Traduzo para galego a totalidade das citas para umha maior comodidade.

peia na procura de dados que alumiem a completa escuridade no conhecimento da nossa religiom proto-histórica. Aliás, nom podemos esquecer a importância da mitologia comparada, umha vez que Garcia Fernández-Albalat sinalou a grande unidade de pensamento dos povos celtas.

Por outra parte somos conscientes da inutilidade de estudar um mito ou um símbolo afastado do resto da concepçom religiosa, como também constitui umha enorme falácia tratar a religiom fora do contexto político-social, sobretudo numha sociedade em que poder político e poder religioso estão ferreamente unidos. Segundo a afirmaçom da mesma doutora [1990:10]:

“... um panteom nom é mais que a plasmaçom dumha estrutura de pensamento dumha determinada sociedade, em relaçom às suas crenças e concepçons sobre aquilo que a rodeia (...). É lógico supor que a umha determinada estrutura religiosa corresponda umha análoga estrutura social”.

Por esta mesma razom, em aras dumha completa compreensom do simbolismo do touro, assim como para a sua contextualizaçom, vamos tratar em primeiro lugar alguns aspectos da organizaçom social importantes para este fim. Consideramos que esta perspectiva, que chamaremos *mitologia global ou imersa*, deveria predominar sempre no estudo desta disciplina.

Creemos que está já fora de toda dúvida o carácter céltico dos habitantes proto-históricos da Galiza e boa parte da Península Ibérica. É inegável que o conhecimento arqueológico foi sempre -mas especialmente neste século XX- manipulado com fins ideológicos. A chegada de Carlos Alonso del Real a Compostela, se bem foi notavelmente positiva nalguns aspectos, no caso da investigaçom a respeito do celtismo constituiu um enorme retrocesso. Respondia a sua postura a umha ideologia uniformadora do Estado Espanhol, enquadrada na política estatalista do regime franquista.

Porém, é preciso começar explicando o que é que entendemos por **celta**, conceito de que todos falam e ninguém se pom de acordo à hora de definir. Umha postura muito estendida sustenta que a língua é o único critério que nos permite identificar a procedência céltica dum povo; o problema é que o nosso conhecimento destas línguas pré-históricas é escasso. Longe de submetermo-nos a este critério, cremos -junto a autores como L. A. Garcia Moreno ou A. Pena Graña- que a organizaçom social é o elemento que verdadeiramente define a cultura celta. Embora seja certo que o nosso conhecimento a respeito da realidade político-social nom é precisamente amplo, consideramos positivo que os lingüistas comecem a reconhecer as suas limitaçons. Ainda assim, é interessante a sentença de Garcia Moreno [1993:328-330]:

“Por um lado falaremos de mundo céltico sempre que se dem umhas formas sociais e políticas homologáveis como tais, tanto no seu aspecto estático como, e muito especialmente, na sua dinâmica ou dialéctica interna. Mas por outro lado consideramos elementos menos decisórios à hora de falar de celtas peninsulares o problema da língua que falassem e, desde logo, o de que os elementos de cultura material detectáveis pola

Arqueologia podam ser catalogados com umha tipologia celta bem definida no Mundo Centro-europeu e francês. E somos bem conscientes de que a primeira afirmação destas duas últimas nom deixará de produzir um certo escândalo tanto a lingüistas como a arqueólogos”. [Portanto]“... todo o que seja fazer hipóteses sobre qual era a língua falada por povos denominados nas fontes literárias galaicos, cántabros, vetons, astures ou vaceos parece-me fora de lugar”.

Para obter os resultados ajeitados é evidente que a procura de analogias deve fazer-se entre estruturas complexas e nom entre elementos concretos, já que também nom podemos negar algumas diferenças entre a vasta totalidade da religiom celta. Neste sentido nom podemos deixar de reproduzir um fragmento de Diez de Velasco, dada a sua importância na nossa particular concepção do celtismo que logo exporemos [1995:246]:

“O problema da celticidade do território galaico-lusitano (o mesmo que o doutras zonas marginais do desenvolvimento indo-europeu) apresenta-se portanto como um tema aberto desde a óptica da comunicação religiosa. Se deixamos estabelecido que o mundo céltico nom tivo unidade (inclui ecossistemas muito diversos), interactuou com os seus diversos vizinhos e evoluiu tanto local como temporalmente, e que em certas zonas nom contou com um grupo sacerdotal que coerisse as crenças (como parece que ocorreu na Península Ibérica) poderemos analisar testemunhos diversos sem a necessidade de estabelecer categorias taxonómicas particulares (como a dos indo-europeus pré-celtas para os lusitano-galaicos)”.

Onde de nengum jeito podemos estar de acordo com este autor é na afirmação de que entre os celtas peninsulares nom existiu umha classe sacerdotal; esta afirmação é um tópico muito popular inferido do facto de que este colectivo nom se cita nos textos clássicos. Hoje está demonstrada a existência deste clero; mas ainda assim, por razons de lógica, é difícil imaginar umha sociedade proto-histórica sem patriarcas espirituais mediadores entre a divindade e o povo.

O problema fundamental de toda a investigação histórica —incrementado na medida que aumenta a distância cronológica— é o concernente à mentalidade colectiva, especialmente no âmbito religioso: o trasfondo psíquico subjacente a toda a prática espiritual. Mas, por outra parte as mentalidades constituem um dos principais campos de estudo da nova ciência histórica, de aí a importância que cobrárom neste século disciplinas como a hermenêutica ou a sociologia, das quais a história deve servir-se para atingir os seus objectivos. De todos os jeitos, é impossível que logremos situarmo-nos no universo mental dos nossos devanceiros, por isso consideramos irracionais muitos dos actos da sua vida diária.

2. O PARADIGMA DA CELTICIDADE CUMULATIVA E O SEU QUADRO GEOGRÁFICO

A arqueologia tradicional defende que a chegada dos celtas à Galiza se produz em sucessivas migrações entre aproximadamente os séculos VII e IV a.C., dando-

se assim um processo de aculturação. Sem negar a existência de migrações e comércio nesta época —mais bem ao contrário— nom podemos deixar de considerar esta teoria extremamente ingénua e simplista; a imagem de hordas de ferros guerreiros avançando indiscriminada e violentamente ou as migrações massivas de povos inteiros deve ser, segundo o nosso critério, amplamente corrigida, tendo que explicar assim a celtização como um processo mais lento e complexo. Esta é a visom da Nova Arqueologia. Segundo o britânico Colin Renfrew [1990:11]:

“Nos inícios da arqueologia este tema constituiu um tópico fundamental de interesse, e muitos dedicárom-se a localizar as origens dos celtas, ou dos gregos, ou de algumas tribos de América do Norte, examinando o registo arqueológico na procura de indícios das suas supostas migrações. As suas conclusons costumavam adoptar umha forma um tanto simplista, baseadas nalgum tipo concreto de cerâmica, ou quiçá numha forma particular de enterramento, considerados como claras indicações da existência reconhecível dumha tribo primitiva, cujos membros se consideravam portadores originários de tal ou qual língua. O mapa pré-histórico da área analisada enchia-se muito logo de flechas indicando as supostas trajetórias destes povos, identificados normalmente tam só polo nome da língua em questom, para que parecesse aos olhos do profano como se as línguas se deslocassem dum lugar para outro através do mapa”.

De facto, a ideia segundo a qual, durante a Idade do Ferro, as Ilhas Británicas recebêrom importantes migrações procedentes do continente foi quase unanimemente abandonada; é muito provável que quando as teorias invasionistas peninsulares sejam examinadas com profundidade corram a mesma sorte, dado que o registo arqueológico em muitas ocasiões só pode servir-nos para corroborar a magnitude dos denominados *World economic systems*.

A visom que vamos propor a seguir nom pretende ser a definitiva nem a total e absolutamente verdadeira —cada vez estamos mais convencidos de que a arqueologia é um dos saberes cujo progresso oferece melhores condições para ser analisado desde a filosofia da ciência— mas na situação actual dos conhecimentos, é basicamente aceitável.

Vamos partir do conceito de *Celticidade cumulativa* (Cumulative celticity) cunhado por Christopher Hawkes. Baseia-se este postulado na continuidade apreçada no mundo céltico desde a Idade do Bronze (e incluso um pouco antes) até finais do Ferro, mantendo-se nalgumas zonas durante a romanização. Isto implicaria um desenvolvimento lento, progressivo e sem grandes rupturas por migrações radicais; o contacto entre as diversas regions seria contínuo (variando a intensidade segundo as zonas), dado que já desde a cultura do Vaso Campaniforme está documentado o emprego do cavalo como meio de transporte, o que permitiria umha extraordinária mobilidade. Se ademais admitimos a importância do factor geográfico, atopamo-nos com que Galiza, Portugal e as Ilhas Británicas som zonas marginais, autênticos finis terrae; de aí que P. Brun, no artigo intitulado *“From chieftdom to state organization in Celtic Europe”* (incluído no livro *Celtic chieftdom, celtic state*) englobe estes territórios dentro dum conjunto culturalmente

homogéneo que denomina *Atlantic complex*, distinguindo outros territórios com denominações como *Nordic complex*, *North-Alpine complex*, *Iberian complex* ou *Italian complex*. Em consonância com esta opinião F. le Roux e C. J. Guyonvarc'h (no seu livro *La civilisation Celtique*) afirmam que “... os celtas formavam um grupo já coerente numa época muito anterior à sua proto-história”.

Em 1988 Colin Renfrew, apoiando-se no conceito de celticidade acumulativa, publicou umha revolucionária teoria que provocou umha enorme polémica; nom em vao, o próprio autor reconhece que a sua visom da arqueologia ainda está em fase de maduraçom. Nós cremos que a sua teoria precisa importantes matizações mas reconhecemos a inqüestionável base lógica dalguns dos seus postulados, considerando portanto excessivas as viscerais críticas de autores como F. Villar.

Postula o arqueólogo británico umha corrente de avanço do povo indo-europeu paralela à implantaçom da agricultura e a gadaria na Europa e compreendida portanto entre o VII e o III milénio a.C., inferindo disto um substrato comum para o Neolítico europeu. Portanto, segundo a sua exposiçom, indo-europeizaçom seria igual a neolitizaçom.

Na realidade, no caso que nos ocupa, nom podemos deixar de considerar nestes momentos arriscado situar a chegada do elemento indo-europeu ao noroeste peninsular num período tam prematuro. Onde cremos que sim acerta é em considerar a cultura celta como algo mais complexo que a mera evoluçom *Hallstatt* > *La Tène*.

Para a total compreensom dos períodos Neolítico e Bronze consideramos excepcionais e por agora nom superados os trabalhos de Luís Monteagudo —a quem recentemente se lhe dedicou umha merecida homenagem—, máximo especialista nesta matéria, assim como no tratamento dos textos clássicos. Considera este professor um substrato de base oriental —com abundantes elementos do Egeu— para o Neolítico peninsular e situa a chegada do elemento indo-europeu ao NO a finais do Bronze antigo [1981:54]:

“Sobre esta mistura de megalíticos e campaniformes, desde 1650 a.C. chegam à Galiza pequenos grupos de celto-alpinos (como os chamamos no nosso trabalho de 1953) que constituiriam a primeira vaga de indo-europeus, acaso falando a ‘alteinropäische Sprache’ de Krahe, e portanto com palavras proto-celtas reflectidas sobretudo na hidronímia e toponímia. Estes indo-europeus trazeriam elementos culturais de origem danubiana e suíça...”

É lógico, pois, à luz de toda esta visom da arqueologia, conceber um processo de indo-europeizaçom lento, progressivo e contínuo desde a chegada destes celto-alpinos —e quiçais antes— ao NO peninsular, podendo falar de elementos inteiramente celtas quando menos desde o século IX a.C.; isto acarreta assumir a teoria da celticidade acumulativa e descartar as vagas invasionistas como factor conformativo da nossa celticidade.

3. CONTRIBUTOS DA LINGÜÍSTICA PARA O CONHECIMENTO DA NOSSA PROTO-HISTÓRIA

Como antes sinalamos, para a maioria dos lingüistas o idioma foi e segue a ser o principal elemento distintivo da cultura celta; porém, ninguém pode negar que o nosso conhecimento dessas línguas é mínimo (o Bronze de Botorrita nom se decifrou ainda a mais de 20 anos do seu descobrimento). Por outra parte tende-se a olhar as línguas com a visom actual, como se no mundo antigo houvesse umhas fronteiras definidas que delimitassem a fala dum estado, umha Real Academia que fixasse umhas normas e uns meios de comunicação que difundissem um idioma uniforme e homogéneo conforme às normas dessa academia. Ainda assim, nom podemos negar a importância da lingüística histórica para o conhecimento do nosso passado, mas nom por isto vamos aceitar o dogma da língua como único factor diferenciador do elemento celta.

Entre os máximos especialistas nas línguas pré-romanas da nossa península temos que considerar entre outros a Francisco Villar, Jürgen Untermann e o finado Antonio Tovar. Foi precisamente este último quem formulou umha acertada visom da dinâmica lingüística consistente numha divisom contínua do indo-europeu ao longo de vários milénios, da qual resultariam inumeráveis variantes dialectais, para posteriormente aparecerem —sobre esta atomizaçom— línguas maiores mediante a atracçom e absorçom de variantes à medida que se formavam centros de poder e/ou religiosos e culturais.

Os estudos destes três autores permitírom delimitar dum jeito aproximado o território de fala indo-europeia na Península Ibérica, constatando a existência de ao menos duas línguas claramente indo-europeias: o Celtibérico e o Lusitano, contando ambas com numerosos dialectos no seu interior e existindo incluso umha zona de certa mistura ou superposiçom entre elas.

Tam só conhecemos da língua lusitana duas inscriçoms verdadeiramente significativas: a de Lamas de Moledo (Viseu) e a de Cabeço das Fráguas —a mais importante e da que logo falaremos dada a sua relaçom com o tema central deste trabalho—. Trás estudar ambas as inscriçoms e outros muitos teónimos e topónimos, Untermann promulgou a unidade teonímica para a Gallaecia e a Lusitania, deduzindo assim umha mais que provável unidade lingüística destes dous territórios [1993:371]:

“Igualmente, é impossível separar os nomes das divindades galaicas da teonímia lusitana, asseverada na Lusitânia central até o rio Tejo, tanto pola sua estrutura em geral, quer dizer, polo emprego de epítetos em forma de adjectivos derivados, com grande preferéncia através dos sufixos -iaico- e -ieno-, como polos mesmos teónimos, em particular Bandu, Munidi, Nabia e Reve. Note-se que esta área inclui os lugares em que se achárom inscriçoms em língua lusitana das quais ao menos umha, a do Cabeço das Fráguas, atesta três teónimos do tipo galaico-lusitano”.

A existência dum *p* na inscriçom de Cabeço das Fráguas —na palavra *porcom*— deu pé a que alguns negassem o carácter céltico da língua lusitana aduzindo que as línguas celtas nom conservam o *p* inicial ou intervocálico, argu-

mento este totalmente insustentável, como muito bem afirma o próprio Untermann. Comprovamos agora até onde chega a escasseza de vista dos que pretendem negar o carácter céltico dumha regiom pola existência dumha letra numha inscriçom de época romana.

Polo visto até agora cremos que a lingüística, dada a precariedade dos seus conhecimentos a respeito deste território, deveria interactuar em maior grau com a arqueologia em lugar de ir tanto por livre, umha vez que as teorias invasionistas fôrom descartadas, polo que os substratos e superestratos deixam de ser tam singelamente identificáveis.

Em definitivo, consideramos que esta visom do problema lingüístico concorda mais com a teoria da celticidade acumulativa, que justifica a existência dumha grande quantidade de variedades dialectais; incluso Garcia Moreno fala da possível existência de fenómenos de bilingüísmo.

Logo, além da organizaçom social, da qual a seguir falaremos, também a língua do NO é celta, fazendo parte deste jeito dum vasto grupo de línguas celtas mais amplo do que num princípio se cria. Segundo Colin Renfrew, desde a Europa central até Ocidente, em todo o território ao norte dos Alpes, falárom-se, ao parecer, línguas celtas; nas zonas central e ocidental da Ibéria também; na Escandinávia nom existe evidência clara, mas é nessa regiom onde aparecem mais tarde as línguas germánicas. Este panorama corresponde ao final do primeiro milénio e à mudança de Era. A distinçom entre galos e germanos aparece pola primeira vez nos textos clássicos no 70 a.C., mas é evidente que já existiam diferenças desde muito antes.

Umha vez aclarados os conceitos fundamentais, podemos avançar já cara ao núcleo do tema que estamos a tratar, nom sem antes contextualizá-lo na estrutura político-social.

4. INTRODUÇOM À ESTRUTURA SOCIAL DO NO PENINSULAR

O estudo da sociedade castreja vai-nos resultar aqui importante por duas razoms: a) porque —como antes indicámos— a estrutura social é um dos principais factores distintivos da estirpe céltica e b) porque vai resultar vitalmente precisa na explicaçom da religiom celta em geral e do significado simbólico do touro em particular. Em resumo, este apartado seria o ponto convergente da concepçom de *mitologia global ou imersa*.

A olhada panorámica desta sociedade celta do NO peninsular revela-nos umha cultura guerreira e muito hierarquizada. Para começar a nossa exposiçom parece-nos avondo ilustrativa a cita do professor Garcia Moreno [1993:343]:

“Em conclusom chamaremos Espanha céltica a umha onde se documentem instituicons e estruturas sociopolíticas tais como: organizaçoms suprafamiliares, associaçoms de funcionalidade militar com ritos e cultos iniciáticos, e umha forte tendência a umha profunda hierarquizaçom social com umha poderosa nobreza baseada em clientelas militares e nom militares. Umhas e outras surgidas da noçom de Soberania doméstica, e a primeira também destas organizaçoms de funcionalidade militar”.

Os recentes estudos (Bermejo Barrera, Garcia Fernández-Albalat e Pena Graña) demonstráram que esta hierarquia se estruturaria de forma vertical enquadrando-se dentro do esquema trifuncional indo-europeu: classe sacerdotal e rei > guerreiros > produtores.

A uniom ou compenetração entre o clero e o rei era tal que quase é impossível estudá-los por separado; de facto, à hora de redigir este trabalho tivemos dúvidas com respeito a analisar algumas questons neste apartado ou no da religiom.

O rei ou soberano seria entom o administrador económico, o teórico governador, mas o seu labor estaria vigiado constantemente polos druidas, autênticos ideólogos e guias espirituais da população e cujo papel analisaremos no seguinte ponto. O rei poderia ser substituído ou incluso executado em caso de desenvolver mal o seu papel ou nom gozar da aceitação do povo. Periodicamente convocariam-se reunions para as refeições e para tomar decisons importantes, de aí a existência de grandes casas com banco corrido nalguns recintos castrejos (fig. 2).

A classe guerreira gozaria de especial importância nesta estrutura. Garcia Fernández-Albalat advertiu neste território a sobrevivência dumhas arcaicas confrarias de guerreiros organizadas em torno a um líder a quem os autores clássicos denominam *bandoleiros lusitanos*. Estes grupos, que na Irlanda recebem o nome de *fianna*, fôrom em boa parte integrados no exército romano depois da conquista. Tinham alta consideração por valores como o honor e a valentia e a sua dedicação exclusiva eram a caça e a guerra, encarregando-se da custódia dos limites territoriais. O seu estilo de combater era individual ou em grupos de dous, como se se tratasse dos combates cavaleirescos medievais. A morte do seu líder era um acontecimento excepcional: trás numerosos rituais, vários guerreiros batiam-se sobre o seu túmulo para decidir quais deles o iam acompanhar na viagem sem retorno.

Finalmente, a terceira classe ou estamento funcional -a dos produtores- seria fundamental para a subsistência das outra duas, englobando por suposto as mulheres. Muitos dos seus membros seriam parcial ou totalmente dependentes (fig. 3), como patenteiam os pioneiros estudos de Pena Graña entre outros. O seu labor fundamentava-se na agricultura e a gadaria —Estrabom afirma que o cultivo da terra correspondia às mulheres—.

Profundizando no relativo à mulher, é provável que estas tivessem os mesmos direitos que os homens, como sucede no resto do mundo celta. No matrimónio —alguns textos clássicos já o insinuam— existiria umha tendência aos casamentos entre coirmaos cruzados ou entre tio-sobrinha, quiçais na procura da estabilidade familiar.

Problema de extrema complexidade é o da vida institucional no nível superior ao povoado. Hoje ninguém nega a existência de territórios políticos que agrupariam vários castros e formariam umha tribo. Autores como Plínio ou Ptolomeu dam conta da existência destas tribos ou clans denominados *populus*, *civitates* ou *trebas* (*tuath* na Irlanda e *cantref* em Gales). Os limites destes pequenos estados autónomos estavam perfeitamente delimitados como testemunha a epígrafe do Rigueiral (Sanfins, Valpaços): *TERMIN TREB OBILI*.

Investigações recentes comprováram até que ponto todo este entramado insti-

tucional se manteve no meio rural e as polémicas teses de Pena Graña vírom-se referendadas no ano 95 com a publicação por parte da Universidade de Cambridge da obra colectiva *Celtic chiefdom, celtic state*; previamente, em 1992, celebráram-se em Compostela os *Encontros científicos em homenagem a F. Bouza Brey*, que analisáram o tránsito Ferro > Romanização > Germanização, âmbito de investigação que consideramos de vital interesse para delimitar até que ponto o folclore e as tradiçõs rurais galegas e portuguesas podem servir de fonte para o estudo da religiõm e a mitologia proto-históricas.

É provável que, à margem da identidade cultural e lingüística, os celtas nom conhecessem umha organização superior a estas Trebas ou Populus que englobavam tribos de vínculo étnico (*Arróns, Nerios, Iadoves, Albiõns*, etc.); tribos que Rosa Brañas define como sistema segmentário afirmando [1995:259]:

“Este sistema caracterízase pola incorporación sucesiva de distintos niveis de organización en esferas de relacións intergrupais cada vez máis amplas: fogar > liñaxe > aldea > tribo..., favorecidas nos círculos máis extensos pola contigüidade territorial ou calquera outras afinidades, lingüísticas, culturais, etc.”

Esta organização de assentamentos castrejos estaria regentada por umha autoridade superior às hierarquias de cada castro individual, à qual chamaremos *Princeps*. Este cargo, entre outras tarefas, organizaria periodicamente umhas feiras ou assembleias —mais adiante desenvolveremos isto— com a participação muito activa da classe sacerdotal; numha chaira ou quiçá num escarpado penedo existiria umha pedra destinada às oferendas e práticas religiosas (a *TREBOPALA* de Cabeço das Fráguas, como logo veremos). Nestas assembleias, junto com as práticas religiosas, desenvolveriam-se multitude de actividades. Na Irlanda as reuniões deste tipo recebiam o nome de *Oenach*; a apariçõm dumha epígrafe no Noroeste peninsular —a ara de *Sam Mamede de Seávia*— com a palavra *OENA-ECVS* evidenciou outra vez a relativa uniformidade cultural do mundo celta.

Também os autores clássicos, Estrabom sobretudo, dérom conta da existência dumhas certas instituições jurídicas. Sabe-se que os condenados a morte eram despenhados por um barranco ou lapidados às pedradas, assim como alguns prisioneiros eram sacrificados aos deuses; os delitos de índole menor eram penados com a expulsõm da tribo.

E esta seria a traços grossos a organização social existente na Idade de Ferro no NO peninsular, malgrado que as incógnitas por resolver ainda som muitas. Logo desta breve —e por suposto criticável— exposiçõm podemos seguir estreitando o cerco e centrar-nos no tema principal deste trabalho: a religiõm celta e o papel do touro no seu seio.

5. ALGUNS ASPECTOS DA RELIGIOM CELTA. OS SACRIFÍCIOS

Nom pretendemos aqui oferecer umha panorámica global do fenómeno religioso no mundo celta, tarefa para a que carecemos por completo de tempo, espaço e autoridade. Nestas linhas vamos só insinuar —mais que tratar— alguns aspectos que consideramos importantes para a extracçõm de conclusõs finais. Para umha

perspectiva mais ampla do NO peninsular remetemos o leitor à interessante monografia de Blanca Garcia Fernández-Albalat e ao trabalho de A. Pena (*O território e as categorias sociais na Gallaecia antiga*), assim como ao livro de Rosa Brañas; obras todas elas de considerável densidade e cuja referência completa indicamos na bibliografia. Também os trabalhos de F. Alonso Romero podem oferecer dados importantes nos âmbitos do método comparativo. Por suposto, também som de obrigada consulta diversas publicações do professor Bermejo Barrera.

A primeira pontualização que queremos deixar clara de entrada —nom oferece discussom para os anteriores especialistas— é que o grau de desenvolvimento adquirido pola religiom celta é equiparável ao de qualquer povo da antigüidade; afortunadamente o estado da investigação superou já aqueles trabalhos em que se pretendia analisar o culto às fontes, às pedras ou às árvores: umha cousa é o objecto mediador, sugeridor ou representador e outra muito diferente é a divindade a que se lhe rende culto. Sustenta-se esta afirmação no facto de que a epigrafia de época romana testemunhasse quase quinhentos teónimos indígenas em toda a área celtizada.

A verdade é que existem testemunhos suficientes como para supor um teísmo triplista, o qual nom implica necessariamente um submetimento total e rigoroso à estrutura trifuncional indoeuropeia; sem embargo, F. Le Roux vê clara a trifuncionalidade dumeziliana na religiom celta. No noroeste peninsular, como bem sinalou Garcia Fernández-Albalat, a epigrafia revelou fundamentalmente quatro deuses: Bandua, Cosus, Nabia e Reua, cada um com umhas funções específicas e perfeitamente delimitadas.

A organização cultural de todas estas comunidades deu lugar a um complexo entramado de estranhas práticas rituais que sobreviverom na religiom católica sob epígrafes como *superstiçõs*, *religiosidade popular*, *folclore*, etc. A nossa condição de *finis-terrae* propiciou que muitas destas práticas perdurassem até hoje. Está por fazer um estudo sistemático e rigoroso que explique todo este processo, especialmente a sincretização destas práticas com as do mundo romano. Um trabalho desta índole remataria dumha vez por todas com anos de imensas lacunas e apreciações carentes de fundamento.

A nossa análise neste trabalho vai tratar sobretudo o aspecto ritual centrado no sacrifício realizado por um sacerdote no seio do armaçom sócio-institucional antes explicado. Pretendemos assim contextualizar os poucos testemunhos que nos chegarom do emprego do touro nestes rituais de imolaçom.

Segue a ser umha incógnita a localização dos lugares de culto nestas sociedades. Os templos muito provavelmente estavam ao ar livre e só conhecemos alguns possíveis lugares destinados a este fim (fig. 4). Há argumentos suficientes para associar os bosques com algum tipo de celebrações; neste sentido está documentada a raiz *nem(eton)*, com a conotação de lugar sagrado e, mais concretamente, bosque sagrado. Em todo o mundo céltico perduram hoje lendas e rituais que nos provam reminiscências do emprego da árvore como suporte do culto; de facto, há quem vê viável a associação etimológica de árvore ou madeira com o termo druída. Também adquire especial significado a noção de centro como santuário ideal.

Todo este entramado ritual que vimos expondo precisaria necessariamente dum canalizador ou director; é inimaginável o contrário e incompreensível portanto a obstinação de alguns em afirmar que na Gallaecia e Lusitania nom existiu esta figura. Já fosse sob o nome de *druídas*, *ovates*, *vates* ou outro qualquer, é inegável o seu papel na nossa sociedade antiga. As escassas fontes impedem-nos delimitar com precisom as suas funções específicas ou mesmo se possuíam alguma estrutura interna que distribuisse estas funções. Em todo o caso, estes eram a classe portadora da sabedoria e a tradição: encarregavam-se da especulação metafísica e a adivinhação, eram os governadores desde a escuridade e os juizes. É provável que nalguns casos exercessem também funções como a criação literária, a menzinha ou a pescuda histórica. O seu poder era quase ilimitado, determinando por suposto a eleição do rei e impondo severas obrigações e proibições à casta guerreira. A amostra mais clara de todo isto é a etimologia do termo druída: *dru-uid-es* = “os muito sábios”. Especial interesse reveste a descrição que desta classe fai César em *De bello gallico* (VI, 13), que F. Le Roux considera “*concosa mas bastante completa e sem erros manifestos*”. A descrição esclarece, aliás, as relações de dependência antes expostas e tam discutidas:

“Em toda a Galia só duas classes de gentes contam e som honradas, já que o povo em geral nom alcança maior consideração que os mesmos escravos, nom ousando nada por si mesmo, nem sendo-lhe consultado nada: a maior parte dos componentes deste estrato, quando se vem acossados polas dívidas, esmagados polos impostos ou submetidos à violência dos poderosos, colocam-se ao serviço dos nobres, que adquirem entom sobre eles os mesmos direitos que sobre os escravos. Destas duas classes prepotentes, umha é a dos druídas, a outra a dos cavaleiros. Os primeiros velam polas cousas divinas, ocupam-se dos sacrifícios públicos e privados e regulamentam todas as cousas referentes à religiom. Um grande número de jovens vêm instruir-se com eles, o que lhes proporciona umha grande consideração, sendo eles os que resolvem qualquer tipo de disputa pública ou privada, ao igual que os crimes, os assassinatos, as diferenças de limites ou de heranças, concernendo-lhes a avaliação de danos e a imposição de penas (...). Os druídas nom costumam ir à guerra, nem pagam impostos como o resto dos galos: estão dispensados do serviço militar e livres de toda obriga. Atraídos polas grandes vantagens, som, pois, muitos os que venhem por vontade própria a confiar-se ao seu ensino ou som enviados polos seus pais e parentes a este mester. Diz-se que o ensino consiste em aprender de memória um grande número de versos, sendo até vinte os anos que alguns permanecem na escola (...). O que sobretudo se tenta inculcar é que as almas nom perecem de todo, senom que passam dum corpo a outro, o que lhes parece em extremo ajeitado para excitar o valor, suprimindo todo temor à morte. Discutem, aliás, muito dos astros e os seus movimentos, da magnitude do mundo e a terra, da natureza das cousas, do poder dos deuses imortais, e todas essas especulações transmitem-nas aos jovens”.

É importante a acentuação por parte de César na forte crença da metempsicose no mundo celta, tam latente ainda hoje em santuários como o galego de Santo André de Teixido (as reminiscências celtas neste santuário fôrom tratadas por F. Alonso Romero, 1991). Outra característica importante a ressaltar é a pulcritude e elegância dos druidas: muitos textos clássicos aludem à sua roupa branca, única cor com a que vestiam.

Esta classe encarregava-se da direcção das festas organizadas no mundo celta em torno ao *oenach*, celebração analisada por Garcia Fernández-Albalat. A Irlanda é a fonte ideal para o conhecimento da religião celta; ali estão documentadas três festas principais (na realidade som quatro, mas a última estivo pouco estendida):

—*Samaim* (1 de Novembro)

—*Beltaine* (1 de Maio)

—*Lugnasad* (1 de Agosto)

—*Imbolc* (1 de Fevereiro) —pouco estendida

A festa de *Samaim* fazia-se no ponto de união de dous anos, numha data que, na realidade, nom pertencia nem a um ano nem a outro e, portanto, estava fora de tempo. Era a festa da classe guerreira, pretexto de borracheiras e festins, polo que às vezes rematava com mortes e violência. A Igreja transformou esta festa no Dia de Todos os Santos ou Dia de Defuntos, dando-lhe um tom melancólico que num princípio nom tinha. A festa de *Beltaine* era a festa dos druidas, da estação clara, do lume. O *Lugnasad* era a festa da colheita, rica em frutos; era umha festa pacífica cheia de jogos e de concursos mas quiçá nom isenta também de verdadeiros combates. Esta triada de festas explica entre outros assuntos o costume celta de contar o tempo por noites. Estabelecer se podemos extrapolar estas celebrações à cultura celta peninsular é algo extremamente difícil segundo os conhecimentos actuais.

O elemento central de toda a prática ritual neste território seria sem dúvida o sacrifício, aliás o eixo comum de grande parte das religiões antigas. Olhado desde umha perspectiva ampla viria a simbolizar umha renúncia aos laços terrenos por amor ao espírito ou à divindade. Além disso está ligado a umha ideia de intercâmbio a nível de energia criadora e/ou espiritual: quanto mais valioso for o elemento sacrificado, mais poderosa será a energia recebida em contrapartida. Isto implicaria umha relação matéria-espírito com a convicção de poder actuar nas forças impessoais, afirmando a supremacia do sacrificador sobre o sacrificado ao tempo que se reconhece um submetimento à divindade. Estabeleceria-se assim umha relação hierárquica: divindade > sacrificador > sacrificado.

Nas tradições celtas conhecemos a raiz etimológica que designava o sacrifício por comparação com o neocéltico: *IDPART* (irlandês), *ABERTH* (gaélico) e *ABERH* (bretom). Alguns reis irlandeses tinham ao final do seu reinado umha morte sacrificial que podia ser consumada por afogamento em vinho ou cerveja, por incêndio da sua residência, etc.

O avanço da investigação no noroeste peninsular vai permitindo clarificar paulatinamente as características dos sacrifícios aqui realizados, de modo que começam a casar achados arqueológicos, fontes clássicas e etimologias lingüísti-

cas. Como sinalou Bermejo, é praticamente segura a imolação de seres humanos —prisioneiros concretamente—; a classe sacerdotal procurava tanto nestes sacrifícios como nos dos animais, além do mero oferecimento aos deuses, a predição do devir futuro: mediante técnicas já assimiladas por gerações de druídas observavam-se questões tão macabras ao juízo do homem actual como a forma de correr o sangue, a cor das vísceras, as convulsões dos homens moribundos e a direcção em que estes caíam ao chão. De facto, as partes que habitualmente se ofereciam aos deuses eram aquelas associadas a um maior grau de vitalidade: o coração, o fígado, os rins, etc.

Também se lhe concedia grande importância à limpeza prévia ao ritual, mas o cuitelo tinha que ficar lixado de sangue ao rematar o sacrifício. O cuitelo curto sugere mais bem as pulsões instintivas do homem, enquanto que a folha longa evoca a nobreza e a altura espiritual do portador da espada. Em grande parte das culturas indoeuropeias estes objectos de sílice ou osso perduraram para os rituais durante muito tempo depois de que os metálicos estivessem já implantados.

Em fim, todo um conjunto de elementos faziam parte dum ritual irracional para o nosso moderno ponto de vista. Em palavras de R. M. Ogilvie [1995:57]:

“O sacrifício, especialmente o sacrifício cruento, é tão alheio às formas modernas de pensamento que é impossível reviver a fé de aqueles que, como os antigos judeus ou romanos, criam que era o meio mais efectivo de influir nos deuses”.

No território galaico-lusitano os recentes achados arqueológicos vêm confirmar a prática de rituais desta índole desde um período muito temporário, oferecendo-se calhar um argumento mais a favor da celticidade acumulativa. Estou-me a referir concretamente a dois descobrimentos recentes localizados numa zona geográfica muito concreta: a comarca de Betanços (Corunha). Som a mesa de sacrifícios de Sam Jiao de Vigo no concelho de Paderne (Erias Martínez / Pena Graña) e os petroglifos da Pena Furada, na paróquia de Santa Marinha de Lesa, concelho de Coirós (Fernández Malde).

O primeiro destes achados é uma pedra plana com forma de mesa de dimensões consideráveis (610 cm. N-S e 635 cm. E-O); tem também na sua superfície numerosas çaçoletas e círculos concêntricos. Os autores antes mencionados situam cronologicamente esta jazida no Neolítico Final (aprox. 3000 a. C.), baseando-se em que na fachada atlântica da Europa é frequente achar mámoas cujas lajes apresentam combinações circulares e que num momento anterior cumpriram a função de altares.

A segunda das estações é um rochedo com um conjunto muito heterogéneo de motivos rupestres; o facto de que um deles represente uma mulher com os órgãos sexuais muito destacados deu pé a que alguns arqueólogos associassem o conjunto com ritos propiciatórios da fecundidade. Outro elemento interessante é uma pia quadrangular de 30 cm. de lado. O autor do estudo, A. Fernández Malde, não precisou a cronologia desta jazida.

Também a epigrafia portuguesa subministrou dados convincentes e concretos a respeito dos sacrifícios. A de Cabeço das Fráguas será comentada no próximo

apartado dado que menciona um touro. Aqui centraremos-nos no significado da inscrição de Lamas de Moledo (Castro d’Aire, Viseu). Está em língua lusitana, embora seja de época romana; diz assim: *Rufinus et / Tiro scrip / serunt / Veaminicori / doenti / ancom / lamaticom / Crougeai maca / reacoï Petranioi r / adom porgom Iovea / caeilobrigoi*; que Pena Graña traduziu: “*Rufino e Tiro escreveram. Os Veaminicoros dam um anho lamático* (de Lamas de Moledo, lugar de procedência da inscrição) *para o altar Pedrom Magarainhico* (relação com a deusa celta Macha) *e um porco radom* (mantido, gordo) *para Iovea Celiobrigo*”. Vemos, portanto, que numha inscrição relativamente transparente se nos dá conta do sacrifício de dous animais -um anho e um porco- a cada a sua divindade.

A análise dos rituais e os sacrifícios nesta região da costa atlântica resulta necessariamente impossível de contextualizar noutra horizonte cultural que não seja o céltico. Aqui analisamos só alguns aspectos concretos e isolados do contexto global. Todas estas práticas estariam enquadradas numha concepção do mundo —e das suas coordenadas espaciais e temporais— quiçá só verdadeiramente compreensíveis para a classe religiosa; os guerreiros estavam guiados polos anteriores e viviam conforme a arquétipos cujos modelos de vida tentavam recordar. A este respeito reproduzimos as sempre clarificadoras conclusões de Mircea Eliade [1994:15]:

“No detalhe do seu conhecimento consciente, o primitivo, o home arcaico, não conhece nengum acto que não fosse exposto e vivido anteriormente por outro, outro que não era um home. O que ele faz, já se faz. A sua vida é a repetição ininterrupta de gestos inaugurados por outros”;

polo que conclui várias páginas mais adiante:

“Que significava viver para um home pertencente às culturas tradicionais? Ante todo, viver segundo modelos extraumanos, conforme a arquétipos”.

6. O TOURO NA RELIGIOM CELTA

6.1. Introdução

Já sinalamos a quase total omnipresença dos bovídeos —e do touro particularmente— na maioria das religiões do mundo, embora as conotações simbólicas logicamente variem dumhas culturas a outras.

Neste pequeno apartado introdutório vamos analisar um espectro mais amplo que o celta, antecessor directo do mesmo e, portanto, anterior cronologicamente: o indo-europeu. Consideramos de especial importância a aplicação de métodos comparativos, dado o decisivo papel que o estudo da mitologia e a religião pode representar aos conhecimentos da etnoarqueologia; porque “...a actual diversidade das línguas e os povos do nosso continente é um fenómeno relativamente recente” [F. Villar, 1991:26]. O mundo indo-europeu achegou peças realmente importantes neste sentido como a formosa insígnia formada por um semicírculo retorci-

do entre dous touros, recolhida no Museu Arqueológico de Ankara [Córdoba Zoilo, 1988:66-67].

A forma indoeuropeia do animal que estamos a tratar é **tauros*; sem embargo, algumas hipóteses defendem que esta forma nom é genuinamente indoeuropeia, tratando-se dum empréstimo incorporado desde as línguas semíticas. Dum jeito ou doutro, a nossa forma actual *touro* —*toro* em castelhanu— guarda paralelismo com muitas línguas históricas indoeuropeias: *tauroz* (grego), *taurus* (latín), *taùris* (lituano —aplicado ao bisonte—), *turu* (búlgaro antigo), *tarvos* (galo), etc. Alguns povos empregárom esta palavra como nome próprio de pessoa, bem para sugerir no seu portador a força do animal, bem como elemento totémico. Segundo Francisco Villar, é possível que na Península Ibérica confluíssem duas correntes de adoração ao touro com origens diferentes: umha protagonizada polos celtas e outra de entronque mediterráneo —preindoeuropeia— mais próxima a culturas neolíticas e relacionada com ritos agrícolas de fecundação da terra. Seguindo as palavras do mesmo autor [1991:43]:

*“E quiçá a isto se deve o arraigo popular e a tenacidade com a que sobrevivêrom à cristianização os cultos pagãos do touro, ainda hoje presentes em quase toda a geografia peninsular em múltiplas festas que vam desde corridas de touro oficiais, até o touro do lume e outros numerosos jogos e celebrações locais. O que aqueles antepassados nossos consideravam admirável no touro era a sua força, a sua potência sexual, a sua fecundidade. E esse traço deu lugar precisamente ao nome deste animal que substituiu o velho termo indo-europeu nas línguas germánicas: inglês bulh, alemám bulhe, holandês bul derivam da raiz indoeuropeia *bhel- (fincar-se), da que com formação muito similar deriva também a nossa palavra ‘falo’...”*

Neste entorno geográfico aparecêrom também achados importantes, entre os que destaca majestosamente o excepcional torques de Trichtingem (Alemanha). Pouco ou nada temos que acrescentar à descrição de L. Castro Pérez, que por esta razão reproduzimos na sua totalidade [1990:105-107]:

“Nunha das tumbas de Trichtingen, Württemberg (suroeste de Alemania), foi atopado o torques máis pesado de cantos se coñecen: 6’75 kg., o seu diámetro é tamén dos maiores: 30 cm. É un colar de prata con núcleo de ferro, decorado na superficie da barra con bandas xeométricas gravadas e moi elaboradas. Os seus remates teñen forma de prótomos de touros afrontados que asemade levan torques. Non se atopou ningún paralelo entre os celtas, é unha peza excepcional, de feito que tamén chegou a considerarse como unha importación chegada de Persia. En efecto, lembra en certo sentido os máis tardíos torques aqueménidas con prótomos de animais. As relacións entre os celtas e o oriente escita e iraniano intensificáronse cara ó s. IV a.C., por estas datas algúns celtas instaláronse nos Balcanes e ulteriormente crearon incluso reinos independentes en Asia Menor. Tamén se relacionou esta peza coa xoiería dos dacios e tracios, pero non hai evidencias claras que permitan clarexala orixe. O

emprego de prata e o estilo das cabezas suxiren unha orixe un pouco máis oriental que o lugar onde foi atopado. O peso e o tamaño do colar de Trichingem a miúdo son utilizados como argumento para interpretalos como un adorno destinado a decorar un ídolo, descartando con isto a súa utilización como ornamento persoal pero, dun xeito ou doutro, a función que este colar houbo de ter forma parte do terreo das especulacions. Hipotéticamente dátase en torno o s. II a.C.”.

6.2. Testemuños lingüísticos, epigráficos e literarios

Na Península Ibérica existen unha grande cantidade de topónimos e formas lingüísticas em *tor-*, *tur-* e similares, aínda que, como sinala F. Villar [1995:203], non teñem por que estar necesariamente asociadas ao touro:

“À luz desses Torro cabe suspeitar que acaso algunha das numerosas fontes, regatos e rios chamados Toro em diferentes lugares da Península Ibérica pudera nom ter relação com o apelativo toro (de taurus), senom com esta série toponímica (de Turus)”.

No contexto céltico do NO peninsular Garcia Fernández-Albalat [1990:151] realizou a análise lingüística —partindo da forma *VELUGUS TOIRAECUS* (ara do Castelo da Feira, distrito de Aveiro)— das formas em *tor-*, *tur-*, *toir-*, *tar-* e similares; distinguiu catro categorías: antropónimos, topónimos, étnicos e teónimos e buscou paralelismos com outras formas célticas. O resultado final foi unha cantidade avondosa:

“Como se pode observar o número de derivados destas vozes é manifesto e é de ressaltar que a súa preponderancia é na área gala, extensom que quiçá nos esteja indicando umha filiaçom céltica ou, polo menos, umha adopçom de vozes por esta língua”.

Em boa parte dos casos é viável umha asociación etimológica a qualificativos que conotem forza, violéncia, potencia, bravura, vigorosidade; tamén vimos anteriormente as formas antigas de touro e bisonte nalgumhas línguas indoeuropeias.

O estudo mais completo sobre as comunidades com “c invertido” realizou-no recentemente Rosa Brañas. Tamén umha epígrafe dessas características (a nº 24 segundo a súa numeración) apresenta a forma Tarbu antecedida por um C invertido, que esta autora interpreta como “...a comunidade que se aglutina arredor dum touro, expressom metafórica do rei céltico”.

A inscriçom mais importante conservada em língua lusitana —Cabeço das Fráguas— fai tamén mençom ao sacrificio dum touro; foi estudada e comentada por muitos autores (C.-J. Guyonvarch, A. Tovar, F. P. Curado, A. Pena Graña, etc.) polo que nom vamos estender-nos muito, só no concernente ao tema central deste traballo. Diz assim: *OILAM TREBOPALA / INDI PORCOM LAEBO / COMAIAM ICCONA LOIM / MINA OILAM USSEAM / TREBARUNE INDI TAURUM / IFADDEM — / REVE TR —* (Os traços indicam os fragmentos perdidos ao se fragmentar a pedra). A traduçom de Antonio Tovar foi: “Umha ovelha para Trebopala

e um porco para Laebo, umha ? para Icoona Loimmina, umha ovelha dum ano para Trebaruna e um touro semental para Reve Tr". Estaríamos, portanto, perante umha suovetaurilia de tipo romano. Posteriormente Andrés Pena interpretou a estrutura institucional e as categorias das divindades citadas na inscrição. Aqui vamos tratar dous temas interessantes para a linha geral do nosso trabalho. É destacável em primeiro lugar o termo *Trebopala*, que etimologicamente poderia significar "altar do treba", monumento em torno ao qual se realizavam os *oenach*; é possível que *Trebopala* seja só o substituto doutro teónimo, do deus próprio desse território político. Segundo A. Pena, o *treba* ou *populus* aparece aqui tutelado por categorias religiosas (*Trebopala*, *Trebaruna*) que partem dumha Deusa Mai celta. Em segundo lugar, é também destacável a mençom que se fai ao sacrifício dum touro (*um touro para Reve Tr*), único testemunho epigráfico que deste facto temos no NO peninsular. É, nom obstante, significativo que este animal se ofereça a umha das deusas mais significativas.

Como último testemunho nom material temos as fontes clássicas, entre as que destaca para esta zona sobre todo Estrabom —já estudado por Bermejo, R. Brañas e outros—; mas também pode oferecer-nos dados interessantes Plinio (23-79), procurador de Hispania no mandato do imperador Vespasiano, que em *Naturalis Historia* (XVI, 95) descreve o sacrifício do touro polos celtas, dum jeito provavelmente impreciso. Reproduzimos um fragmento significativo traduzindo para galego desde a versom francesa:

"Também nom há que esquecer a admiraçom dos galos pola planta. Os druídas -é o nome que eles dam aos seus magos- nom tenhem nada mais sagrado que o visco e a árvore que o leva, sempre que seja um carvalho. O carvalho é já de por si a árvore que eles recolhêrom para os bosques sagrados e nom celebram nengum rito religioso sem a sua folhagem, até o ponto de que a etimologia do seu nome de Druídas pode passar por grega. Eles consideram como enviado do céu todo o que brota nestas árvores e vem nele um símbolo de eleiçom da árvore polo mesmo deus. Acha-se muito raramente visco (de carvalho), e, quando se descobre, recolheita-se com grande pompa religiosa; isto deve fazer-se antes do sexto dia da lua, que indica entre eles o início de meses, anos e séculos, os quais duram trinta anos; elegem esse dia porque a lua está com toda a sua força, sem estar a meia fase. Eles chamam-no na sua língua 'o que cura todo'. Preparam, segundo os ritos, ao pé da árvore um sacrifício e um festim religioso e levam dous touros brancos, cujos cornos som atados pola primeira vez. Um sacerdote, vestido de branco, sobe à árvore, corta o visco com umha podadeira de ouro e recolhe-o numha capa branca. A seguir imolam as vítimas, rogando a Deus que faga a sua oferta favorável a aqueles que ele decidisse. Eles crêm que o visco, tomado como bebida, dá fecundidade a todo o animal estéril e é um remédio contra todos os venenos. Há tantos povos que, ordinariamente, misturam a religiom com objectos frívolos...!"

Também a tradiçom lendária irlandesa, verdadeiramente riquíssima e de grande importância para o estudo do celtismo, pode oferecer-nos um contributo inte-

ressante. Estamos a referir-nos evidentemente ao *Ciclo do Ulster*, em concreto à sua peça central intitulada *Táim Bao Cuálnge* ou *Razzia das vacas de Cooley*, tratado por F. Le Roux, que o descreve como

“longuíssimo relato que oferece grande quantidade de dados sobre a sociedade irlandesa da Alta Idade Média, estancada no estádio de La Tène (século V a. C.), e cuja estrutura mitológica é indiscutível”.

Ao nosso juízo, a maior importância do relato radica em que vincula o touro com a realeza soberana e guerreira. O fragmento que reproduzimos a seguir nom pode ser mais clarificador, nom podendo negar certos paralelismos com Plínio:

“Assim entom, fixo-se a cerimónia do touro. Nela destinava-se ao sacrifício um touro branco, e a um só home a engolir até a saciedade da sua carne e do seu caldo. Baixo esta fartura produzia-se um sonho, entretanto quatro druídas cantavam um esconjuro de verdade. Por obra dos druídas, revelava-se na visom que classe de home devia ser feito rei, segundo o seu aspecto e descriçom observados na visom, e que se devia fazer ao respeito”.

6.3. Testemunhos arqueológicos

Além de excepcionais peças procedentes do mundo indo-europeu, o mundo celta possui diversas peças de grande interesse que corroboram os testemunhos literários. Sem pretensom de ser exaustivos —som numerosas as publicaçoms ao seu respeito—, vamos tratar aqui alguns objectos interessantes com representaçoms de touros.

Destaca em primeiro lugar a empunhadura dum cuitelo sacrificial procedente de Palência e que está no Museu Arqueológico Nacional; no mesmo representa-se um touro flanqueado por duas serpes.

Mais clarificadoras som duas peças de procedência desconhecida —mas sem dúvida da área por nós tratada— que estão também no M.A.N. e ambos dumha cronologia aproximada ao século III a. C. O primeiro deles (fig. 5), de secçom semicircular, remata num prótomos de carneiro e outro de touro; um caldeiro de sacrifícios situa-se na parte superior do pescoço do touro. No meio da peça tem um torques de tipo ártabro e um machado encaixado na sua abertura. As suas dimensoms som 3,5 * 10 * 3 cm. A segunda peça (fig. 6), de feitura similar à anterior —ambas som de bronze— remata com um prótomos de touro e mostra um homem inclinado sobre um caldeiro, um porco, umha cabra e um carneiro.

Outra peça a sinalar é a machada votiva achada na praia de Carinho, actualmente no Museu Arqueológico da Corunha. Remata num prótomos de touro flanqueado por três aneis e um torques de tipo ártabro; no final do enmangue tem outro anel.

Outras peças importantes que representam sacrifícios, ainda que nom de touros, som o Bronze de Castelo de Moreira, Celorico do Vasto e Bronze do Instituto de Valência de Dom Juan.

7. O TOURO NOUTRAS RELIGIONS ANTIGAS

As significações do touro, ainda estando presente em grande parte das religiões, nom podem ser especialmente variadas; está claro que existe umha relação com a ideia de potência e de fogaosidade irresistível, de macho impetuoso. As representações deste animal som quase omnipresentes: além do mundo celta, existem —nalguns casos desde começos do terceiro milénio antes da nossa era— em lugares como Síria mesopotâmica, Egipto e as mesetas de Anatólia Central, entre outros lugares.

Na tradição grega, os touros indómitos representam o desencadeamento da violência; Hesfodo, na *Teogonia*, qualifica-o de “*besta ativa de indomável fogaosidade*”. Consagra-se a Poseidom (deus dos oceanos e das tempestades) e a Dionisos (deus da virilidade fecunda e da orgia).

Nas religiões indomediterrâneas o touro —o bóvide em geral— representa os deuses celestes. Podemos corroborar isto nalguns hinos védicos que nos falam da vaca; o touro védico, *Vrishabha*, é o suporte do mundo manifestado, que pom a roda cósmica em movimento desde um centro imóvel. Também entre os povos altaicos e nas tradições islâmicas, o touro associa-se aos suportes da criação (o mesmo que a tartaruga ou o elefante noutras culturas).

Para numerosos povos turco-tártaros, o touro encarna as forças cthónicas e suporta o peso da terra sobre o lombo ou os cornos. Na Ásia central e na Sibéria, entre os mongóis e os iakuto, aparece a crença dum touro aquático agachado no fundo dos lagos.

Desde o 2400 a. C. o touro estivo nalgumhas ocasiões associado ao raio, à tormenta e outras divindades atmosféricas, assim como ao símbolo da Grande Mai por excelência: a lua. Em Egipto Osiris, deus lunar, foi representado como um touro, ao igual que Sin, deus lunar na Mesopotâmia. Na Pérsia, a lua era Gaocithra, conservadora do seme do touro; segundo o antigo mito, o touro primordial depositara o seme no astro das noites.

Outra conotação do touro na religiom egípcia é a funerária: o touro que leva entre os cornos um disco solar é, à vez, um símbolo da fecundidade e umha divindade ligada a Osiris nos seus renascimentos; vários relatos e mitos fam alusom a este facto. Há também pinturas que representam um touro negro levando sobre o seu lombo o cadáver de Osiris.

No século II da nossa era introduziu-se na Itália procedente da Ásia Menor a prática do *Taurobolio* -iniciação por um baptismo de sangue-; segundo o relato de J. Beaujeu:

“O devoto que queria beneficiar-se dela descia a umha fossa especialmente escavada para este efeito e recoberta com um teito com múltiplos buracos; logo degolava-se em cima dele, mediante umha flecha ensanguentada, um touro cujo sangue jorrava fumegante através das aberturas sobre todo o seu corpo; o que se submetia a esta aspersion sangrante era renatus in aeternum; a energia vital do animal, que se erigia como o leom mais vigoroso, regenerava o corpo e quiçá a alma do oficiante”.

Com efeito, o touro transmitia por meio do sangue a sua potência biológica e concedia o acesso à vida espiritual e imortal.

O culto de Mithra, de origem iraniana, implicava o sacrifício dum touro; os romanos estendêrom este culto por todo o império, chegando reminiscências à cultura celta (Vid. Bonnefoy, 1989). Este mito de Mithra constitui um símbolo claro da alternância cíclica da morte e resurreiçom, assim como o da unidade permanente do princípio de vida.

No contexto geral, a simbologia analítica de Jung interpreta o sacrifício do touro como

“...o desejo dumha vida do espírito, que permitiria ao home triunfar sobre as suas paixons animais primitivas e que, trás umha cerimónia de iniciaçom, daria-lhe a paz”.

Isto explicaria, segundo alguns autores, a afeiçom de alguns às corridas de touros.

8. CONCLUSONS

Logo desta análise globalizadora que transcorreu do geral ao particular por meio de aproximaçons progressivas, estamos já em condiçons de estabelecer o significado preciso do touro na cultura celta; neste aspecto nom vamos oferecer nenhuma novidade ao coincidir com Blanca Garcia Fernández-Albalat e Rosa Brañas. Cremos, como elas, que o touro no NO peninsular —tal como demonstram sobretudo o relato da *Enfermidade de Chúchulain* e a machada votiva de Carinho— deve ser associado ao papel da soberania guerreira, como corrobora a plástica, que na Gallaecia antiga se associa ao deus *Cosus*, de clara vinculaçom guerreira. Como afirma a primeira destas autoras [1990:281]: “*O touro no mundo celta simboliza a força brutal e vitoriosa, a soberania guerreira...*”, conclusom que completa R. Brañas [1995:249]:

“...o touro garda unha estreita relación coa soberanía, o que dá ó cabo a idea dunha sociedade xerarquizada na que se distingue unha cabeza política electa, extraída da caste guerreira e nunha sociedade fundamentalmente guerreira”.

Nas representaçons celtas aparece em muitas ocasiõs um touro com três cornos —tema estudado fundamentalmente por F. Le Roux—, o que forma parte dum antigo símbolo incompreendido em época romana e representativo do ardor guerreiro: o terceiro corno representa o que em Irlanda se chama “*lon laith*” ou lua do herói, espécie de aura sanguenta que surge do vértice do crânio do guerreiro em estado de excitaçom bélica.

A sabendas de que íamos coincidir na conclusom final, qual foi pois a razom de ser deste estudo? Perseguimos três objectivos fundamentais:

Em primeiro lugar, clarificar alguns conceitos e tentar pôr ordem a esse tremendo caos que constitui umha grande quantidade de trabalhos dispersos em publicaçons colectivas, actas de congressos, publicaçons periódicas e alguns li-

vros; publicações no seu conjunto muitas vezes afastadas do leitor nom especializado. A partir dumha releitura selectiva dessas publicações tentamos sintetizar as nossas conclusons particulares.

O segundo objectivo foi completar na medida do possível a análise das duas autoras antes aludidas. Pensamos que ambas descuidárom em boa medida os contributos da arqueologia, se bem no papel de mitólogas cumprírom excepcionalmente. No entanto, a sua concepção do celtismo nom está clara; aguardamos que, trás as matizações que sejam precisas, a celticidade acumulativa —na sua versom mais correcta e precisa possível— se converta num paradigma de imediata imposiçom.

Por último, a nossa terceira e mais importante pretensom foi expor umha nova perspectiva de trabalho iniciada já em boa medida por Andrés Pena Graña em “O território e as categorías sociais na Gallaecia antiga”. Esta perspectiva metodológica consistiria num estudo conjunto da religiom antiga combinando epigrafia, arqueologia, textos clássicos, toponímia, etc. para chegar a um objecto concreto por aproximações progressivas: no caso da religiom celta, este modelo de análise pode e deveria aplicar-se a muitos outros aspectos internos à mesma religiom; consideramos que conseguimos provar que o método comparativo pode aplicar-se entre elementos que nom sejam da mesma categoria (lingüística, arqueológica...) senom que podem combinar-se entre eles. Quando trabalhamos com culturas sem tradiçom escrita, com conceitos obscuros e sem umha tradiçom de investigaçom consolidada no passado, temos que elaborar metodologias de trabalho específicas adequadas às circunstâncias de cada espaço geográfico pois a metodologia empregada para culturas como a grega ou a romana resulta insuficiente e pode dar lugar a erros; no caso particular do NO peninsular deveria desempenhar um papel preponderante a arqueologia. Além disso, umha análise lingüística rigorosa é fundamental numha investigaçom de qualquer regiom do mundo. Por outra parte, todo fenómeno religioso —geral ou concreto— deve ser comparado com os de outras culturas.

Na realidade poderíamos dizer que o touro foi quase umha desculpa para demonstrar que neste horizonte cultural a inter-dependência entre religiom —nom gostamos do termo mitologia— e arqueologia é inegável e nom se pode salvar; ambas as disciplinas estão em condições de oferecer umha colaboraçom mútua, pois umha supre as carências da outra. Ironizava um conhecido pré-historiador a respeito de aqueles arqueólogos que num caco de cerâmica tentavam oferecer dados sobre a estrutura sócio-política dumha sociedade: os historiadores da religiom e os lingüistas si podem ser decisivos nesta tarefa. Por outra parte, a arqueologia deveria encaminhar-se agora à investigaçom de todas aquelas jazidas sem datar ou das que desconhecemos a sua funcionalidade porque, sem dúvida, poderiam proporcionar dados novos sobre o factor religioso no noroeste peninsular.

9. BIBLIOGRAFIA

- Alonso Romero, F.: "El significado mágico del colmillo de jabalí entre los celtas y los germanos: testimonios literarios, arqueológicos y etnográficos", em *Materiales del V Simposio de la Sociedad Española de Profesores de Alemán*, Secretariado de publicacións da Universidade de Valladolid, 1989.
- _____: *Santos e barcos de pedra*, Xerais, Vigo, 1991.
- Arnold e Gibson (eds.): *Celtic chiefdom, Celtic state*, Cambridge University Press, Cambridge, 1995.
- Bernejo Carrera, J. C.: *La sociedad en la Galicia castreña*, Follas Novas, Santiago, 1978.
- _____: "La guerra de los Bárbaros y Marte Cosus", em *Mitología y mitos de la Hispania prerromana 2*, Akal, Madrid, 1986.
- Blanco Freijeiro, A.: *Los primeros españoles*, Historia 16, Madrid, 1988.
- Bonnefoy, Y.: *Dizionario delle mitologie e delle religioni*, Biblioteca Universale Rizzoli, Milano, 1989.
- Brañas, R.: *Índixenas e romanos na Galicia céltica*, Follas Novas. Santiago, 1995.
- Brun, P.: "From chiefdom to state organization in Celtic Europe", em ARNOLD e GIBSON (eds).
- Castro Pérez, L.: *Os torques prehistóricos*, Biblioteca de divulgación da Universidade de Santiago de Compostela, Santiago, 1990.
- Chevalier, J. e Cheerbrant, A.: *Diccionario de Símbolos*, Herder. Barcelona, 1993.
- Córdoba Zoilo, J.: *Los primeros estados indoeuropeos*, Historia 16, Madrid, 1988.
- Díez de Velasco, F.: *Hombres, ritos, dioses*, Trotta, Madrid, 1995.
- Eliade, M.: *El mito del eterno retorno*, Alianza, Madrid, 1989.
- Erias Martínez, A. e Pena Graña, A.: "As travesas (Vigo, Paderne): unha estación rupestre nas Mariñas de Betanzos", em *Anuario Brigantino*, ano 1994, Betanços, 1995.
- Fernández Malde, A.: "Petroglifos da Pena Furada (Figueiras, Coirós)", in *Anuario Brigantino*, ano 1993 (no. 16), Betanços, 1993.
- García Fernández-Albalat, B.: *Guerra y religión en la Gallaecia y Lusitania antiguas*, O Castro, Sada, 1990.
- _____: "Sociedade e categorías sociais na Gallaecia antiga", em *O nacemento dunha nación*, A Nosa Terra, Vigo, 1995.
- García Moreno, L. A.: "Organización sociopolítica de los Celtas en la Península Ibérica", em *Los Celtas: Hispania y Europa*, Universidad Complutense, Madrid, 1993.
- Guyonvarc'h, C.-J. e Le Roux, F.: *La Civilisation Celtique*, Impresión especial de Celti-cum 24, Rennes, 1978.
- Le Roux, F.: "La religión de los celtas", em *Las religiones antiguas*, Vol. 3 da *Historia de las religiones*, Siglo XXI, Madrid, 1984.
- Marco Simón, F.: "Romanización y aculturación religiosa: los santuarios rurales", em *A cidade e o mundo: romanización e cambio social*, Concello de Xinzo de Limia, 1996.
- Monteagudo García, L.: "Petroglifo de Lágea das Rodas", em *Primera reunión Gallega de Estudios Clásicos: Ponencias y comunicaciones*, Santiago, 1981.
- _____: "Orientales e indoeuropeos en la Iberia prehistórica", em *Actas del III coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*, Universidade de Salamanca, 1985.
- Ogilvie, R. M.: *Los romanos y sus dioses*, Alianza, Madrid, 1995.
- Pena Graña, A.: *Narón, un concello con historia de seu*, vol.I, Sotelo Blanco, Santiago, 1991.
- _____: "O territorio e as categorías sociais na Gallaecia Antiga: un matrimonio entre a terra (Treba) e a Deusa Nai (Mater)", em *Anuario Brigantino*, ano 1994 (no. 17), Betanços, 1995.

- Pena Graña, A.: “O berce dunha institución da Baixa Idade Média”, em *O nascimento dunha nación*, A Nosa Terra, Vigo, 1995.
- Plinio: *Naturalis Historia*.
- Renfrew, C.: *Arqueología y lenguaje. La cuestión de los orígenes indoeuropeos*, Crítica, Barcelona, 1990.
- Tovar, A.: “Etnia y lengua en la Galicia antigua: el problema del celtismo”, em *Estudios de cultura castrexa e de historia antiga de Galicia*, Universidade de Santiago, Compostela, 1983.
- _____: “La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos”, em *Actas del III Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*, Universidade de Salamanca, Salamanca, 1985.
- Untermann, J.: “Los teónimos de la región Lusitano-Gallega como fuente de las lenguas indígenas”, em *Actas del III Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*, Universidade de Salamanca, Salamanca, 1985.
- _____: “Anotaciones al estudio de las lenguas prerromanas del Noroeste de la Península Ibérica”, em *Galicia: da romanidade á xermanización. Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973)*, Museo do Pobo Galego/Instituto P. Sarmiento/Universidade de Santiago, Santiago, 1993.
- Villar, F.: *Los indoeuropeos y los orígenes de Europa*, Gredos, Madrid, 1991.
- _____: *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca, 1995.

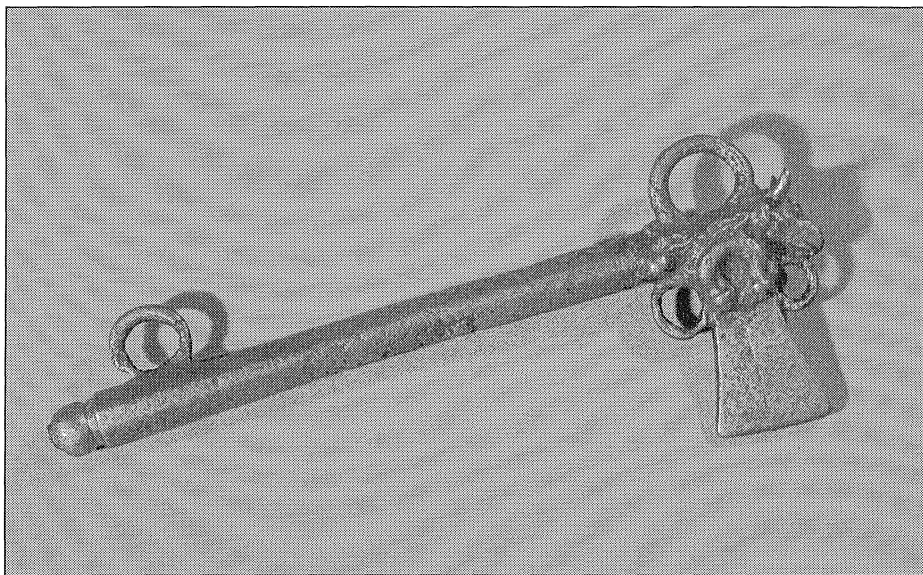


Fig. 7. Machada votiva de Carinho com prótomos de touro. Está no Museu Arqueológico da Corunha.

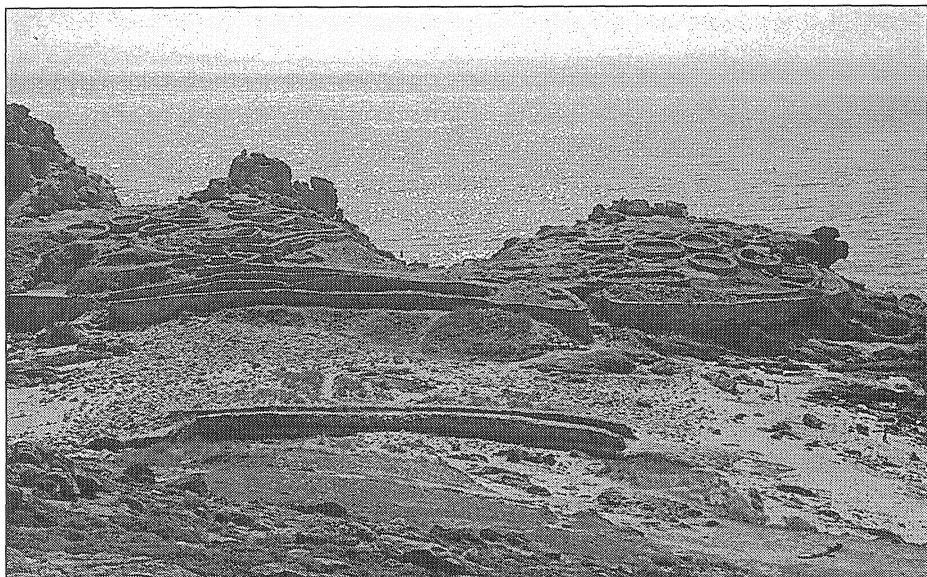


Fig. 1. *Castro de Baronha.*



Fig. 2. *Casa de reuniões do povoado castrejo de Briteiros.*



Fig. 3. *Inscrição de Remeseiros. Pode considerar-se o primeiro empréstimo de uso vassalático galego, datável na época cristá. Transcrição: "Allius Reburri rogo Deu Adiutorem in ac conducta conservanda. Si quis in ac conducta P(ossesionem) mici aut meis involaverit si(t) r(eus). Quaecumque res at mii aussii siquit ea res...". Os trabalhos de Andrés Pena contêm interessantes contributos a respeito do conteúdo institucional deste tipo de inscrições.*



Fig. 4. *Altar do castro abulense de Ulaca.*



Realidade e fantasia no universo narrativo de Marica Campo (*)

Maria do Carmo COZINHA
Instituto «Monte Castelo» (Burela)

1. A AUTORA

Marica Campo—na documentação oficial Maria do Pilar Campo Domínguez— nasceu no Vale do rio Mau que discorre entre os termos municipais de Sárria, Samos e o Íncio. Neste lugar da *Terra Brava* —tam bem descrita por Fole— passa os seis primeiros anos de vida entre a sua numerosa família.

O pai militara no **Partido Galeguista** e foi represaliado com um obrigado silêncio a partir de 1936. Era umha pessoa ilustrada que empregava conscientemente o idioma galego e que mantinha umha atitude de aperfeiçoar o seu uso.

(*) Perante este tema queremos expor umhas consideraçõs subjectivas. Que acontece com as dolorosíssimas circunstâncias vitais de muitas mulheres? Que sucede quando a vida da mulher está em perigo? Que vida se defende quando a mai nom tem que meter na boca ao seu filho, quando se sabe que o filho vai padecer unha grave enfermidade? Nom é hipócrita unha moral que obvia sempre as circunstâncias dolorosas de muitas mulheres? Nom somos vegetais, somos pessoas e temos direito a unha vida o mais digna possível. Nengumha mulher arranca um fragmento do seu próprio corpo alegremente. Cremos que quem assim o pense, desconhece o tema.

Que moral esquece que a decisom de abortar é exclusiva da mulher? Por que todo o mundo (estados, igreja, sociedade...) se imiscuem na intimidade dumha mulher? Com que direito? Quando entenderá a irracionalidade deste planeta que é unha decisom íntima?

A vida é o mais precioso que temos, a mulher é a sua reprodutora para a nossa espécie. A aposta pola vida é unha aposta sabia e inteligente. Se isto nom fosse assim, hoje nós nom estaríamos aqui. Deixemos que a mulher tenha liberdade de opçom, por direito próprio, e facilitemos as circunstâncias vitais da mulher que é o mais importante: permisos de maternidade, menos sobrecarga laboral, escolas infantis, labor doméstico compartilhado, anticoncepçom... e a mulher escolherá sempre a vida. A maternidade é um labor duro, longo, mais interessante e enriquecedor. Se as circunstâncias som mais fáceis, será menos duro. A maternidade em muitas circunstâncias actuais (mulheres na China, África, América Latina...) é um labor de heroínas, de mulheres com dedicaçom superior ao normal. Nom queremos ser super-mulheres porque isto tem um preço elevado. Queremos ser mulheres, ter liberdade de opçom na nossa intimidade e que as circunstâncias vitais melhorem infinitamente e assim todo será mais fácil para a mulher que opta pola maternidade e para o ser humano em geral.

Estivo preocupado pola recolha de léxico genuíno e à sua morte a família achou os cadernos em que anotava este tipo de informaçõs. Possuía umha magnífica biblioteca e nela ocupavam lugar preferente as obras das personalidades relevantes do *Grupo Nós*, dado que mantinha amizade com algunhas delas. José Ramon Fernández, <Ben-Cho-Shey>, tivo umha forte ligação aos Campo Domínguez. No Vale do Mau guardou as pertencas no momento em que fora desterrado por motivos políticos e todos os anos, coincidindo com as datas do Natal, enviava umhas panjolinhas compostas especialmente para estes seus amigos.

Aos quinze anos Marica Campo ingressa na *Companhia de Maria* e nesta instituição permanecerá durante um período de cinco anos. Nesta época cursou os estudos de Magistério e Teologia no Instituto Santa Catalina, adscrito à Universidade Pontifícia de Salamanca.

Já fora da Ordem Religiosa, começa o seu labor docente no ensino público em Anafreita (Friol) a pouca distância da Cova da Serpe. Depois trabalha em Germade, Castro de Rei, Sam Cibrao e finalmente em Jove, onde está na actualidade. O seu dinamismo extraordinário permite-lhe compatibilizar as tarefas habituais com a participação como relatora ou organizadora de diferentes congressos de renovação pedagógica, assim como elaborar textos escolares para os diferentes níveis da educação primária.

Literariamente Marica Campo deu-se a conhecer como compositora de letras para os grupos musicais da Nova Música Galega. Diversos poemas seus estão musicados por *Fuxan os ventos* e, mais recentemente, por *A Quenlla*. Aliás, a obra literária foi reconhecida com prémios em vários certames, entre os que salientamos a *Noite Meiga* de Sárria, o *Concurso Literário de Begonte* e a Menção de Honor do Prémio de Teatro *O Facho*. O seu primeiro poemário editado intitula-se *Tras as portas do rostro* (1992) e com ele estreava-se “Bahia branca”, a colecção de poesia com que conta esta editora corunhesa.

2. A OBRA: CONFUSIÓN E MORTE DE MARÍA BALTEIRA

2.0.—**Considerações preliminares.** Um grande olho parece observar-nos desde a capa do livro. A observação do desenho e o próprio título sugerem-nos o desenho de umha jogralesca medieval ou, talvez, umha caricatura de mulher, porque esta é a grande protagonista da obra.

O título está tirado do relato que abre o livro a jeito de **prólogo narrativo**. A personagem feminina conduz-nos ao universo das *cantigas de escarnho e maldizer* nas quais Maria Balteira obtém um importante protagonismo quantitativo. Precisamente, o conhecimento da lírica medieval e o aproveitamento da personagem mitificada som elementos nucleares para que a obra possua um poder de sugestom extraordinário.

Depois da primeira leitura observamos que as protagonistas dos doze relatos som mulheres. Portanto, o microcosmos protagonista da obra é feminino desde o título, seguindo com a dedicatória (“*A todas as mulleres da miña familia*”), os relatos, até as palavras inseridas no derradeiro “*A contadora de contos*”: “*meigas, xacias e soldadeiras e mulleres que son chuvia e monxas...*” (p. 134).

2.1.—*Confusión e morte de María Balteira* (Primeiro relato).

2.1.1.—**Modalizaçom narrativa.** Umha voz heterodiegética e onisciente, em terceira pessoa de singular, conduz o fio narrativo neste relato que dá título ao livro. Às vezes permite que as protagonistas -Maria e Eusenda- falem em estilo directo, escuitando-se no final a voz da gente.

2.1.2.—**Estrutura.** É tripartida e está demarcada no próprio desenho editorial:

a) apresentação da protagonista por parte do narrador principal.

b) encontro de Maria Peres e Eusenda de Armea.

c) desenlace. Enterramento da(s) protagonista(s). O narrador remata a história com final optimista.

A segunda parte constitui o nó do relato. Poderia, à sua vez, ser dividida em três sub-apartados:

a) visita de Maria a Eusenda e petiçom de ajuda por parte da primeira.

b) negativa de Eusenda e justificaçom.

c) soluçom do problema e desenlace satisfatório.

2.1.3.—**Temas.** Simbiose entre o corpo de Maria Balteira e os poderes mágicos de Eusenda de Armea; como resultado obtém-se umha mulher extraordinária, mais próxima do mito que da realidade.

A morte de Eusenda-Maria Balteira nom é fim, senom continuaçom da vida incorporando-se aos ciclos da natureza.

2.1.4.—**Personagens.** a) **Maria Balteira**, “*da boca xuradora, da trampa e o mal perder nos dados, do xacer godalleiro*” (11). Por ela perdêrom a cabeça muitos homens: Pero de Ambroa, Fi de Escallola, Pero Mafaldo, Joám Baveca... até o mesmíssimo Rei Sábio. “*Homes vencidos na súa batalla de dados e cobiza, homes derrotados na baila invencible das súas pernas*” (11). Maria percorreu os caminhos “*co longo pecado dunha existencia de costas a Deus*” (11), ringleira de dias de vida e alegria, dias de prazer, “*fogueira no fermosísimo ollar*” (13).

Agora Maria está velha -“*son vella, ai capelán*” (12)- e vêm à procura dos favores da meiga Eusenda. Agora nom quer que lhe segue o coração a nengum homem, nem que lhe dê energia para o amor, “*louzanía para a pel e frescura para o alento*” (12), nem vêm desfazer aquilo que lhe figeram contra a sua vontade incontáveis vezes. Maria quer o regresso à juventude: tema recorrente na literatura, que representa umha das realidades obsessivas do ser humano.

Oferece-lhe à meiga dinheiro e um enterramento como umha condessa. Eusenda nom lhe pode conceder a petiçom porque está retirada ganhando o céu. No entanto, sem rejeitar os oferecimentos, outorga-lhe o acougo “*da flor da malva*”: a possibilidade de se incorporar à natureza (“*entrar no ceo da vida*”) confundindo-se com ela para sempre.

b) **Eusenda de Armea.** É a meiga que tem ajudado muitas vezes Maria Balteira. Retirada, depois de confessar os seus muitos pecados, tenta redimir-se e ganhar o céu com indulgências e arrependimento. Personagem a meio caminho entre a realidade e a magia. Ela era “*o ferver do sangue, a loucura do ventre, o arrecendo do alento, o sal e o mel... o misterio...*” no corpo de Maria Balteira.

Eusenda, com os seus poderes mágicos, confundia-se no corpo da Balteira até serem só umha. É justamente esta “confusión” o que envolve o relato numha atmosfera de Realismo Mágico que a autora tirará de muitas fontes literárias (Cunqueiro, Garcia Márquez, Isabel Allende...) e da idiossincrasia profunda deste nosso povo. O final de “morte” também resulta “confuso” porque, se em vida fôrom dous corpos num, na morte quem se enterra em Sobrado e quem passa ao “*ceo iluminado polo mesmo sol e pola mesma lúa que os dias da nenezza*” (17)? A confusom continua no além, depois do óbito.

2.1.5.—**Espaço e tempo.** Armea é para Eusenda o espaço da vida o mesmo que os caminhos de Terra Santa, Sevilha, Málaga e tantos outros lugares o som para Maria Balteira, que os percorreu na sua longa viagem da vida.

Aliás, existe o espaço da morte. Eusenda repousa em Sobrado e Maria Peres reencarna-se na natureza de Armea e ali permanece em juventude permanente.

Em correspondência com estes espaços está o tempo da vida de ambas. É um limitadíssimo tempo humano; o tempo da morte que compreende a eternidade crono-topo do espaço-tempo da vida que se renova cada ciclo natural.

2.2.—*O cervo e a lúa*

2.2.1.—**Tema.** Os poderes mágicos de umha mulher levam-na a ultrapassar as fronteiras da natureza com o objectivo de conservar o amor do homem a quem quer. Ela metamorfoseada em lua e o ser amado em cervo. Só o amor da esposa dele pudo desfazer o meigalho. O poder do amor vence o poder da magia!!

2.2.2.—**Estrutura** (Ruptura / vingança / alternativa):

- a) Ruptura do par Gundar-Oria.
- b) Planificação da vingança de Oria.
- c) Matrimónio Gundar-Branca.
- d) Impossibilidade de consumaçom.
- e) Gundar errabundo.
- f) Maldição dos pais a Gundar.
- g) Resolução do problema polo amor de Branca.

2.2.3.—**Personagens.** a) **Gundar**, cavaleiro medieval da alta nobreza (dono dum castelo), joga à vontade com o amor das mulheres. Leva vários anos unido sentimentalmente a Oria, mas conhece Branca e decide planificar a sua vida numha direcçom diferente: assentar-se no castelo e ter filhos. Ele nom sabia nada de aquela mulher enigmática: “*cando estaban xuntos falaban moi pouco. Non era preciso*” (p. 22). Só descobriu quem era quando a abandonou: “*Gundar tivo un arrepío e sentiu que os pelos das costas o acribillaban como arames irtos e finísimos*” (22). Um dia de Abril decide casar. Oria nom lhe servia; nom era do seu status. Une-se à formosa e inocente Branca; mas, desde o mesmo dia da boda tem de conviver com umha “*pantasma de sombra... sempre en medio dos recién casados*” (23). A magia de Oria nom o deixava viver, “*xa non era home*”, esmorecia sem que ninguém pudesse ajudar-lhe. Vai na procura de Oria implorando piedade “*mais*

Oria non estaba". Extravia o caminho e os pais pronunciam a maldiçom que o converterá em cervo branco, cumprindo-se assim o destino traçado pola meiga: "*estava apreixado polo magnetismo da viaxeira nocturna*" (25). Só o amor de Branca consegue libertá-lo do malefício.

b) **Oria**. Estranha mulher que chegou à vida de Gundar e que o tivo engaiolado durante muito tempo. Dona de incríveis olhos negros, praticava a bruxaria entre redomas, um gato mouro e umha vaca-loura. Os seus poderes ultrapassam os limites do real: converte-se a si própria em lua e a ele em cervo branco com tal de poder apreijar no seu círculo mágico o amor do homem que a desdenhou. É umha mulher vingativa e poderosa que nom duvida em sacrificar inclusive o seu próprio corpo com tal de atingir os seus fins. Nom suporta a derrota e desprega toda a sua maldade para impedir a felicidade dele. A força desta mulher-demo, despiadada e fria, só é vencida polo poderoso amor de Branca.

A sua vingança é terrível, mas também é verdade que a traiçom de Gundar merece um escarmento. Ela sente-se tratada como um objecto ao antolho do varom e, logicamente, responde como mulher inteligente embora profundamente rancorosa.

c) **Branca**. Protótipo de mulher-anjo: formosa, pura, inocente, namorada, afoga em lágrimas o desamor de Gundar. Ao final, inesperadamente, decide tomar a iniciativa e ir à procura do homem a quem tanto queria. Enfrenta-se ao poder da magia com o poder do amor e sai vitoriosa na lide: Gundar correu cara a Branca entretanto "*a lúa no ceo, era só un ollo frío e distante*" (25). Enfim, triunfa a mulher-anjo com iniciativa e valor sobre a mulher-demo com iniciativa e rancor.

2.2.4.—**Espaço**. A fraga onde está a casa de Oria, lugar propício para a magia e o mistério que rodeiam esta mulher, é o cenário da aventura amorosa de Gundar. Contraposto ao bosque autóctone está o espaço do castelo em que moram Gundar, seus pais e a nova esposa. É este um lugar socialmente privilegiado, conhecido, ajeitado para o acougo e a harmonia matrimonial tendo em conta a situação histórica do relato.

2.2.5.—**Tempo**. Situaemo-lo em qualquer momento da Idade Média seguindo as pautas sócio-ambientais do relato. Dentro deste longo período impreciso existe um tempo nocturno com um claro valor simbólico. A noite favorece o desenvolvimento dos poderes maléficos de Oria, porém o amor acaba vencendo a própria nocturnidade.

2.3.—*A lenda do loiro galán dos ollos de auga*

2.3.1.—**Modalizaçom narrativa**. Umha voz narrativa heterodiegética, omnisciente em terceira pessoa de singular permite ocasionalmente a intervençom das personagens em estilo directo, mas introduzidas sempre por ela: "*...que se vía arrastrada polo galán que repetía en cada unha delas : "Volta, María, sáeme no cabo"*" (31).

2.3.2.—**Estrutura**

- 1.—sintomatologia de enfermidade em Sor Catarina.
- 2.—história de M. da Corna Doce.

- 3.—felicidade de sor Catarina com o bailador.
- 4.—enfermidade da noviça e interrogatório do visitante.
- 5.—recuperação da saúde da noviça e volta ao baile.
- 6.—impossibilidade da consumação amorosa porque isto levaria-o a ele, um Trasgo, à morte.

Em síntese: Exposição (1,2,3), Nó (4,5) e Desenlace (6).

2.3.3.—**Tema(s)**. Impossibilidade consumação amorosa entre umha noviça sem vocação e um trasgo bailador que perderia a vida se Sor Catarina nom tomasse hábitos. Eis um caso de Eros contra Thánatos; o segundo, como sempre, remata vitorioso.

A força da natureza, do instinto, da vida -o paganismo- luta contra a religiom católica com a força de um Deus, do castigo do corpo, da morte.

2.3.4.—**Personagens**. a) **Sor Catarina** é umha noviça do convento de Valdefontes. Desde que recebeu por vez primeira a visita nocturna dum trasgo, tem a vida desacougada: engana-se na oraçom do ofício divino, chora em todos os recunchos, nom dorme, “*as olleiras estendíanselle polo rostro*”, pálida como a touca da cabeça, “*unha canseira a lle zugar no sangue e unha forza superior que non a deixaba acougar no leito*”(31).

Desde que chegava o visitante noctámbulo, “*a novicia sentíase posuída por un forte magnetismo e iniciaba tamén ela unha baila alucinada*” (31). “*Acordaba sempre espida, no chan, cuberta de chorimas. O día sería un lembrar sen acougo e un remorso a medrar*” (32).

Parece claro que a noviça, antes de tomar os hábitos, debate-se entre a vida que fica fora das grades conventuais e a estrita regra de S. Bieito que só contempla “*a presencia da Divinidade e dos seus anxos*”(32). A tensom produze-lhe umha doença psico-fisiológica e a comunidade conventual considera-a umha santa.

Fanatismo e histéria permitem explicar a reacçom da congregaçom, chegando a novidade aos ouvidos do visitante. Este, preso dos mesmos atributos definitórios, acode rapidamente à procura do milagre. Com “*ton solemne e autoritario*” (32) acaba por fazer confessar à noviça que o “*milagre é un home*” (32). No entanto, o integrismo do visitante nom chega para cambiar-lhe a ela as ideias; “*non pensaba castigar o corpo, quería sentilo vivo e darlle o que era seu*” (34). É mais, deu-lhe forças renovadas e chegou a pedir-lhe insistentemente ao Trasgo: “*Léva-me contigo*” (34). Era o paganismo da natureza e da vida que triunfava sobre o integrismo cristão: “*O seu corazón é cada día máis pagán*”(35)

Ao fim, paradoxalmente, escolhe a friagem do claustro e deixa o “*sol, a chuva, os camiños*” (36) ainda que, no fundo, “*profesaria...coa vida do loiro galán dos ollos de auga*” (36). Embora tivesse que enterrar o seu corpo trás a reixa, era esta a única possibilidade de manter aceso um sonho com a vida que, talvez, esmorecesse ao regressar à natureza. É o triunfo do paganismo num sonho, visto que na realidade a existência impom um catolicismo absurdo.

b) **Trasgo**. Em princípio é um ser de origem mitológica que se apresentava como “*desvalido, malia ser un galán forte, quizais polos ollos claros e tristes, como de auga, ou por aquel seu vir sempre enchoupado*” (31). Além do seu aspecto, era o baile o que mais o identificava. “*Bailaba xotas e muiñeiras e os seus pés repinicaban no aire como se da pedra se tratase*” (31).

Era dono dum grande magnetismo que já arrastara a quatro moças à gravidez e que, agora, arrastava também a Sor Catarina mesmo estando umha reixa interposta. Ao se ir com o amencer, deixava o chao estrado de chorimas ainda que nom fosse o tempo delas.

Sor Catarina define-o defendendo-o dos ataques do Visitador como “*Non é o demo... Cando el vén é como se o mundo estivera de estrea... O tempo fica detido e mais voa... El é a calor no frío, é a música no silencio, é a ledicia na tristura, é un home*” (33). Ao final, autodefine-se como “*Trasgo ou Desexo*” (35).

Este homem, trasgo ou desejo, poderia ser o símbolo da dúbida que se lhe apresenta a Sor Catarina antes de professar os votos. É a força da vida que fica extra-muros “*da terra, das fontes, dos camiños, do abrollar das plantas e do cío dos animais*” (34).

O Trasgo ou Desejo ou Sonho ou Força da Natureza que turra pola protagonista convida-a ao **carpe diem**: “*bailemos mentres teñamos forzas e despois morrerei*” (35). Por isso Sor Catarina escolhe o convento, desprovista já de toda vocação, porque o presente é um formoso sonho que se pode seguir acarinhando entre as frias paredes mas que se desvanecería, seguramente, ao tirá-lo desse contexto. É o anho que vai em direcção ao altar quando ela professa.

c) **Abadessa. Irmás da regra de S. Bieito. Visitador.** “*liturxia de fríos, frías voces brancas fungonas na salmodia interminable do coro de Valdefontes*”(29). “*Capítulos de culpas, devoción, pecado, purificación polo rezo,...unhas horas, poucas para repoñer forzas e voltar ao oficio de louvar a Deus*” (31).

Perante qualquer facto de carácter extraordinário berram: “*Milagre! Milagre!*” (32). Som a histéria, a ignorância e o fanatismo que lhes impedem ver mais alá da própria fé. A estas características acrescentamos o autoritarismo e integrismo do visitador: “*dá coa tralla na túa carne pecadora porque mais vale que acabes co teu corpo que non o teu corpo dea coa túa alma nos infernos*” (34).

2.3.5.—**Espaço.** Espaço fechado, frio e imóvel frente a espaço aberto, quente e móvil. Simbolicamente, espaço da realidade frente a espaço do sonho.

a) Espaço conventual. É frio e está isolado do mundo pola pedra e as reixas. “*As pedras do mosteiro eran sempre frías. Frío que medraba co reber da luz nos seráns de inverno. Frío con olor a acacias no anuncio da primavera. Frío morno nos veráns curtos... outonos fríos... un ciclo de fríos e arrecendos a carón do ciclo litúrxico*” (29).

b) Espaço exterior. É a vida com os seus ciclos que se repetem estaçom trás estaçom: “*os camiños das fontes... as encrucilladas*”.

2.3.6.—**Tempo.** Nom existe precisom cronológica. Porém, sente-se um tempo nocturno de felicidade e sonho frente a um diurno de infeliz realidade. Também existe um tempo conventual que semelha detido: sucessom monótona de frios, contra o ritmo cambiante das estaçons extra-muros.

2.4.—*Soliloquio dunha xacia*

2.4.1.—**Tema.** Um ser mitológico, umha xácia, engaiola com o seu canto um ser humano. O seu povo nom o admite e condena-a ao silêncio, à soidade e à lembrança para toda a eternidade. Nom deve haver pior tortura!!

Segundo umha possível interpretação simbólica, esta história desvela como a sociedade nom perdoa que algum dos seus integrantes transgreda umha norma de conduta e castiga-o com a soidade, o silêncio (“*é inútil que fale, ninguém o escoi-tará*”) e a memória dum sonho impossível que tentou levar a cabo. Por isso o castigárom.

Soidade, silêncio e memória também som três características do ser humano: vivemos sós, quase sempre em silêncio ou diante de interlocutores passivos (O rio Minho) e atados inevitavelmente à memória que somos nós, a nossa vida passada que resulta com freqüência umha tortura porque é irreversível e irrecuperável.

2.4.2.—**Estrutura.** Tripartida: 1) Presente: ocupa o primeiro parágrafo. Transmite infelicidade, 2) Pretérito: felicidade que origina nascimento, amor, desamor e castigo, 3) Presente: retoma o começo.

2.4.3.—**Personagens.** a) **A Xácia.** Vive no rio Minho desde há muitos anos: “*Case tantos coma ti, río Miño*” (39). Pode-se afirmar que é velha como a vida mesma. Por culpa dumha maldiçom está condenada “*á eterna xuventude, á eterna soidade e ao eterno silencio*”(39). Fala só porque a barreira do silêncio “*afasta para sempre a miña voz dos outros*” (39). A vida, como a Xácia, também é a eterna juventude ou a perene renovaçom. A vida, como a xácia, fala em silêncio, “*na música, no eco, na chuva, na tronada*”, mas nós, que formamos parte dela, com freqüência nom a sabemos escuitar. A vida, enfim como a xácia, tem memória, a lembrança de milénios que constituem a história deste planeta..

b) **O Cabaleiro de Senande.** Simboliza o amor e a morte, inseparáveis da vida (veja-se a cantiga da página 41). *Eros* primeiro trazendo a felicidade; *Thánatos* depois impondo-se inexoravelmente.

2.4.4.—**Espaço.** A história discorre nas beiras do rio Minho (metonímia do planeta) e no próprio rio: “*E eras ti, ouh, río Miño, a miña patria*” (40). Água e terra, junto com o ar e o lume da noite de S. Joám, constituem as bases da vida.

2.4.5.—**Tempo.** A história da vida/xácia começa umha noite mágica de S. Joám na qual se combinárom os quatro elementos e desde aquela a vida segue dando voltas na sua roda interminável de estaçoms que se vam sucedendo. A este elemento associam-se soidade, silêncio e memória que caracterizam a vida.

2.5.—*A fada*

2.5.1.—**Modalizaçom narrativa.** A voz narrativa em terceira pessoa de singular permite a intervençom de personagens em estilo directo.

2.5.2.—**Tema.** Umha vez mais a realidade e o maravilhoso misturam-se para nos oferecer umha história de amor impossível por culpa da diferença de classes mas também por culpa dumha maldiçom. O feitiço amoroso que prende a Rodrigo Rodríguez e Dosinda só é desfeito pola morte. Outra vez *Eros* e *Thánatos*, interpondo-se entre ambos a magia que impede o triunfo do primeiro e favorece o do segundo.

Como temas secundários observamos as diferenças de classe que imperam poderosamente. Os casamentos som contratos arrançados. As herdanças despertam as cobiças agachadas.

2.5.3.—**Personagens.** a) **Rodrigo Rodríguez.** Fidalgo dono de terras e vidas em Vilar do Penedo. Cinquenta e muitos anos de teimuda solteira *“protestada pola casamenteira prima Aurora e celebrada polos ambiciosos curmáns”*(40). O seu grande amor fora Dosinda, umha moça de condiçom humilde que o tinha prendido a umha lembrança e a um juramento: *“Non morrerei sen mesturar o meu sangue co teu. Aos ollos de Deus ti es a miña muller e só a morte poderá romper esta promesa”* (49).

Ela desapareceu misteriosamente e ele culpou o pai, toda a vida, desta despariçom. Muitos anos mais tarde descobre que Dosinda fora emeigada pola sua própria família. Home céptico nestes assuntos e com crença religiosa profunda, nom acredita nas palavras da velha moribunda até que ele mesmo comprova a verdade matando umha loba e descobrindo na sua mirada *“toda a dozura e todo o amor de Dosinda”* (50). Mais que amor, parece um círculo mágico que o tem prendido toda a vida a umha promessa ou a um juramento. Isto rompe, por fim, ao morrer ela e libertá-lo. Aconselha-lhe refazer a vida e ele, obediente, fai-no impedindo assim que a sua herdança passe a maos dos seus primos. Com a morte de Dosinda, Rodrigo dize-nos: *“Síntome como se acabase de nacer... Son un home novo e quero facer o que faría calquera home novo”* (51).

b) **Dosinda.** O grande amor de Rodrigo; um amor impossível pola diferença de classe e por umha maldiçom, conseqüência do anterior. Vai pagar caríssimo o seu amor inatingível. Os próprios pais encarregam-se de arruinar-lhe a vida com tal de que nom transgreda umha norma social absurda. Sacrificada em aras dumha moral inqüestionável, abandona o realismo dos humanos para viver no maravilhoso de mulher-loba ou fada. Só assim pode manter a magia do amor que a prende ao fidalgo. Só a morte é capaz de romper o que a vida constrói com tanto amor e tanto sacrifício.

c) **Os parentes** de ambos. Movidos por interesses próprios, completamente alheios aos sentimentos, som gente sem escrúpulos que fam o impossível por atingir os seus objectivos.

2.5.4.—**Espaço e tempo.** A história desenvolve-se em Vilar do Penedo, suposta aldeia da província de Lugo, e na mesma capital durante os anos finais do século XIX. O rural é o espaço da fidalguia galega oitocentista substituído polo urbano a medida que avança o século.

2.6.—*Umha meiga en “Albinoni”*

2.6.1.—**Narradores.** Umha primeira pessoa, sob o recurso do manuscrito achado, redige a introduçom e o epílogo do relato. Apresenta-se como sobrinha da protagonista, enfermeira no hospital do Barco de Valdeorras. É umha voz heterodiegética limitada.

Existe outra narradora autodiegética quase omnisciente graças aos seus poderes mágicos. Nom chega a ser omnisciente porque os seus filtros nom dam resultado aplicados na sua própria pessoa.

2.6.2.—**Tema.** Os poderes mágicos dumha cultura milenária seguem sendo eficazes ao trasladá-los a outra bem diferente. Umha mulher que possui a sabe-

doria das ervas e os conjuros e que a aplica exitosamente às vidas dos demais, é incapaz de a aplicar a si própria. Eis umha vida frustrada, vácuca, que suple a sua falta de afecto dominando os afectos dos outros.

2.6.3.—**Personagens.** a) **Leonor.** A narradora protagonista representa o último elo dumha cadeia familiar, na qual as mulheres possuíam a ciência das ervas e das fórmulas mágicas.

Nascida no mesmíssimo coração do Courel, representa umha mulher telúrica, poderosa e forte; magnífica conhecedora do meio e das suas possibilidades. A Avó, a Pella, deixou-lhe em herança o domínio da arte da magia e ela soubo a aproveitar, embora nom de jeito total.

Tirada do seu meio natural, o Courel, deslocou-se a Barcelona por mor da miséria que levou toda a nossa juventude à emigração. Ali, totalmente des-contextualizada, Leonor pom em prática -exitosamente- a aprendizagem da infância; ela era “*unha deusa ou algo así, dona dos sentimentos daqueles a quen eu enchía a copa*” (64).

Porém, esta espécie de deusa era humana e, além de poderes mágicos, possuía sentimentos. O amor, que ela era capaz de controlar nas vidas dos demais, nom soubo ou nom pudo controlá-lo na sua. E a deusa converteu-se numha mulher frustrada que “*vivía das vidas dos outros. Quero dicir que o meu romanticismo e a miña necesidade de afecto alimentábanse dos amores que eu inducía*” (64).

O vazio da sua vida encheu-se de álcool e a cirrose pudo mais do que a força da magia. Ela representa a transição entre o velho mundo que vive imerso na sua tradição milenária (a avó, a Pella, e todas as suas antepassadas) e um mundo novo que desconhece absolutamente os resortes vitais dos antepassados (a sobrinha enfermeira no Barco, transmissora das memórias da protagonista).

b) **A Pella** e todas as antepassadas de Foscas representam esse grupo humano que domina a arte das meigas: “*botaba o mal de ollo, pero tamén desfaciá meigallos e curaba, entre outros, o mal de amores. Pero no que verdadeiramente era especialista en ligar parellas, en amañar casorios...*” (58). Possui a sabedoria popular que sobrevive até este nosso século em que o imperialismo cultural o invade todo eliminando toda possibilidade de futuro para milhares de culturas.

c) **Xosé Saavedra.** Home empreendedor que nacera também no Courel. Depois de passar polo Seminário instala-se em Barcelona como empresário da hotelaria. Representa a emigração galega que triunfa polo mundo. Este homem é o grande amor da protagonista, que nunca se deixou enguedelhar nos filtros amorosos de Leonor ou talvez nunca chegou a saber que o éxito do seu negócio se devia, em parte, ao amor impossível que ela lhe professava.

Finalmente, casa com Neus Torres, a relaçon públicas de *Albinoni*, muito formosa e, provavelmente, muito oportunista.

d) **A sobrinha** de Leonor. Trabalha como enfermeira no Barco de Valdeorras. Fijo a carreira graças aos contributos económicos da tia. Ela é a narradora primeira, a que abre e fecha o relato, a que introduz a narradora principal. Já nom sabe nada da arte da tia porque esta “*en ningún momento me quixo facer depositaria da sua sabedoría de herbas e conxuros*” (65). Representa a sociedade galega contem-

porânea totalmente alheia, na maior parte dos casos, a umha tradição autóctone que se perdeu na geração precedente ou que se está a perder a passos agigantados sem que podamos fazer nada para o evitar.

e) Os **clientes** de Albinoni som campo de experimentação para a meiga; constituem o alimento do romantismo e da necessidade de afecto da protagonista. Ela projecta a sua frustração ou o seu desamor na harmonia amorosa dos que a rodeiam.

2.6.4.—Estrutura.

- a) Prólogo em palavras da voz narradora da sobrinha de Leonor.
- b) Relato com voz narradora da protagonista
- c) Apresentação dela mesma e da sua genealogia familiar.
- d) Residência da protagonista em Barcelona presidida polo desamor e a magia.
- e) Abandono do Albinoni e alcoolismo
- f) Epílogo. Retoma a voz narrativa primeira.

2.6.5.—**Espaço e tempo.** O Courel representa a tradição e a miséria que obriga a gente a procurar umha vida melhor longe da sua terra. Barcelona, um de tantos lugares de destino da emigração galega, representa umha possibilidade de abrir caminho na vida que a cultura contemporânea nos exige.

O tempo da história transcorre no século XX, seguramente a partir dos anos 70, quando as discotecas se pugérom de moda como lugar de reunião social e divertimento.

2.7.—*O trasgo no Caribe*

2.7.1.—**Modalização narrativa.** Existem duas vozes narrativas. Um narrador autodiegético em primeira pessoa de singular transmite informação nos parágrafos primeiro e derradeiro. O corpo central do relato conta-se-nos em terceira pessoa de singular, embora semelhe corresponder-se com o anterior.

2.7.2.—**Personagens.** a) **O trasgo** ou Xacobe Lindeiro. O real e o fantástico misturam-se na conformação desta personalidade literária.

O real está representado por um estudante triste na Compostela dos anos 50: “*A tristura tiña o rostro dun rapaz enfermizo de mirada ausente, sempre a salaiar e a beber nas noites de <La rosa del Caribe>*” (74). Este estudante nom estuda, nem come, nem dorme; vive para contemplar a mulata no seu local do Pombal e para construir um formoso sonho de amor com ela no Caribe: “*estaba a mesturar o agora co outrora, a amala sen fin nunha praia do Caribe*” (74). Até que um dia Caridad pede-lhe que nom torne a pisar o seu negócio. O estudante fixo-se notário e agora, já velho e com fama de putanheiro, quer deixar aqui constância do que foi e do que passou. Aqui descobrimos a identificação entre a voz narrativa do princípio, do remate e esta personalidade masculina tam ambígua. Este estudante, por um sonho de amor impossível, transforma-se dum jeito maravilhoso num trasgo que “*desembarcaba no Caribe para topar contigo, co teu corpo de area morna, coa marea abalo do teu peito*” (70). O trasgo é um rapaz galego, chamado Xacobe

Lindeiro, que viveu “*centos de anos e en todos os rumbos da rosa dos ventos*” (72). Deixara noivas e amigas por toda a geografia galega e chegara um dia ao Caribe para amar Caridad del Cobre; com ela “*mesturaba o relato das noites galegas coas noites caribeñas de lúa e mulata namorada*” (72). Um dia desapareceu e, depois de anos de procura, a mulata chegou à conclusom de que devia ser um trasgo. O seu sonho de amor transformara-se neste ser mitológico impossível de reter porque era como água entre os dedos.

O sonho de amor recíproco materializa-se nesse ser maravilhoso que se esfuma quando se tenta reter: a ela escapa-lhe embora seja porque dá sentido à sua vida. A ele escapa-lhe porque, pola sua condiçom de trasgo-homem, a relaçom é efémera, mas também ela semelha ser o único sentido da sua existência.

É um amor possível só no sonho, na ilusom e, paradoxalmente, este mesmo amor dá sentido às vidas de duas pessoas: Caridad del Cobre e Xacobe Lindeiro. Embora esta vida seja, para o comum, um sem-sentido.

b) **Caridad del Cobre Figueroa Pupo.** “*ron e chile e canela e tabaco e cara docísima de zucre perdida na néboa*” (69). Mulata caribenha formosíssima - “*todo o peirao se conmoveu ao aire do deu paso*” (70)- que se namora de um emigrante galego polos anos 20 e que em 1926 vém à Galiza à sua procura, “*sementando o abraio nos ollos da xente*” (71) e levantando umha lenda a respeito da sua figura.

Uns diziam que era meiga e que vinha buscar fórmulas de meigaria galega para enriquecer a macumba; outros diziam que buscava o pai, outros que era filha dum marquês... Mas, na verdade quem ela buscava era Xacobe Lindeiro, estivesse entre os vivos ou nos cemitérios. A gente ficava espantada, já que o homem parecia pertencer a outra época. Caridad chega à conclusom de que “*non era cousa deste mundo. Ningún ser de carne e oso pode vivir e amar a través de centos de anos e en todos os rumbos da rosa dos ventos*” (p. 72). Ela remata por se instalar no Pombal em Santiago de Compostela, onde regia um café com o nome de **La Rosa del Caribe**. D. Agapito Madeiro, médico no hospital, sugere-lhe que o visitador caribenho talvez fosse um trasgo e alá foi ela, de novo, por festas e fiadas deste nosso país, à procura de informaçom sobre os trasgos.

Caridad del Cobre simboliza a mulher exótica, mulata caribenha namorada dum emigrante galego que acaba instalando-se aqui para recuperar o ser (homem ou trasgo) que lhe figera perder -ou ganhar- o sentido. Representa a Penélope que tece e destece a tea dum sonho que tivo forma humana ao que nom é capaz de renunciar porque é esse sonho, justamente, o único sentido da sua existência.

2.7.3.—Estrutura do relato

Tripartida. Vém dada polas vozes narrativas.

1.^a Parte. Ocupa o primeiro parágrafo (págs. 69-70). Narrador em primeira pessoa, autodiegético limitado.

2.^a Parte. Narrador em terceira pessoa de singular nom genérica, heterodiegética e omnisciente (págs. 70-74).

3.^a Parte. Voz narrativa inicial. Identificaçom entre o trasgo caribenho dos anos vinte e o estudante santiaguês dos anos cinquenta (págs. 74-75).

2.7.4.—**Espaço.** Com o objectivo de procurar o trasgo, Caridad del Cobre percorre diferentes lugares todos eles pertencentes ao espaço galego tradicional. A mulata instala-se finalmente em Compostela e é por isso que a capital da Galiza adquire um maior protagonismo.

Antitético ao anterior existe um espaço exótico, o Caribe, onde Caridad e o trasgo tivérom a sua história amorosa.

2.7.5.—**Tempo.** Em 1926 a mulata vê desde o Caribe à Galiza com o objectivo de localizar Xacobe Lindeiro, o jovem que a amara nas praias da ilha. Muito mais tarde, em 1950, a voz narrativa situa no Pombal umha Caridad del Cobre, já velhota, a reger um prostíbulo.

Em contraste com estas datas reais, existe um tempo do sonho, nom comprovável. Dura tanto como a história de amor protagonizada por um trasgo, ser que vive centos de anos em “*todos os rumbos da rosa dos ventos*”.

2.8.—*Confesión póstuma dunha meiga en chuvia e soño*

2.8.1.—**Narradores.** Um primeiro narrador em terceira pessoa de singular heterodiegético e omnisciente, abre e fecha o relato (primeiro parágrafo e as três derradeiras linhas do texto).

Umha narradora autodiegética limitada a primeira pessoa singular feminina permite a intervençom em estilo directo de outras vozes: a da curandeira e a do moço que vê procurar um remédio para o amor.

No primeiro caso -o diálogo com a curandeira- emprega-se a técnica narrativa telefónica: só escuitamos a voz desta e deduzimos a outra partindo da sua mensagem.

No diálogo com o homem também escuitamos unicamente a voz do homem, a curandeira-protagonista mantém silêncio ainda que nos transcreve entre parêntese o seu pensamento aos leitores implícitos.

2.8.2.—**Personagens.** a) **A meiga.** Simboliza a incursom do fantástico no quotidiano: “*ollos afundidos de color indefinida, fixos coma cravos. Guedellas tesas, branquiamarelas... nariz aguzado e curvo coma unha fouce. Boca sen labios, de longos dentes mouros. Mans secas e retortas coma as cepas da vide, as uñas de garduña cheas de terra...*”. O retrato responde ao cânone estético de bruxa na nossa cultura. A isto acrescentamos a nula manifestaçom de afectos: “*endexamais me aloumiñaba*” (80). Vive só, longe da gente. “*vivirá lonxe do propio corpo, coma se dun inimigo se tratase... non poderá ter amor ou entendemento con ningún home... non poderá xamais parir fillos. Elexirá por sucesora e herdeira unha nena de ollos azuis, de orixe humilde... non pedirá cartos polo exercicio das súas artes...*” (82).

Personagem de origem fantástica que forma parte, porém, da idiosincrasia do nosso rural. Aceitada e rejeitada ao mesmo tempo, o povo crê e confia na sua ciência ou na sua arte. Os poderes fácticos condenárom-nas e perseguírom-nas ao longo dos séculos por porem em tea de juízo a ciência oficial.

b) **O rapaz.** “*Fermoso e novo era el, a quen desde aquela amei e sigo e seguirei amando...*” (83). Simboliza o amor e o despertar dumha natureza adormecida à força em aras dumha ciência que se define incompatível com os sentimentos

humanos: “A sandadora non poderá ter amor ou entendemento con ningún home porque, se o fixera, quedaría sen poderes” (82).

Mas, o descubrimento deste amor-vida vai ineludivelmente unido à morte: “pois que me traes a vida e a morte na túa alxibeira... a túa morte ou a miña. A túa vida ou a miña” (84). Mas ela escolhe o amor e a morte (Eros e Thánatos juntos) porque a vida é “beber a soidade como um solimán, envelenarse” (84).

No *Soliloquio dunha xacia* dizia:

“Amor e morte van
con flores e ramos”.

Aqui, como ali e na maioria dos relatos, o amor é umha realidade incompatível com a vida terrenal; por isso se procuram espaços fantásticos alternativos: a morte, o cultivo dum sonho, a condenação da vida eterna, a magia que transforma o humano noutra ser...

c) **Os homens** de Valcavado. Quando aparece a chuva “*aman o seu corpo morno e son mesmo posuídos por ela, polo seu corpo virxe que non coñeceu noites de trafegos de amor*” (79). Entolecem com a chuva e perdem o desejo por qualquer outra mulher.

d) **As mulheres** de Valcavado “*senten ciúmes da chuvia e tentan erguer o poderío dos seus atractivos a carón da inimiga ladroa...senten o sangue poboado por un demo luxurioso e corren loucas trás os homes*” (79). Preparam beberagens para o amor nom correspondido e dormem e escuitam a lenda da mulher-chuva.

e) **A meiga en chuvia e soño**. De pai desconhecido e com muitos irmaos, a mai encomendou-na a umha meiga para que lhe tirasse a fame. Procede dessa origem humilde que empurra os filhos a ganharem o pam desde a mais tenra infância. Medra sem fame, mas rodeada de medo: “*o medo era un paxaro mouro a me aniñar nos ollos*” (80). Medra também sem alouminhos, sem calor humano. A meiga tentou, com os seus poderes, impedir que a natureza madurasse no corpo da rapariga, mas foi inútil. A ama possuía a esterilidade e isto conferia-lhe certos poderes aos quais a moça nunca poderia ter acesso porque a sua natureza nom obedeceu a magia. Por que, sendo tam dócil, se rebelou contra a sua protectora? Provavelmente porque nom compartilhava as crenças nem o jeito de vida desta, ainda que estes supuseram a abundância. Assim o parece demonstrar o final inesperado.

Autoengana-se e, para evitar a fame ou por lástima das gentes que acodiam em busca de remédios, acaba aprendendo as artes que lhe conferirám os poderes da ama: sarar o mal de olho, arranjar desamores, curar doenças físicas adivinhadas nas meninas dos olhos, conhecer as propriedades das ervas...

Todo vai bem até que um dia chega um moço buscando um remédio para o desamor, e ela ficou “*prendida do espello dos seus ollos onde me vin muller fermosa e nova*” (83). Entom ela já nom se autoengana mais, dá renda solta à sua vida e à sua natureza reprimida tanto tempo e ajuda-o: “*axudeino...entregueime a el alén do tempo e da carne e da miña existencia*” (84).

Esvaziou-se completamente no amor dele pola rapariga que nom o correspondia. Depois veu a loucura e o suicídio por afogamento como única saída a umha

existência já sem sentido. No Poço da Ferida acha o poder de todas as meigas e sendo só mulher afogada regressa à vida sempre que chove e vive o amor no corpo dos homens que molha e fai tolear ao esvarar sobre a sua pele.

A meiga é dona dum destino traçado à força, contra-natura, um ser a quem desposuem de toda afectividade humana para poder cumprir umha missom da que nunca gostou. É um ser que vive contra si próprio até que descobre o amor e o tremendo erro que foi a sua vida até o momento. Sobrevém a loucura e a possibilidade de viver na morte o que na vida foi impossível. É o sonho da vida no além quando a de aqui resulta unha absoluta frustraçom.

2.8.3.—**Espaço.** Valcavado é a povoaçom mais próxima; distava duas léguas, polo menos, da casa da meiga. Esta estava situada num alto, só, perto do nascimento do rio. É um lugar afastado da gente e isto facilita a prática das ciências ocultas.

O Poço da Ferida simboliza o lugar de salvaçom na morte quando a vida se fai insuportável, “*o retorno aos ciclos da terra*” (85). Desde ali retorna ao espaço da vida de Valcavado em forma de chuva.

2.8.4.—**Tempo.** O tempo da história é possivelmente a infinidade da chuva sobre a terra; o tempo da vida no planeta; o tempo efémero dumha vida humana frente à infinidade do tempo da vida. Nom existe maior precisom.

2.9.—*Lavadeiras nocturnas*

2.9.1.—**Tema.** A soledade e a dor dumha mulher perante um aborto obrigado. O sentimento de culpabilidade está simbolizado nos lençóis ensanguentados.

2.9.2.—**Estrutura.**

- a) Introduçom (89-90): duas mulheres em silêncio, compartilhando o mesmo problema.
- b) Diálogo entre ambas. Ajuda a suportar a dor e a soidade (90-91-92).
- c) A mulher só lembra a história que lhe contara a avó (92-95).
- d) Reflexom final da mulher: todas as que sofrem aborto som lavadeiras nocturnas.

2.9.3.—**Personagens.** a) **Os homens.** A rapariga inexperta e inconsciente, dominada pola dor, é incapaz de achar um razoamento lógico por isso os qualifica estereotipadamente como *porcos* e *egoístas*. Porém, a mulher experimentada e conhecedora do amor sabe bem que, como as mulheres, há homens bons e outros maus. Para ela a bondade ou a maldade nom dependem do género.

Independentemente de que o home saiba ou nom ser pessoa e ajudar a mulher a ter a vida mais fácil, pouco mais papel tem nesta funçom. A fecundidade e a maternidade (ao menos antes do nascimento) som exclusivas do universo feminino. Universo rico justamente por ter a capacidade de reproduzir a vida, apesar de que muitas vezes isto nom se dá no momento e nas condições propícias.

b) **A avó e Aurelia de Teixeira.** Representa um mundo caduco, com características comuns ao presente (a fecundidade: universal e atemporal); um mundo com uns princípios morais diferentes ao presente e, sobretudo, os avanços científicos do presente evitam que o aborto se converta numha tragédia familiar. Sem

embargo, o sentimento de dor, soledade, impotência e culpa seguramente eram iguais antes e agora: “*La trás dumha longa rea de lavadeiras nocturnas que devallan na noite dos tempos... Todas portaban as sabas ensanguentadas como trofeos do pecado*” (95).

O aborto nom espontâneo era considerado um pecado, como na actualidade; condenado por unha sociedade, a nossa, teoricamente igualitária na defesa da vida, mais que -na prática- parece defender exclusivamente a vida do feto¹.

c) **Umha moça.** “... *estudiaba na cidade e non tiña home* (89). Está aguardando, silenciosa, a que lhe provoquem um aborto. A rapariga gostaria talvez que alguém a agarimasse, mas estava só a remoer a sua angústia e “*loitando contra un salouco que pulaba por se liberar*” (90). Está nervosa; morta de pánico polo que vai viver e porque têm medo às conseqüências. Na família nom sabem nada.

Ela nom contava com isto, fora como um jogo inconsciente. O home com quem compartilhava a brincadeira nom quiço saber nada e ela odiou ao egoísta irresponsável e inconsciente, sem pensar que ela também fora irresponsável e inconsciente ao conceber o sexo como um jogo e que, desde a óptica do rapaz, seguramente também era egoísta.

A rapariga inexperta, numha prolongaçom da infância, ainda nom descobre que a vida nom é um jogo, ainda que às vezes o pareça. A mulher-nena aprendeu unha dura liçom com o seu jogo.

d) **Mulher-madura.** “*Viña dunha pequena vila do norte e tiña un home no mar*” (89). Igual que a anterior, aguarda silenciosa polo doutor pensando também que gostaria de que alguém a mimasse nesses momentos de soledade, angústia e pranto interior. Também ela está nervosa e têm medo porque têm cinco filhos “*que caben baixo dun cesto e o mar non dá para tanto*” (91). Para ela nom foi um jogo, nem foi inconsciente nem irresponsável. O sexo para ela nom era só unha brincadeira, era unha manifestaçom do amor compartilhado com o pai dos seus cinco filhos. É umha mulher experimentada sabedora de que a vida nom é um jogo ainda que às vezes o pareça; mulher só e impotente perante a sua condiçom fecunda; mulher madura a quem a vida lhe deu unha liçom com a que nom contava porque a vida, às vezes, é imprevisível.

Estas som as mulheres que gozam mas que também sofrem as conseqüências da sua própria natureza contra a que se sentem impotentes, sós e doídas. A mulher assume em solitário o gozo e a dor da maternidade; ao home fica-lhe só o papel da ternura e a colaboraçom.

2.9.4.—**Espaço e tempo.** A mulher madura tem a sua morada numha vila marinheira do Norte da Galiza; a rapariga está temporalmente numha cidade universitária para completar os seus estudos.

Ambas coincidem no espaço da clínica. Este lugar simboliza o medo, a insegurança, a soledade e o sentimento de culpa. A história que lembra a mulher madura está ambientada num espaço rural que transmite as mesmas conotaçoms do centro sanitário.

O tempo da história é umha data imprecisa da segunda metade do nosso século. Aliás, existe o tempo da história que lembra a mulher madura entretanto espera o seu turno; nela retrocedemos à primeira metade deste século ou mesmo aos últimos anos do passado.

2.10.—*Cronóforos*

2.10.1.—**Tema.** A loucura humana leva um home à procura da quinta-essência do tempo, sem lhe importar muito que o preço a pagar seja a morte dos seus próprios filhos. É o mito de Saturno devorando os seus filhos e consolando-se disso com a ilusom de conter em cada garrafinha a alma de cada um dos nenos.

2.10.2.—**Personagens.** a) **Sinesio Santiso Varela.** É um homem que perdeu o sentido da realidade substituindo esta por um sonho que se converte em loucura desde o momento que nom lhe importa o sacrifício dos seus próprios filhos com tal de fazer realidade o impossível. Cheio de dor, consola-se pensando que os filhos tenham a alma guardada nas garrafas do tempo ou, dito com outras palavras, crendo que os filhos som um anaco da eternidade do tempo. É também o mito da vida eterna, de que o ser humano, mortal, leva buscando desde tempos imemoriais a imortalidade.

Representa a vítima-escravo da loucura de tentar parar o tempo biológico humano e nom humano.

b) Os **filhos** som as treze vítimas inocentes deste novo Saturno do que só sobreviveu o mais novo porque quando nasceu já estava moi trastornado o pai. O mais novo foi o que lhe concedeu a Sira Simón a caixa que continha os frascos de cores correspondentes à *alma* de cada irmao morto. Precisamente o mais novo fora amante de Sira Simón. Santiago Santiso arruinou-se por culpa do amor de Sira, morreu na sua cama e para sobreviver tivo que trespassar a relojoaria da família, um negócio que fora fundado em 1860.

c) **Sira Simón.** Ex-prostituta que acabou acomodada à costa de Santiago Santiso a quem lhe fijo tolear de amor e a quem arruinou quando este morreu, deixou-na ao cârrego das suas filhas e mais do segredo dos “Cronóforos”. Esta mulher enigmática e inteligente soubo tirar-lhe um bom partido ao seu ofício. Ela é a possuidora das botelhinhas e do seu segredo e cumpre as ordens que lhe deixou Santiago: revisar os frascos todos os dias e destapar as garrafas para que “*o tempo vaia beber*” (114). Sira, ria-se um pouco de todo e de todos e procurava tirar o máximo proveito do seu trabalho. É a mulher pragmática que respeita a memória dum home que o deu todo polo seu amor.

do) **Vinicius Oliveira** é o relojoeiro da Praça Maior (dumha cidade/Vila indeterminada? Lugo?); **Pexerto Álvarez**, penitenciário da catedral, e **Heriberto Rodil**, dono da tenda de tecidos *La Selecta*. Os três conheciam o calor premonitório do relógio do concelho: “*o reloxio dera as 12 com 11 badaladas e media*” (99) e isso unia-se ao sinal dumha alfa escarlata na palma da mao. Os três sabiam que ia morrer a derradeira Santiso; que Sira Simón, a quem frequentavam por mor do seu ofício, era a possuidora do segredo. Estavam unidos pola curiosidade, polo sinal escarlata e por Sira Simón. Polo demais, eram completamente diferentes. Ao final descobrem o segredo, mas vem-se sobrepassados por algo que está fora da comum realidade.

2.10.3.—**Tempo.** a) Tempo da história. Só temos duas datas concretas: 1860 e 1893. Porém, os feitos do presente sucedem bastantes anos mais tarde; talvez os podamos ubicar na primeira metade deste século.

b) O tempo tem também um valor simbólico. Em torno a este factor gira toda a intriga do relato: a magia, o mistério, o maravilhoso de tentar reter a “*quintaesencia do tempo*” (108).

2.10.4.- **Espaço.** Umha vila ou cidade galega é o macro-espaço. Os micro-espaços som a relojoaria, a catedral, a tenda de tecidos e a Tineria (prostíbulo regido por Sira). Estes quatro vértices do quadrado constituem o eixo sobre o que gira o relato.

2.10.5.—**Estrutura**

1) Exposiçom do problema (págs. 99-110).

2) Nó: resoluçom do enigma (págs. 110-115).

3) Desenlace: final anti-climático, inesperado (115-116).

2.11.—*Mulleres no camiño*

2.11.1.—**Tema.** O sonho dumha mulher de fins deste milénio que aproveita distintas personagens da história feminina para caracterizar distintos tipos de mulher, sem importar-lhe para isso romper toda ordem cronológica.

2.11.2.—**Personagens.** a) **Ana de Castro** nascera polo 1600 no couto de Armenteira; orfa, como um cam sem dono, vive da esmola dos vizinhos aturando, incluso, as violaçons. Um dia conhece a Vasquida, unha meiga que lhe ensina os seus poderes e que numha noite de S. Joám leva-a a um aquelarre. Ali fai o amor com o demo e anos depois, nos calabouços da Inquisiçom, descobre o mesmo rosto num dos anónimos denunciante. Tinha 20 anos quando a Inquisiçom a torturou e a expulsou de Santiago, a lombos dumha burra, espida de cintura para arriba, e recebendo dous centos açoutes dum verdugo. Casou com Benito da Granha, em Ponte-Vedra; nom o queria mas este homem dava-lhe a segurança que lhe quitava a bruxaria. Ela seguiu exercendo o ofício e no 1651 voltou a ser torturada polo Santo Ofício. De novo, levou dous centos açoutes e foi desterrada fora do reino da Galiza durante um período de dez anos. Tinha 46 e o corpo e a alma magoados, os saloucos, a luxúria nos olhos dos coengos e dos frades, quer que a cidade se ajoenlhe e lhe pida perdom diante do Apóstolo porque foi ela “*a que non respectou o mandado do Cristo. Depois volverei ás sombras e xa non gardarei rancor nin-gún*” (125).

b) **A Dona do Vilar** ofereceu-lhe a sua flor a Ana de Castro “*para que na túa equipaxe haxa algo que non sexa froito da maldade*”(125). A razom da sua peregrinagem era “*lembrar que o tempo passa, encher como unha fonte de auga o vaso do silencio, facer a máis fermosa poesía ao efémero, poboar de soidades os corazóns dos peregrins de toda a historia, agardar o regreso imposible daquel que me deu unha flor*” (125).

c) **Ingrid**, a princesa medieval chegou a Santiago em 1270 com toda umha corte de moças e nobres damas. Ela fugia do aborrecimento dos longos invernos nórdicos, onde os homens caçavam e as mulheres esmoreciam. Ela buscava a liberdade do caminho e o sol e nom era unha questom de fé. A peregrinagem do presente si que era piadosa. Na viagem do passado também havia unha história de amor que agora nos oculta.

do) **M^a Peres**, andou muitos caminhos e foi comprada por muitos homens, mas ela dominou-nos a todos porque só amou dous: o filho e um escolar da idade do filho que lhe quentou o leito de velha. Foi prostituída polo mesmo Rei Sábio que a vendeu para atingir propósitos políticos, foi escarnecida e maldiçoada em muitas cantigas, as mais ferintes as de Joám Baveca. Ela que conhecia todos os segredos da vida nom pudo deter o tempo e recuperar o prazer da carne nova. Agora, depois de muitos séculos, aguarda o perdom divino.

e) A **quinta viageira** era umha mulher que acordou com Ofício de Maitines diante dumha chaminé fria e completamente só; no chao havia vários livros que a levárom ao sonho das quatro mulheres anteditas. Esta viageira era umha das galegas que participou na conferência Mundial sobre as Mulheres que tivo lugar em Pequim no ano 1996. Ela sentia que *“todas as mulleres do mundo peregrinaban comigo porque a Conferencia mas cargaba sobre as costas como un peso dolorido e precioso ao mesmo tempo, (mulheres sacrificadas a um) “Deus definido por homes sen piedade... mulleres do planeta que loitan para que a vida das mulleres sexa mais digna... nenas tailandesas vendidas em prostíbulos. condenadas á sida e á vergoña... filipinas ás que un mesmo amo paga doce veces menos que as que fan un traballo semellante no 1º Mundo... mulleres do 3º Mundo na procura de xeitos de sobreviviren no medio da pobreza mais denigrante... escravas da beleza mercantilizada...(129)*

2.11.3.—**Voz narradora.** A voz narradora do relato é esta mulher galega de finais do século XX que, assistente à Conferência de Pequim, serve de elo de uniom entre as quatro viageiras com as que sonhou e o presente deste fim de milénio em que podemos achar Marias Balteiras, Anas de Castro, Ingrids dos quatro pontos cardinais e *donas do Vilar cheirando unha frol*. É umha mulher galega inteligente, culta e trabalhadora, de enorme sensibilidade e beleza interior; mulher que nom se resigna ao papel que a história, feita por homens, nos concedeu; mulher ilusionada e optimista que crê na possibilidade dum mundo melhor, mais justo e mais feliz, onde nom importe o género, a raça, a relijiom, a classe social... um mundo em que todas sejamos pessoas, independentemente das nossas diferenças. E é aí nessa diferença aceiteada e respeitada onde radica a riqueza da humanidade. Todas as pessoas somos iguais per se, e todas somos diferentes tomando em consideração o mesmo critério.

Nesta personagem feminina achamos perfectamente combinada a realidade dumha galega do último segmento cronológico do século XX que assiste a Pequim com a ilusom de construir umha vida mais digna para as mulheres deste planeta e, portanto, da humanidade. E, aliás, um sonho com Maria Balteira, Ana de Castro, Ingrid de Suécia e da Dona do Vilar, um sonho que quando acorda se fai real ao comprovar esses mitos doutros tempos están simbolizando a milhons e milhons de mulheres, *“un peso dolorido e precioso ao mesmo tempo”* (128) que tentam sobreviver no meio das condiçõs mais denigrantes, mulheres exploradas, violadas, vendidas e mercadas... a maioria resignadas com o seu triste destino, e umha minoria que trabalha para que a vida humana seja mais digna.

O mundo actual e a história passada están cheios de Anas de Castro, vítimas de ideologias integristas para as que nom existem os direitos humanos (e muito

menos os das mulheres). Só pedem que lhes devolvam o roubado (a dignidade) para poderem descansar em paz.

A história também está cheia de Donas do Vilar, sonhadoras que comprovam com dor que o tempo passa e nom perdoa, mulheres com soledade que procuram no efémero cheiro da flor, os impossíveis (ou talvez possíveis) que os homens ou a vida nom lhes podem oferecer. Escolhem o sonho porque a realidade é difícil de aturar.

Quanto às Ingrids, essas procuram o sol e a liberdade porque a vida que levam é feia e obscura, é fria e aburrida, estão fechadas em formosas gaiolas de ouro que, embora sejam de ouro, nom deixam de ser prisom. Buscam o calor de algo ou alguém que lhes mova o sangue gelado nas veias de tam frias que som as suas vidas.

As Balteiras som aquelas que usam o seu corpo como umha mercadoria, embora o seu amor seja para poucos. Som aquelas de quem os homens fam uso para atingir objectivos políticos, económicos ou sociais; som aquelas que perdêrom a dignidade há tanto tempo que esquecerom o que isso significa.

2.11.4.—O **espaço** em que se desenvolvem os factos é umha hospederia conventual em Compostela onde coincidem as cinco mulheres. Mas, também devemos tomar em consideração o espaço do caminho: encerra o simbolismo, como em Machado, do caminho da vida, concretamente da vida feminina.

2.11.5.—O **tempo** da história caracteriza-se polo anacronismo: o século XX aparece harmonizado com século XVII de Ana de Castro, o XIII de Ingrid e a Balteira e a imprecisom cronológica da Dona do Vilar. Desta última, Cunqueiro dixo “*cheirando a flores do mil e pico*” e é impossível maior exactitude.

Na realidade, detrás deste aparente anacronismo achamos a exacta precisom de toda a história da humanidade, o qual parece inconcreto, mas é a absoluta realidade.

2.11.6.—**Estrutura**. O relato está constituído por duas grandes partes: umha correspondente ao sonho, que compreende desde o começo até o derradeiro parágrafo (p.128); este derradeiro parágrafo constituiria a segunda parte, é o despertar do sonho por parte da voz narrativa principal (autodiegético e limitada). É umha pequena história da mulher que agacha a voz narradora.

Dentro da primeira parte poderíamos fazer as seguintes subdivisons:

—Introduçom.

—História quase biográfica das protagonistas: Ana de Castro, a Dona do Vilar, Ingrid de Suécia, Maria Balteira.

2.12.—*A contadora de contos*

Relato de feitura dialógica. A avó tenta explicar a umha neta, com o pretexto dum conto para dormir, a história das mulheres. É simples: “*meigas e xacias e soldadeiras e mulleres que son chuvia e monxas, que son pagás e contadoras de contos que regresan da China nun avión e xa dormen...*”. Estas mulheres som como maçás reinetas guardadas num armário que encheu a casa dum arrecendo excelente e poderoso. Som mulheres que venhem de longe descalças, cara ao túnel que conduz ao país da memória, “*despenteadas ... o nome gardado en olas de barro, moldeadas por homes...*”.

Somos as mulheres que nos remontamos às origens da humanidade (talvez daquela isto fosse um paraíso), mulheres que seguimos caminhando descalças e despenteadas pelo longo túnel dumha história sem luz, mulheres a quem os homens ocultárom inclusive os nomes em preciosas olas de barro que ainda hoje estão por escachar, quase animais domésticos “*moldeados por homes*”, obedientes, submissas, resignadas, trabalhadoras e caladas. O nosso arrecendo de reineta segue afí; mas, a saída do túnel apenas se albisca alá longe. Confiamos em que as nossas filhas e netas rompam os moldes de barro em que os homens nos encerráron (faremos o possível e o impossível para que assim seja) e que os nossos nomes já nom sejam anónimos, que ninguém nos roube nem o sono nem os sonhos, que podamos contar cavalinhos de mar e buguinias em que a vida cante e ecoe para sempre. Nós agora, desde há apenas um século, começamos a pôr as bases para romper as olas de barro, para tentar desenhar o fim do túnel, elas aguardarám “*a saída do túnel coa lanterna acesa*” para que os nossos nomes botem raízes, para que os nossos sonhos e os das nossas antepassadas se cumpram, para que o arrecendo das reinetas seja umha realidade de formosas maçás que encham toda a nossa casa, que é este planeta, para que a raça humana seja mais feliz.

3. A NARRATIVA DE MARICA CAMPO: ALGUMHAS CLAVES INTERPRETATIVAS.

3.1.—*A mágica realidade*

Marica apresenta-se-nos como umha portentosa fabuladora. A realidade que ela habita está povoada por um lado polo nosso banal quotidiano e por outro polos mitos, os sonhos e as fantasias que conformam parte da particular cosmovisom de muitos galegos: esse lugar em que convivem harmonicamente realidade e fantasia. Os hispanoamericanos chamárom-lhe **realismo mágico** (Cortázar, Borges, García Márquez, R. Bastos, I. Allende...) e, embora Cunqueiro refugasse sempre o enquadramento em toda escola ou corrente, é possível que o achemos também em algumas obras da sua feitura. Cremos que esta mágica realidade atravessa também esplendidamente as páginas do livro de Marica Campo e convoca-nos ao gozo da leitura.

“En Armea a terra estala en vida, posuída e preñada nun celo vexetal interminable” (18).

“O cervo branco, erguida a cabeza, estaba apreixado polo magnetismo da viaxeira nocturna. E quixo a doncela entrar no círculo máxico, pero o aire facíase densísimo arredor do cervo e formaba un fanal impenetrable” (25).

“Xacobe Lindeiro non era cousa deste mundo. Ninguén de carne e óso pode vivir e amar a través de centos de anos e en todos os rumbos da rosa dos ventos” (72).

“Foi dicir eu aquelas palabras e desaparecer a lavandeira como se esvaecese no aire da noite” (95).

Vieiros do real e do fantástico transitados, com toda naturalidade -preferentemente- por mulheres, formosas e poderosas mulheres que se miram no espelho dos seus próprios olhos e descobrem, sem surpresa, que a vida é umha caixa de sombras chinesas na qual cabe todo o que a nossa fantasia ou a nossa imaginação criadora quizer introduzir, porque a realidade tem mil rostos e cada um de nós pode contemplar à vontade cada um deles.

Nom se trata de que Marica tenha intenção de escapar da realidade por meio dos sonhos; ao contrário, é que a realidade de Marica é extraordinariamente rica, plurivalente e nela cabem os mitos, sonhos, realidades e fantasias; todo o que acolhe o espírito humano. Ela é dona deste rico universo e dona da palavra que nos permite a nós, leitores, ter acesso a ele.

3.2.—*Dignificação do universo feminino*

Nesta colecção de relatos achamos um omnipresente protagonismo feminino, um microcosmos tam ignorado como incompreendido. Maria Balteira, Oria, Branca, Sor Catarina, Caridad del Cobre, Ingrid e Ana de Castro compartilham protagonismo com xacias, fadas, meigas, lavadeiras, contadoras de contos e um semfim de mulheres que perdêrom os nomes e os rostos nas páginas que o vento da história vai virando ao ritmo de emoções e sentimentos. Som mulheres-anjo e mulheres-demo, etiquetas aplicadas de jeito indiscriminado pola crítica androcéntrica que se esquece sempre de que as palavras que melhor nos definem som **ser humano**. E como pessoas nos apresenta aqui Marica estas mulheres, Penélopes que tecem e destecem os fios da vida numha cerimónia que se remonta ao tempo como medida de amor e morte. Som os fios que a avó (“A contadora de contos”) vai combinando para a neta “*ao longo de mil anos*” com a finalidade de elaborar esse magnífico tapiz com “*moitas vidas... ovelas... cabaliños de mar... buguinhas... mares... mulleres despenteadas... mazás reinetas que xa non están pero deixan o arrecendo*”(134).

Esta presença de mulheres aprecia-se já no título, que se corresponde com o nome da protagonista do primeiro relato. Observa-se harmonia entre a mulher e a natureza. Umha boa parte da literatura feita por mulheres rompe os limites entre o interior e exterior através da integração do eu feminino na natureza (pannaturismo), a vivência telúrica da mulher (“O cervo e a lúa”), a fecundidade da terra associada à da mulher (“Lavadeiras nocturnas”), a harmonia do discorrer vital próprio da natureza (1º e 3º relatos), a sensualidade na natureza (1º relato, “O trasgo...”, “Confesión póstuma”), a fusão da natureza como refúgio frente à morte; as contínuas alusões às curandeiras, bruxas, ritos; a parábola da mulher-loba.

Isto observa-se nas contínuas referências a mulheres excepcionais (Maria Balteira, A. de Castro, a dona do Vilar, Caridad del Cobre...) e também se constata na tendência à introspecção, ao intimismo (Lavadeiras, Solilóquio, Confusión, Confesión póstuma...).

Dentro do intimismo achamos os motivos da soledade (Solilóquio, Caridad, Lenda do loiro) da recriação dos sentimentos amorosos. Todos os relatos giram em torno a um amor inseparável da dor; quase sempre é triste, desesperado, derrotado, ferido. É mais desamor que amor propriamente dito. É um anseio vital pou-

casas vezes realizado, um sem-sentido da própria vida da mulher ao sofrer a carência do amor, um amor-desamor que pode aniquilar a personalidade feminina e trasladá-la ao delírio amoroso ou martírio. *Eros* é derrotado por *Thánatos* com frequência; amor e morte som dous eixos básicos para entender a maioria das vidas femininas destes relatos. Em algum caso o amor pode servir de refúgio dentro da própria morte. Ao pé do desamor achamos ambições, invejas, hipocrisias... e pequenas doses de felicidade para estas protagonistas “*enfrentadas coa súa condición fecunda*” como diz a voz narrativa de “Lavadeiras nocturnas” e continua: “*quererian, quizais, quentarse á calor de pasados bicos; pero os bicos acedáronse como leite mal gardado e vello. Como amigas compartían, mudas, a longa agarda e penduraban nas paredes a tristura igual que un cadro en grises, tal vez dalgún naufraxio*”(90).

Aprecia-se também a análise de problemas psíquicos vinculados às funcións de mai e dona do lar (Lavadeiras), a opinión que o sexo feminino tem do oposto (Lavadeiras, Mulleres no camiño, Confusión e morte). Estas apreciações permiten-nos constatar a existência de um profundo abismo e incomunicação entre os dous sexos e um rejeitamento de certos valores preferentemente masculinos (ambição, ansia de triunfo material, absoluto desinteresse da vida privada e excessiva preocupação pola pública...) assim como diferentes posicionamentos com respeito ao matrimónio.

3.3.—O pannaturismo

A autora acode ao velho -embora ainda vivo- pannaturismo. A vida em Terra e Água levamo-la entre as maos; só temos que deixar que flua, deixar que o mundo inteiro, e a luz e as sombras entrem em nós e se aferrem no meio de todos os silêncios.

3.3.1.—ÁGUA. Em muitas das suas manifestações (rios, fontes, lagos, poços, chuva) flui pola maioria dos relatos como elemento imprescindível para o seu desenvolvimento. Este símbolo do percurso vital mana das páginas do livro como elemento nutrício e, à vez, purificador. A vida está representada por esta permanência de água em movimento. Nós como a terra que nos nutre estamos empapadas de humidade:

“Volveraste solda do monte e espiga de auga, espadana amarela e xunco de lagoa” (17).

“Que chovera que non chovera, viña mollado. Semellaba desvalido, malia ser un galán forte, quizais polos ollos claros e tristes, como de auga” (31).

“Da ulmaria xurdín eu, corpo de muller e alma de río. E eras ti, ouh río Miño, a miña patria” (40).

Ao pé da **água**, está o elemento **terra** que gira e gira ao ritmo das estações: o tempo da sementeira, da recolheita, do acoplamento homem-mulher e também o das bestas, o tempo do inverno gris ou da florida primavera:

“A terra e mais eu aínda temos algo que che dar. A terra é piadosa e non

che pide nada a cambio; vaiche dar milleiros e milleiros de veces mais a sua saíva” (17).

“Casara Gundar un día de abril. A vida rebenta polos catro rumbos da rosa dos ventos e a noiva confundíase coa primavera, florecida dende a grilanda de pelo ata a punta dos pés” (23).

“A terra tira por min e pode ser que un día me esvaia no aire que me trouxo” (72).

*“Na noite de San Xoán
amor e morte van
con flores e ramos
á beira do río
en cabalo branco” (42).*

3.4.—*Sombras nocturnas (a noite)*

Estas constituem o terceiro elemento simbólico pannatural. Aínda que a luz do día clarea en moitos recantos, parece que a nocturnidade é o momento preferido pola autora para desenvolver os relatos. É posíbel unha hipotética influencia rosaliana; e é mesmo provável que as sombras sejam cúmplices guardadoras de moitos acontecementos imposíbeis sem a luz solar:

a) O cervo e a lua.

b) As lavadeiras nocturnas.

c) *“E Volve às noites de danza leda e frenética”.*

do) *“Era noite de S. Xoán, noite máxica que xunta o mundo das estrelas co mundo de aquí abaixo. Noite que fai verdade os soños e que converte a realidade en pesadelo” (40).*

As tebras nocturnas envólven os movementos destas personaxes como quando se apagam as luzes dum teatro para comezar a peza ou para o cámbio cénico; rumor de bastidores, “movimento do escuro no escuro”, em palabras do poeta inglés T. S. Eliot.

Escuridade, silêncio, expectativa... talvez sejam estes os nomes apropiados para definir o *status quo* da historia das mulleres e o de millóns de mulleres actuais que seguen movendo-se entre bambalinas. A nocturnidade é moito menos cruel e máis permissiva que a plena luz. É tamén ela a que favorece a magia e o mistério presentes nos relatos.

3.5.—*O tratamento do tempo*

O tempo é um dos mitos deste libro de relatos: sempre ameazador, continuamente presente e inexoravelmente fugidio, arbitrário e todopoderoso, deslocando-se continuamente para o pasado e para o futuro, sem esquecer o presente, obrigando os protagonistas a moverem-se ao seu antolho:

“Alí estaba o escano onde horas antes falaba a Balteira dos seus pecados, Ana de Castro das súas torturas e Ingrid de Suecia do seu frío país. Alí estaba tamén o tallo no que a dona do Vilar cheiraba a flor do tempo, efémera e fermosa. E alí estaba eu...” (128).

A voz narrativa autodiegética vê-se obrigada a harmonizar os seguintes momentos históricos: dous diferentes no século XIII -Ingrid e Maria Balteira-, Século XVII para Ana de Castro, Idade Média imprecisável para a dona do Vilar e última parte do século XX para ela própria narradora co-protagonista.

O tempo, esse rio fugidio que nos escapa das maos irremediavelmente, absolutamente topoderoso pode observar-se com precisom no primeiro dos relatos:

“Quero volverme nova, quero outra volta a xuventude”(15).

O tempo é *“un río que va a dar a la mar”* como dizia Manrique. Frente a este todopoderoso tirano temos outro, que é o mesmo actuando de jeito diferente:

“O tempo detívose no meu corpo como a auga axeada na clepsidra... a maldición da eterna xuventude caeu sobre min igual que un raio. Non envellecer é como non vivir” (39).

O mesmo tempo tirano, ameaçador, omnipresente, arbitrário... é o tempo dos ciclos da natureza da que todos somos co-partícipes na vida e na morte:

“A terra é piadosa e non che pide nada a cambio; vaiche dar milleiros e milleiros de veces mais a súa saiba... o acougo da flor da malva... xurdirás na carpaza e no toxo albar,... o ceo dos ciclos da vida e da terra, un ceo iluminado polo mesmo sol e pola mesma lúa que os dias da nenezza” (17).

O tempo, personagem tiránica, pode exigir inclusive o pagamento em vidas humanas se algum louco humano tenta descobrir a sua quinta-essência:

“dixome que aí se encerraba o alento das horas .. dixome que, se ese alento se perdía, igual se acababa o mundo... eu sei que teño que destapar a botella para que o tempo vaia beber...” (114).

O tempo obriga-nos a nós, leitores, a segui-lo nas suas andanças e exerce sobre as personagens do livro um domínio absoluto.

Porém, Marica manipula o tempo em funçom dos seus objectivos estéticos ou do interesse argumental dos relatos. Embora às vezes haja um marco histórico preciso, com freqüência é ignorado porque tam importante como o tempo cronológico é-o o psicológico ou o tempo dos sonhos, do maravilhoso...

Concluiremos, seguindo o ensino do filósofo francês H. Bergson, que achamos um nível temporal pragmático, no qual se movem personagens da realidade quotidiana; é um nível temporal psicológico, onírico, mítico, nom cronológico, no qual se movem personagens como a xácia o trasgo ou onde todo é possível.

Estes dous níveis nom som herméticos senom que se intercomunicam estupidamente e as personagens movem-se de um a outro com plena liberdade. Marica joga com o passado, o presente e futuro, alterando-os ao seu antolho, joga com o tempo nom cronológico e recorre ao anacronismo como umha estratégia narrativa ideal para a recriaçom da alma humana. O tempo na sua narrativa nom se pode medir de jeito convencional, haverá que ter sempre em conta a particular mediçom interior do ser humano.

3.6.—O tratamento do espaço

Marica Campo manipula a categoria espacial do mesmo jeito que a temporal, misturando espaços reais com outros imaginados:

"Ouh, río, lámbeme a pel, bícame a alma. Dame as caricias do que se foi polo camiño sen retorno. Perfúmate de xarxa e tomentelo e alenta sobre min. E, se non me podes amar, agranda o peito, ven en enchente e berra. Berra e borra o meu pozo e a memoria de min" (44).

"Era en balde vivir. Atraíame o segredo escuro e frío do Pozo da Ferida... o retorno aos ciclos da terra. Mergulleime nas augas coma un seixo. No fondo do pozo ¿ou da morte? estaban todos os poderes de todas as meigas que foron e han de ser... só quixen ser muller. A muller afogada que agora é auga de chuvia morna e volve sempre" (85).

Estes som espazos nom verificáveis aos que lhes atribui, com a máxima naturalidade, capacidades sobre-naturais. O seu tratamento permite-lhe a Marica mover as suas personagens em várias direcções:

a) Espaço tradicional: Armea, Valcabado, o Caribe ou Galiza. Som preferente galegos ou están em íntima relación com a Galiza.

b) Mítico, nom verificável, que já comentamos anteriormente.

c) Vertical: vida-morte. Os caminhos que percorrem em vida a Balteira e o espaço da morte que supom um regresso à terra-mai.

A terra, a água e a noite e o dia; esse pannaturismo já comentado podemos-lo aplicar aqui. Os espazos tradicionais, míticos ou verticais remetem-nos sempre a Galiza "*o país dos dez mil ríos, do vello camiño das peregrinacións... país dos mil vales... país fermoso, eternamente verde, patria querida...*" (Álvaro Cunqueiro). As palavras do universal mindoniense permitem-nos reconstruir na memória o espaço onde Marica desenvolve os seus relatos: aldeias, lugares, montes, rios, fontes, vilas, cidades, caminhos, casas, labradores, ermos, paços, igrejas, conventos, cabanas...

É a nossa Galiza, a nossa casa neste planeta, o macro-espaço em que se desenvolvem os relatos. Dentro dela configuram-se os micro-espaços anteriormente mencionados e muitos mais.

É a Galiza do espaço tradicional, mítico e vertical.

O micro-cosmos do caminho: como noutros autores está simbolizando o caminho da vida, umha vida em que o ser humano tenta buscar o sentido da sua existência. Somos como Ulisses que começamos "*a vagar no más nacer, y a regresar no más partir*" (Cunqueiro: *Las mocedades de Ulises*). Como Ulisses temos um ponto de partida, nascimento, umha viagem com aventuras: o caminho propriamente dito, um retorno a Ítaca, útero materno da terra que nos agarima eternamente.

Dentro deste caminho humano-vital devemos destacar o caminho-peregrinação da mulher ao longo da história humana, a mulher principal protagonista do livro. Mulheres de água e terra, de vento e lume que se deslizam subtilmente entre as bambalinas do grande teatro da história. Nenez, juventude, madureza e senectude entram em remoínho dando voltas e voltas na roda da vida que nom para. O

silêncio e a sombra som o nosso reino!! Os relatos que melhor exemplificam isto som “Mulleres no camiño” e “A contadora de contos”. No primeiro encerra-se, em certa medida, a história da mulher até o presente. No segundo, a luz do porvir deslumbra-nos porque os sonhos de milénios vam, por fim, fazer-se realidade.

3.7.—*Língua e estilo*

Umha das características da literatura de mulheres consiste na procura de **umha nova linguagem**, que tente expressar vivências novas e que nom poderiam ser formuladas dentro dos moldes lingüísticos androcêntricos.

Marica Campo segue a normativa proposta polo ILG. Porém, aprecia-se umha deliberada ausência de rigor na utilização dos códigos lingüísticos e técnico-narrativos já que a linguagem se vai adaptando à vertiginosa volubilidade da vida que retrata; tenta captar a pluriformidade do mais aparentemente insignificante da realidade diária.

“E moitas mortes son moitas vidas... Conta vidas. Conta vidas como ovellas, como cabaliños de mar, como buginas, como mares, como mulleres despen-teadas, como mazás reinetas que xa non están pero deixan o arrecendo” (134).

O radical informalismo, e o carácter lírico-poético, que tenhem muitos relatos, dam-lhe ao conjunto umha carga de ambigüidade que possibilitaria diferentes leituras: no caso de Maria Balteira estamos perante a tradicional **mulher-demo, mulher-anjo** ou é umha simbiose extraordinária de ambas.

A procura de umha linguagem feminina implica umha auto-afirmação do género tradicionalmente menosprezado no âmbito cultural e, portanto, um desafio aos valores artísticos tradicionais. A escolha deste caminho supom a assunção da diferença; porém, conleva o risco de sucumbir em certos aspectos do rol feminino tradicional. Parece-nos que a autora superou esta etapa e que a sua língua nom se distingue substancialmente da dos seus companheiros masculinos. Parece conhecer bem o significado da frase da ilustre escritora inglesa V. Woolf em *Um quarto próprio* quando diz: “*escrever como umha mulher mas como umha mulher que esqueceu que é umha mulher*”. Umha igualdade lingüística na que já nom se veja mais reflectida a concepção patriarcal dominante na nossa e noutras sociedades.

Língua cuidada e clara atitude de mulher escritora seguindo a tradiçom literária feminina dalgumhas das suas escritoras preferidas: **E. Dickinson, V. Woolf, C. Peri Rossi, A. Pizarnik, R. de Castro, P. Pallarés...**

A língua é aqui um magnífico instrumento que serve de reflexo a um esplêndido microcosmos feminino. Veja-se como exemplo o “Soliloquio dunha xacia”.

Quanto à corrente literária, na nossa opiniom, estamos perante a obra dumha escritora que se mantém à margem de modas literárias dum jeito consciente e crítico, oferecendo-nos umha colecção de relatos à altura do nosso tempo. Talvez poderíamos falar de “Realismo Mágico” ou de “Literatura da dignificação feminina, porém semelham-nos clichés demasiado estreitos para poderem conter, com precisom, este magnífico tapiz de relatos curtos.

3.8.—*Temática do livro*

1) Simbiose entre o corpo de Maria e os poderes mágicos de Eusenda, que dariam como resultado umha mulher extraordinária, mais próxima ao mito que à realidade.

2) O poder da magia dumha mulher que a leva a ultrapassar as fronteiras da natureza com tal de conservar o amor do homem que quer. Ela metamorfoseada em lua e ele em cervo. Só o poder do amor pode desfazer o poder da magia da mulher.

3) A força da natureza, do instinto, da vida... um certo paganismo frente a umha religiom cristão-católica com a força dum Deus que castiga o corpo e talvez o espírito.

4) Soledade, silêncio e memória som as características dum ser mitológico, umha xácia, que possivelmente esteja simbolizando o ser humano: vivemos sós, em silêncio porque nom é fácil achar interlocutores, e atados irremediavelmente a um passado irrecuperável e irreversível.

5) Um feitiço amoroso prende a Rodrigo Rodríguez e a Dosinda e separa-os a diferença de classes. Só a morte desfai a magia, vencendo o amor.

6) A vida frustrada, vácuca, dumha mulher que suple a sua falta de afecto dominando os afectos dos demais com a sua sabedoria milenária de ervas e conjuros.

7) O amor como algo possível só no sonho, na ilusom e, paradoxalmente, em amor que dá sentido às vidas de duas pessoas: Caridad del Cobre e X. Lindeiro. Ainda que esta vida seja, para a maioria do comum, um sem-sentido.

8) A frustraçom amoroso-existencial dumha mulher conduze-a ao suicídio, procurando na pureza da água e da morte a realizaçom dum sonho impossível na terra e na vida. O maravilhoso ou sonho como alternativa a umha realidade decepcionante.

9) A soledade e a dor dumha mulher perante um aborto obrigado. O sentimento de culpabilidade simbolizado nos lençóis ensanguentados.

10) A loucura humana leva um homem a pensar que achara a quinta-essência do tempo. Chegou à conclusom de que o tempo necessitava do sacrifício de vidas humanas para poder continuar o seu transcurso. A eterna procura do impossível por parte do ser humano.

11) Os mitos de Maria Balteira, Ana de Castro, Ingrid de Suécia, Dona do Vilar e a narradora (Pilar Garcia Negro) servem de símbolo para milhons de mulheres que habitam este planeta desde há milénios até a actualidade; mulheres resignadas com o seu triste destino na sua maioria e umha minoria que trabalha pola dignificaçom do nosso género.

12) A finais do século XX estamos assistindo, ao fim, à realizaçom de alguns dos sonhos de milhons de mulheres que nos precedêrom no longo caminho da história e que deixárom em nós o seu arrecendo.

BIBLIOGRAFIA

Campo Domínguez, M.: *Tras as portas do rostro*, Bahía Ed., Corunha, 1992.

_____ : *Confusión e morte de María Balteira*, Bahía Ed., Corunha, 1996.

Risco, V.: "Etnografía. Cultura espiritual", in *Historia de Galiza* dirixida por Ramón Otero Pedrayo, Ed. Nós, Buenos Aires, 1962, Vol. I, págs. 255-446.

Interferências lingüísticas na direcção galego → espanhol na Comunidade Autónoma Galega (*)

Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO
(Universidade de Vigo)

0. QUESTONS PRÉVIAS

0.1. O tema deste estudo inscreve-se, em linhas gerais, dentro da problemática universal que alguns autores situam no campo de contacto de línguas —e, como salienta Karmele Rotaetxe (1988: 96), o contacto é inseparável da interferência—, outros no campo do bilingüismo —parece ser opinião bastante unânime em autores como Appel e Muysken (1996), Blas Arroyo (1993) ou Romaine (1996) entre outros muitos, que o contacto de línguas parece conduzir, inevitavelmente, ao «bilingüismo», pelo menos, na sociedade mas nem sempre nos indivíduos— e nós, seguindo o assisado critério e parecer de António Gil Hernández, no âmbito do «colingüismo», entendendo por tal umha situação em que os falantes, nomeadamente os compreendidos no sector que iria desde os 15 até os 25 anos, nom sabem em que língua están.

Quando estamos ante um claríssimo exemplo de contacto de línguas ou ante umha situação de bilingüismo e/ou colingüismo, as primeiras perguntas que se levantam poderiam ser estas: Pode-se distinguir na Galiza entre bilingüismo social e bilingüismo individual? Resulta fácil saber na Galiza em que consiste o bilingüismo individual? Existe a diglossia na Galiza? As respostas som múltiplas e complexas, mas a respeito da segunda, e centrando-nos no tema da nossa pesquisa, poderíamos dizer que determinar na Galiza em que consiste o bilingüismo individual é bastante simples, mas determinar em determinadas pessoas ou grupos até

(*) Este trabalho nasce no seio do Projecto de Investigación *Interferências lingüísticas no território da comunidade lingüística galega. Análise de casos e novas propostas educativas e didácticas*, subsidiado pola Vice-Reitoria de Inovação Educativa e Estudantes da Universidade de Vigo (1996). Neste lugar tam só apresentamos umha notável síntese sobre o 'estado da questom'; umha brevíssima 'gramática' e um elenco de vocábulos (léxico) em que recolhemos algumas vozes, citadas quase unanimemente polos autores referenciados, mas com bastantes mudanças (eliminamos ou incorporamos vocábulos), e umhas conclusons (ainda) provisórias. Nom incluímos resultados correspondentes aos inquéritos nem outros dados experimentais (nomeadamente os que fazem referência às propostas educativas e didácticas), em parte porque están, nesta altura (Fevereiro de 1997), pendentes da correspondente análise e porque ultrapassariam os objectivos e páginas de que dispomos na revista.

que ponto som bilíngües ou nom, poderia tornar-se assunto bastante complicado, porque mal possuem competência para poderem separar e distinguir os dous códigos.

No que diz respeito a se há diglossia na Galiza, a resposta será afirmativa se por tal entendemos, seguindo J. A. Fishman (1967), que o espanhol cobre as funções formais (ensino, governo; cultura...) e o galego as informais (família, amigos) ou se se considera que o espanhol tem prestígio alto como indicador de estatuto e o galego nom. Porém, na Comunidade Autónoma Galega de hoje, 1997, a situação tem mudado e «nos papéis escritos» que emanam do governo autonómico, do mundo da cultura e do ensino verificamos que se usa «só» ou «maioritariamente» a variedade híbrida espanhol-galego [gallego chapurrao]. Mesmo assim, a lealdade lingüística como valor associado à língua da Galiza continua a ser marcadamente baixa. E a resposta será claramente nom, se aplicamos o conceito com o sentido que lhe deu Ch. A. Ferguson (1959), pois como analisárom e interpretárom A. Gil Hernández e M. H. Rabunhal Corgo (1989: 361-388) os aspectos definitórios do conceito de diglossia segundo Ferguson contrastam com aqueles que definem a situação lingüística do território da Comunidade Autónoma Galega. Como demonstram estes dous autores (1989: 364-365) registamos na Galiza: a) 'Dualidade' de línguas que se estenden fora do território administrativamente galego, face à 'unicidade' de Ferguson, geralmente aceiteada, enquanto 'sistema sónico de comunicação', num determinado território e para umha dada comunidade de utentes; b) 'Desigualdade funcional' de espanhol e de galego face à 'diferenciação funcional' de duas variantes, umha superior [*high*], unificada e outra inferior [*low*] diversificada; c) 'Conflito lingüístico' e portanto social no território da Comunidade Autónoma Galega, face à 'normalidade', polo menos relativa, a que se refere Ferguson dos usos idiomáticos e d) a 'Distribuição dos usos idiomáticos' é historicamente 'irregular' na Galiza (espanhola) face à distribuição estável das variantes S e I segundo âmbitos de uso considerados também superiores e inferiores.

0.2. Como é sabido, na história do estudo do bilingüismo propugérom-se várias definições, e as duas mais extremas correspondem a Bloomfield e Macnamara. Para Bloomfield (1933), um bilíngüe deve possuir um domínio de duas ou mais línguas igual que o de um nativo, mas Macnamara (1966) entende que umha pessoa podia ser qualificada como bilíngüe se, além das habilidades na sua primeira língua, tinha algunhas habilidades numha das quatro modalidades ('falar', 'comprender', 'escrever', 'ler') da segunda língua.

Em virtude do que acabamos de dizer, seria um tema a considerar se na Galiza, no momento presente, em sentido estrito há cidadaos bilíngües; mais provável parece que existam indivíduos com um maior ou menor desequilíbrio na competência nas duas línguas. O que sim se constata, cada vez mais, é um aumento de cidadaos monolíngües em espanhol e quase a prática desapareçom dos monolíngües em galego, por mais que existam cidadaos que, conhecendo as duas línguas, tomárom a decisom (muitas vezes política ou patriótica) de usar só umha língua. Na Galiza, pois, aplicar mimeticamente as teses de Macnamara (1966) exigiria, polo menos, fazer vários cortes na pirâmide da população, pois a situação mudou

radicalmente nos últimos decénios e se há quinze anos ainda resultava freqüente achar pessoas monolíngües em galego, neste ano de 1997, resulta bastante raro achar pessoas que nom possuam algunhas habilidades numha das quatro modalidades assinaladas por Macnamara, mas referidas sempre para o espanhol. Em poucas palavras: a maioria dos cidadaos falam, comprendem, escrevem e lem o espanhol, mas ainda há bastantes que nom falam galego (muitas vezes porque nom querem), nem escrevem (porque nom sabem) e nem lem em galego (mesmo na variedade baixa e/ou vulgar para alguns estudiosos).

0.3. Na Galiza é óbvio, pois, que houvo e há contacto de línguas, mas após umha política lingüística que busca um processo de substituição do galego polo espanhol, no momento presente existe já umha absoluta «confusom lingüística acrescentada», induzida polo poder. Apesar desta situaçom caótica, os investigadores ainda podemos registar as «interferências» nos falantes, de modo individual, ou na sociedade, pois que observamos exemplos de interferências muito extendidas entre um importante número de usuários —mesmo com um nível cultural alto— e outras mais reduzidas ao âmbito pessoal.

0.4. Centrando-nos no âmbito do ensino —em qualquer nível—, seja no nível primário ou secundário ou no universitário, um facto parece ser bastante evidente: os estudantes de comunidades como é o caso da Galiza, em teoria, poderiam educar-se em duas línguas, mas a realidade é muito diferente. Em quase todas as comunidades «bilíngües» as duas (ou mais) línguas tenhem diferente estatuto. As línguas maioritárias possuem prestígio e conotaçoms socioeconómicas positivas, porém as línguas minoradas como é o caso do galego (-português), costumam estar associadas a um estatuto socioeconómico baixo e à falta de sucesso educativo. Som línguas em maior ou menor medida estigmatizadas e nom se consideram, ou nom se consideravam, veículos adequados para a comunicaçom nas escolas e até para o ensino de determinadas disciplinas na Universidade. Estes aspectos também devem ser tidos em conta à hora de analisar e estudar as interferências. Por outra parte, as propostas codificadoras, que tenta impor na Galiza o poder político, contribuem decisivamente para que sejam associadas polos falantes a um estatuto baixo (pois as formas escolhidas em muitas ocasioms som meros decalques do espanhol, mesmo vulgar) e que esse idioma galego seja visto polos próprios galegos como umha língua minoritária de pouca utilidade para o sucesso pessoal e/ou profissional.

1. O CONCEITO DE INTERFERÊNCIA LINGÜÍSTICA

1.1. De consultarmos qualquer dicionário ao uso quer de lingüística quer de galego-português para conhecer o significado do vocábulo interferência, podemos achar acepçoms como as que reproduzimos linhas a seguir:

- a) «Superposición de estructuras de un sistema lingüístico con estructuras de otros sistemas lingüísticos (p. ej. interferencias entre dialectos distintos o entre

lengua materna y lengua extranjera) [...] Las interferencias se manifiestan en todos los niveles y en todos los grados de las lenguas que están en contacto: en el dominio del vocabulario producen, además de ampliaciones de significado y de uso, el simple préstamo de un signo [...], traducciones prestadas (calcos), es decir, unión de dos signos existentes según el modelo foráneo...».

(Werner Abraham, *Diccionario de terminología lingüística actual*, 1981 : 258).

b) «Diz-se que há interferência quando um sujeito bilíngüe (...) utiliza em uma língua-alvo A um traço fonético, morfológico, léxico ou sintático característico da língua B. O empréstimo ou decalque são, freqüentemente, devidos na origem, a interferências. Mas a interferência permanece individual e involuntária, enquanto que o empréstimo e o decalque estão em curso de integração ou são integrados na língua A...».

(Jean Dubois, *Dicionário de lingüística*, 1978 : 349).

c) «Intervenção. Qualidade daquilo que é interferente. Fís. Encontro de dois sistemas de ondas.».

(Cândido Figueiredo, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 1986 : 133, II).

1.2. Como é fácil deduzir das acepções que o vocábulo interferência regista na bibliografia referenciada, dito conceito procede do campo da física, disciplina em que o termo designa o encontro entre os movimentos ondulatórios com o resultado de um reforçamento ou, polo contrário, de umha anulação da onda. É precisamente desta ciência da qual importárom posteriormente o conceito outras como a electrónica, a pedagogia, a psicologia e a lingüística. Em todas elas, nom obstante, o termo tem adoptado um significado negativo, como para-sinónimo de perturbaçom.

Na lingüística costuma interpretar-se com o significado do facto polo qual um traço marcadamente alheio se introduz num código de outra língua ou no uso que se fai desse código. Interpretado assim teria quase o mesmo valor e sentido que os de 'injerência', 'intromissom', 'infiltraçom', etc., daí que alguns autores sejam partidários de dar a este fenómeno o nome de 'transferência'. Existe bastante unanimidade na bibliografia , que citamos em referências bibliográficas, em destacar que se dá, nomeadamente, em casos em que existem línguas em contacto ou em casos de conflito lingüístico, aspecto já assinalado por nós, como é o caso da Galiza. Há quem tem restringido o conceito para se referir à superposiçom simultânea de duas normas lingüísticas ao mesmo elemento, como resultado da incapacidade ou indiferência dos 'bilíngües' para manter os códigos inteiramente separados, mas quando a desviaçom acaba sendo adoptada pola comunidade deixa de ser interferência. Como norma geral, as interferências som individuais e involuntárias, com diferença aos empréstimos e aos decalques que, ou bem estão em vias de integraçom, ou estão integrados na língua.

Na Galiza cumpre delimitar claramente empréstimos ou cultismos de vocábulos que som castelhanismos, pois pola actuaçom exercida nos últimos vinte anos por instituicões colonizadoras ao serviço do poder político, admitem-se como empréstimos ou cultismos, claríssimos castelhanismos, polo que há que estar aler-

ta ante o que determinados institutos universitários, centros de investigação, entidades ou instituições da esfera do poder qualificam como empréstimos ou cultismos, pois que, em sentido estrito, como lembra António Gil Hernández (1990), carecem dos traços que os definem e na maioria das ocasiões som claros castelhanismos:

«É em processos comunicacionais, sócio-politicamente determinados, que os empréstimos se verificam: som uns utentes os que emprestam a outros uns precisos vocábulos. Sendo assim, há de estimar-se empréstimo aquele vocábulo que, desde o momento da recepção, se tenciona emitir conscientemente como termo 'novo' e preciso; porém, há de estimar-se simples interferência o vocábulo cuja emissão se corresponde com umha recepção desconsciencializada.

Aliás, cumpre reconhecer que o Prof. Schmitdt-Radefeldt está no certo quando diz, justamente, que «os fenómenos de interferência lingüística som fenómenos dinámicos, fenómenos da actividade mental etc.».

Um tipo caracterizado de empréstimos som os denominados cultismos, cuja [im-]pertinência nas falas, populares, do idioma galego os adictos a doutrina sustentada polo ILG nom conseguem calibrar. Em vez de justificarem para cada um deles os dous traços que os definem ('exigência de cultura' e 'procedência de língua clássica'), alegremente admitem que som «cultismos» no idioma galego nédios castelhanismos» (António Gil Hernández, 1990:146).

1.3. Seguindo W. Welte (1974-75/85: 310) denominaríamos fenómenos de interferência os casos de desviação das normas de qualquer das línguas que se produzem na fala de indivíduos bilíngües como conseqüência da sua familiaridade com mais de umha língua, e, em especial, como resultado do contacto entre línguas. Dado que a interferência lingüística pode ser considerada como a influência perturbadora (pois que leva a cometer faltas na língua termo) da estrutura de umha língua natural (a língua origem) sobre outra língua (a língua termo) em todos os planos lingüísticos das línguas em contacto, é habitual diferenciar várias modalidades de inteferências, das que falaremos a seguir.

Weinreich (1953) com o termo interferência refere-se à «reorganização dos modelos que resulta da introdução de elementos forâneos nos âmbitos mais estruturados da língua, como o mais fundamental do sistema fonémico, umha grande parte da morfologia e a sintaxe e algumas áreas de vocabulário».

Outros factos ressaltados pola literatura existente sobre este assunto som afirmar, por exemplo, que a influência de umha língua sobre a outra é muito importante em situações de contacto lingüístico prolongado e sistemático ou a necessidade de distinguir, entre interferências na fala e interferências na língua, grau extremo no qual estas nom som o fruto ocasional da condição «bilíngüe» de parte da população, mas algo habitual *em toda a comunidade lingüística*, aspecto que mais em particular nom se produziria no caso concreto de que nos ocupamos, isto é, da interferência na direcção: galego → espanhol.

Os exemplos, em qualquer caso, explicariam-se, sobretudo, por tratar-se de vulgarismos do espanhol, em cujo caso sim podemos acha-los noutros territórios da comunidade, mesmo na América latina, casos que devemos justificar por razões inerentes à história externa ou interna das línguas — pensemos de modo mais

concreto no elevadíssimo número de galegos que emigrou à Argentina, galegos que deixáram vozes no léxico do espanhol de aquel país, como estudou por exemplo A. Luna (1996: 137 - 140) ou aos casos específicos de contacto entre o português no Brasil e o espanhol dos países que fazem fronteira com este país, em que se fala espanhol—. Em todos estes casos estaríamos perante traços que caracterizam a fala de alguns falantes de língua materna galega, quando se expressam em espanhol.

1.4. Outras questons, que interessa analisar, som as causas da interferência, um aspecto que nom costuma merecer muita atençom por parte dos investigadores e estudiosos. No momento presente parece existir um consenso segundo o qual a análise das causas de interferência nom pode ser focada exclusivamente desde um ponto de vista lingüístico: cumpriria enquadrá-lo num estudo psicológico, social, cultural e, acrescentaríamos nós, político. Em todos os casos, da nossa óptica, haveria que partir do grau de proximidade ou de semelhança das línguas: se o parentesco genético das línguas, como pode ser o caso do galego e do espanhol, é grande, se o 'corpus' a normalizar apresenta muita proximidade com o do espanhol (mesmo vulgar), as possibilidades das interferências som superiores, a se o parentesco genético das línguas é menor ou mesmo é nulo, como pode ser o caso do basco e do espanhol, e se o «corpus» que se busca normalizar nom harmoniza, necessariamente, com o espanhol mas sim com o «português».

1.5. Outro aspecto que cumpre estudar é o grau e direcçom da interferência, como já temos apontado nos parágrafos anteriores. Há umha conclusom bem clara: a influência do espanhol sobre os demais sistemas lingüísticos do Estado Espanhol é esmagadora, embora também devamos registar a direcçom contrária, isto é, a da língua «menos prestigiada» cara a «mais prestigiosa» —que como já figemos constar nom vai ser contemplado na nossa pesquisa—. Em íntima conexom com isto último, há que assinalar que os fenómenos de interferência som possíveis em todos os níveis da análise, quer dizer, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

2. MODALIDADES DE INTERFERÊNCIAS

Vistos os dados expostos anteriormente e seguindo os critérios dos autores citados, estabeleceremos estas modalidades de interferências:

2.1. *Interferências fonéticas*

Produzem-se com muitíssima mais freqüência do que as outras modalidades de interferência, devido, em certa medida, a causas neurológicas e fisiológicas, pois que resulta difícil aprender novos hábitos de pronúncia ademais dos existentes. Estas interferências som as que poderiam permitir conhecer a língua 'materna' do falante e poderíamos enquadrá-las dentro do que os falantes chamam com o denominador comum de *acento gallego* (mesmo intensamente notável em monolíngües em espanhol e em pessoas com bastante cultura). Cumpre ter presente, assim mesmo, que a vertente fónica é a que menos se presta a ser manipulada polo falante.

Estas interferências costumam ser de carácter sistemático e registam-se quer entre as camadas mais altas, quer entre as camadas mais baixas da população, mesmo até em monolíngües em espanhol (como já fígemos constar) e também entre pessoas sem cultura, como entre pessoas com cultura e com estudos universitários. Para Armando Cotarelo (1927) já galeguizavam o espanhol comum todos os seus «falantes», fossem universitários, escritores, comerciantes, profissionais, etc.

M. Rabanal (1967 : 21) salientava há trinta anos já o marcado e singular modo de entoar o castelhano que tenhem os galego-falantes:

«Una evidente lentitud en la articulación de los sonidos vocálicos protónicos (anteriores al acento). Una clara prolongación de la vocal acentuada o tónica. Una marcada tendencia al empleo predominantemente musical o tónico del acento, como sucedía en el griego antiguo, por ejemplo, y no sólo al empleo intensivo, que es el predominante en castellano. Una gran rapidez en la articulación de los sonidos postónicos (posteriores al acento), con la consiguiente debilitación u oscurecimiento, y aun pérdida de las vocales finales. Y, sobre todo, la universal existencia de un típico acento de frase, acento de línea marcadamente descendente, con gran elevación tonal en su cumbre inicial y un gran declive en su descenso o ladera» (Manuel Rabanal, 1967: 21).

Estas interferências fonéticas podemos enumerá-las do modo a seguir:

a) O «yeísmo» generalizado.

b) Intensa fechaçom de toda vogal /e/ átona ante qualquer modalidade de /i/, tónica ou átona: *dicir, vistido, vicino...* E intensa fechaçom de todo /o/ em posiçom final de palavra: *luegu...*

c) Tendência bastante geral a reduzir a ditongos os hiatos de vogais fortes: *rial, pior, horrio...*

d) Som vulgarismos universais, como já tinha posto em destaque M. Rabanal (1967 : 24) a troca do /g/ por /b/: *gomitar, güeno, güeso...*

e) Pronunciar /s/ por /Gs/: *esistente, esaminar...*

f) Eliminaçom de umha das consoantes quando correspondem a um grupo culto: *dotor, manífico, incónito, indino, acción, defeto, conceto, ditado, outubro, letura, perfeto, retor, conflito...*

g) Reduzida às camadas mais populares da população, a gheada, que como já assinalara M. Rabanal (1967 : 29), se tem também na Galiza de hoje por um sinal de rusticidade e de incultura. Há, porém, dialectólogos do Instituto da Língua Galega partidários de manter e até promover o seu uso no galego, dialectólogos que curiosamente nom promovem o sesseio, traço que nos aproximaria com os falares do lusitano e do brasileiro.

2.2. Interferências gramaticais

Tenhem lugar, quando os galegos ao falarem espanhol empregam, por exemplo, o sistema dos demonstrativos com funçom adjectiva como «estes», «eses» em lugar de «estos», «esos» ou o emprego da forma verbal «llamara» com o valor de «había llamado», ou a forma «y luego», etc. Para a sua sistematizaçom e classificaçom, seguindo as pautas e alguns dos exemplos dos autores citados nas referên-

cias bibliográficas, estabeleceremos dous grandes grupos: as correspondentes à flexom nominal e as da flexom verbal:

2.2.1. Flexom nominal

a) Mudança de género. Apresentam género gramatical coincidente com o galego, e nom com o espanhol, substantivos como: *el radio, la aguardiente, la calor, el sal, la puente, la cerdera, la perera...*

b) Uso das formas do paradigma dos demonstrativos em masculino plural do galego: *eses campesinos, eses tiempos, estes niños...*

c) Formas do superlativo do tipo: *grandismo, buenismo...*

d) Construções de advérbios que concordam com o adjectivo: *Ella es media morena, fruta media madura...*

e) Colocação do advérbio seguindo a ordem dos elementos próprio do galego: *No quiero más nada...*

2.2.2. Flexom verbal

a) Uso do infinito conjugado: *Para estares seguro, para haceren...*

b) Uso das formas em *-ra* com valor do mais-que-perfeito de indicativo: *Andrés se marchó. No tuviera ocasión de contestarle...*

c) Conjugação verbal:

—Presentes do Subjuntivo de verbos como *dar, estar, haber*, claros vulgarismos também no espanhol: *deas, esteas, haiga...*

—Pessoa 2a. do Perfeito também vulgar no espanhol: *Fuistes*.

—Uso de *Habemos* por *Hemos*: *Habemos de tener*.

—Uso de particípios do tipo *pago*: *Está pago*, 'Está pagado'.

d) Uso do Pretérito *Amé* com valor de *He amado*: *Llegó ahora mismo*.

e) Perífrases:

—Uso de *dar*+particípio com valor perfectivo: *No daba hecho a responder tantas preguntas...*

—Uso de *ir*+infinitivo, sem preposição *a*: *Voy ver...*

—Uso de *estar*+*a*+infinitivo com valor durativo: *Estar a hacer...*

—Uso de *hubo*+*de*+infinitivo com valor prospectivo e pontual: *Hubo de caer...*

f) Infinitivo com valor de imperativo: *Hacer, No hacer...*

g) Imperativos como: *Ves allí; Trailo* 'Tráelo'.

h) Usos dos verbos *haber* e *ir* em lugar de *hacer*: *Hay años; Habrá diez años; Va frío...*

2.2.3. Sintaxe

a) Regime espacial das preposições: *Llamó por ti; Lllaman por papá; Va en Madrid; Tirar con eso...*

b) Dativo de solidariedade: *Le es muy bueno; No le tengo ganas de comer...*

c) Interrogativo *lo que* em vez de *el que*: *¿Has hecho lo que te he dicho? ¿Lo qué?*

2.2.4. Discurso

Na análise do discurso já som bastante abundantes os estudos que analisam as interferências, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Vázquez Veiga, N. e Fernández Bernárdez, C. (1996), usos y valores de *Y luego: Y luego de escuchar a su hermano...*

2.3. Interferências no nível léxico

Som as que têm merecido maior atenção por estudiosos como Carlos Durão (1987) e pelos investigadores como Constantino García (1976, 1986) ou M.^a Nieves de Paula Pombar (1996). Da nossa óptica a frequência destes galeguismos varia de um falante a outro; alguns podem considerar-se vulgarismos mesmo comuns no espanhol vulgar. Todas as vozes aqui seleccionadas som palavras registadas e documentadas nos dicionários como o de Cândido Figueiredo (1986), ou o de Isaac Alonso Estravis (1995) ou no *Glosário* de Constantino García (1985). Este, que apresentamos a seguir, poderia ser um elenco bastante representativo:

abafar('sofocar')	chaínhas('chapucero'),
abalhado('desganado')	cheirar('oler mal')
achantar-se ('apocarse')	chosco('bizco,tuerto')
achegar ('aproximar')	chulas('fritos de sartén')
achoado('atontado')	churra('gallina')
acirrar('azuzar')	ciscar('esparcir')
agarimo ('afecto')	cismar ('pensar fijamente')
agavear('repar')	coger('caber')
andorinha('golondrina')	colo('regazo')
apampanado('tontaina')	cona('coño')
apandar('aguantar')	cornecho('modalidad de pan')
arraspanhar('apañar')	costilheta('costilla')
arrotar('arrebatar-se')	cuada('parte correspondiente a las nalgas')
bacnilha('bacín')	curruncho('rincón')
basear('basar')	derreado('cansado')
bica('espécie de bizcocho')	escaralhar('estropear')
birollo('bizco')	escaralhar-se('escoñarse')
boche('gordura')	escorregar('resbalar')
cabazo('calabaza')	esfarrapado('desharrapado')
caralhada('broma,juerga')	esganar ('estrangular')
caralho('carajo')	esmagar('aplastar')
carriza('chochín')	espalhar('esparcir')
carvalheira('robledo')	estoupar('estallar')
carvalho('roble')	

estroncar('destroncar')	paspalhás ('codorniz, tonto')
famento('hambriento')	pavero('simpático')
feder ('heder')	peitoril('alféizar')
fedorento('hediondo')	pelouro('guijarro')
foçar('hozar')	peneirar('cerner')
funil('embudo')	peto('cepillo' caja para limosnas)
furafolhas('liante')	petril('pretil')
galhas('horquilla')	petrina('bragueta')
gesta('retama')	piche('alquitrán')
guedelhas('guedejas')	pinheiro('pino')
guicho('personaje')	pobrinho('pobrecito')
jeito('maña')	pola('rama')
judiar('escarnecer')	pombal('palomar')
jurelo('jurel')	pota('cazuela')
ladroíço('robo'),	pucha('gorra')
larchám('goloso'),	queso('mentón')
lareca('hambruna')	rabear('estar inquieto')
laretar('parlotear')	rajo('lomo')
larpeiro('goloso')	rechamante('llamativo')
latar('hacer novillos')	recuar('retroceder')
lavadura('comida de cerdos')	regueiro('regato')
levedar('fermentar')	rematar ('acabar')
lombriga ('lombriz intestinal')	rente(a) ('a cercén')
malpocado('cuitado')	reseso('rancio,pasado')
mámoa('dolmen')	rosmar('refunfuñar')
mentireiro('mentiroso')	salientable('relevante')
mejo('orina')	silva('zarza')
merdento('merdoso')	souto('soto')
minhoca('lombriz de tierra')	tatejar ('tartamudear')
moinante('fiestero')	tatejo('tartamudo')
morea('montón')	tobo('madriguera')
morrinhento('morrñoso')	tolear('loquear')
moucho('mochuelo')	tolo('loco')
nojo('asco'),	tonar('quitar la monda, cáscara')
outeiro('colina')	torada('rodaja')
padejar('mover')	toro ('rodaja')
pailám('aldeano')	trapalhada('revoltijo')
pantufas('pantufila')	valor('moho')
parrulo('pato'),	xouba('sardina pequena')
parvada('tontería')	zanco de (pollo) ('muslo')...
parvalhám('tonto')	

Nom citamos bastantes vocábulos que sim recolhem alguns dos autores citados em *Referências* ou bem porque já os regista como vozes galegas, portuguesas, galego-portuguesas ou de Leom, Astúrias, Salamanca o *Diccionario de la lengua española* (1992) da «Real Academia Española» (DRAE) ou som arcaísmos ou bem porque essa voz tem entrada no DRAE, embora nom se recolha a acepçom específica que apresenta no território da Comunidade Autónoma da Galiza. Assim:

abanear, abondo, acarretar, afogar, ajotar, alzado, arroz, atranco, aturar1, bandullo, batea, bayuca, bébedo, berrar, biruje, bocha2, bolla2, bosta, brocal, cachelos, cacho1, cancela, cancro, caneca, caneco, carcunda, cardume, carregar, casca, cascuda, cascudo, cativo1, cazurro, chanca1, chancla, chantar, chocallo, choco, churrusco1, cinto, ciscar, compañía(Santa), curuja, emprestar, encartar, engurriar, escachar, esgarrar, espetar, espeto, faca1, farral, farrapo, fenda, fender, filloa, filloga, galopín, grelo, lamber, macaco2, mallar2, mangar1, mollete, morriña, ornear, orvallo, palanquín2, pancada, papón2, pardal, parvo, pasmón, patacón, pechar2, pega2, pescada, petar2, pocillo, podre, pulla1, rachar, rapaz, rapaza, rato3, rustriar, suba, tona, trabar, traña, trincar2, venda2, verme, vieira, virar, vitela...

3. A MODO DE CONCLUSONS (provisórias)

3.1. Como já tínhamos intuído e adiantado na nossa pesquisa realizada entre os anos 1966-1970 para elaborar a nossa tese de doutoramento, e como assim fígemos constar (Enríquez, M.^a del Carmen, 1974: XII), o espanhol está impregnado polo galego e o galego está tam contaminado polo espanhol que em muitas occasions nom se pode precisar quê língua empregam os falantes. Na Galiza de hoje (por volta de trinta anos mais tarde) está-se a consumir o processo de degradaçom do galego, em virtude do desenhado processo de substituiçom, mas por sua vez o intuito colectivo de identificaçom e de conservaçom do próprio, e o desprezo polas formas cultas do idioma (devido à sacralizaçom do enxebrismo mais vulgar, conseqüência da rotura de comunicaçom com a área lingüística própria do galego) fazem que os cidadaos galegos se desentendam do aprendizado de umha norma exemplar do espanhol (e também do galego-português, pois mesmo as classes mais altas e mais cultas da populaçom descuidam a correcçom e exemplariedade idiomática) e considerem natural qualquer imbricaçom e mistura das duas línguas.

3.2. Se bem que a afirmaçom de Weinreich (1953), no sentido de que «quanto maiores sejam as diferenças entre os sistemas, quer dizer, quanto mais numerosas sejam as formas mutuamente excludentes e os modelos de cada língua, maior será o problema de aprendizagem e a área potencial de interferência», no caso da Galiza verifica-se que é precisamente a proximidade dos dous sistemas, a que favorece a interferência naqueles níveis (por exemplo no léxico e na morfologia) em que precisamente deveriam divergir.

3.3. Na Galiza temos apresentado a alunos da Universidade listagem de palavras inseridas em breves textos, para que identificassem se era um vocábulo galego ou espanhol, e em muitas occasions duvidavam a que língua poderia corresponder. A dura conclusom é que os novos galegos já nom sabem em que língua estão e mal possuem competência nas duas línguas.

3.4. É muito provável que a transferência fonética, como adiantamos em 2.1., se produza com mais frequência que outros tipos de transferência porque tem causas neurológicas e fisiológicas: resulta difícil de aprender novos hábitos de pronúncia ademais dos existentes.

3.5. Cumpre insistir na conveniência e urgência de delimitar os dous códigos. No dia a dia estamos a observar que os meios de comunicação contribuem a fomentar as interferências. Assim, som frecuentes titulares nos jornais em que as formas galegas nem tam sequer aparecen entre aspas como «El Concello de...», «El conselleiro de...», «El Hospital Xeral...», «La Xunta de Galicia...», «El consello de departamento...», «La folla de pedimento...»...

3.6. Os professores devem insistir muito nas diferenzas existentes entre os códigos das duas línguas, para assim evitar léxico do tipo 'salientable', 'rematar' e outros vocábulos muito frequentes mesmo em exames realizados por alunos do nível universitário. Esta tarefa já deve intensificar-se nos primeiros níveis do ensino, momento em que se deve adquirir a máxima competência nas línguas.

3.7. Urge elaborar textos que recolham os numerosos exemplos de interferências ortográficas, morfológicas, sintácticas e léxicas, para evitá-las já desde o ensino primário.

3.8. A situação no ano 1996, no que diz respeito às conclusões de Constantino García (1976: 342-343), tem mudado notavelmente, pois, como manifestamos anteriormente, na Galiza rural os homes e as mulheres do campo já mal falam galego, mas o espanhol que falam encerra muito léxico e muitos traços morfológicos e sintácticos do galego. No que diz respeito ao galego(-português), as «Normas» (1982) impostas por Decreto que usam os meios de comunicação e que se ensinam, quase de modo maioritário que nom absoluto, nas escolas, liceus e centros de secundária, contribuem a que «el proceso de integración [del gallego] en el castellano», como dizia Constantino García (1976: 342), se tenha consumado, seguindo os projectos desenhados numha determinada altura (1971-1979) polos que criárom o «Instituto da Lingua Galega» (ILG) e polos que —umha vez jubilado o Professor Carvalho Calero (1980), integrados no ILG ou na «Realidade Galega» ou nos outros organismos do poder ou no *holding* cultural articulado para a legitimación enxebrista do «gallego chapurrao»— dedicárom todas as suas forças a consumir a assimilação forçosa do galego(-português) polo espanhol, até chegar no dia de hoje a essa situação de «colingüismo». Contodo, na História das línguas existem abundantes exemplos, como o do Neerlandês, a língua oficial de Flandres, em que a história toma a sua vingança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abraham, Werner. 1974/81. *Terminologie zur neuen Linguistik*. Tübingen: M. Nimeyer. Trad. esp. Gredos, 1981.
- Academia, Real Española. 1992. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1 vol.
- Alonso Estravís, Isaac. 1995. *Dicionário da Língua Galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Appel, René, e Muysken, Pieter. 1996. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel.
- Blas Arroyo, José Luis. 1993. *La interferencia lingüística en Valencia (dirección catalán - castellano): Estudio sociolingüístico*, Castelló: Universitat Jaume I.

- Bloomfield, Leonard. 1933. *Language*. Nueva York: Holt Rinehart and Winston. Trad. esp. *Lenguaje*, Universidad Mayor de San Marcos, Lima, 1964.
- Cotarelo y Valledor, Armando. 1927. «El castellano en Galicia (notas y observaciones)». *Boletín de la Real Academia Española*, LXVI, 82-136.
- Dubois, Jean et al. 1973. *Dictionnaire de linguistique*. Citamos pola trad. *Dicionário de lingüística*, Cultrix, São Paulo, 1978.
- Durão, Carlos. 1987. «Galeguismos no castelhana falado por galegos». *O Ensino*. Revista Internacional Galaicoportuguesa de Sociopedagogia e Sociolinguística. Homenagem ao Professor Carvalho Calero, Ponte Vedra - Braga, 219 - 222.
- Enríquez, M.^a del Carmen. 1974. *Léxico de O Grove*. Verba, Anuario Gallego de Filología. Anejo. Universidad de Santiago de Compostela.
- Ferguson, Charles. 1959. «Diglossia», *Word*, 15.
- Figueiredo, Cândido de. 1986. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Liv. Bertrand, 2 vols. 23.^a ed.
- Fishman, Joshua. 1967. «Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism». *The Journal of Social Issues*, vol. XXIII, 2.
- García, Constantino. 1976. «Interferencias lingüísticas entre gallego y castellano». *Revista de la Sociedad Española de Lingüística*, 6, 2, 327 - 343.
- García, Constantino. 1985. *Glosario de voces galegas de hoxe*. Verba, Anexo 27, Universidade de Santiago de Compostela.
- García, Constantino. 1986. «El castellano en Galicia», Manuel Alvar et al., *El castellano actual en las comunidades bilingües de España*. Salamanca: Junta de Castilla y León/Consejería de Educación y Cultura, 49 - 64.
- Gil Hernández, António, e Rabunhal Corgo, Henrique Manuel. 1989. «O concepto de 'diglossia', segundo Ch. A. Ferguson, e a sua pertinencia para a Comunidade Lusófona da Galiza. Um caso de diglossia por deslocação». *Nós*, 13-18 (Janeiro-Dezembro de 1989). Volume de Homenagem ao Prof. Ernesto Guerra da Cal, 361-388.
- Luna, Antonia. 1996. «Vocábulos de Buenos Aires de orixe galego-portuguesa». M.^a do Carmo Enríquez (ed.) *Actas do IV Congreso internacional da lingua galego-portuguesa na Galiza. Homenagem a Ferdinand de Saussure* (1993), Corunha: AGAL, 137 - 140.
- Macnamara, John. 1966. *Bilingualism and primary education*. Edimburgo: University of Edimburg Press.
- Paula Pombar, M.^a Nieves de. 1996. «Castellano y gallego en 'Mazurca para dos mortos'». Manuel Casado et al. (eds.) *Scripta Philologica in memoriam Manuel Taboada Cid*, Tomo II. Corunha: Universidade da Coruña, 569 - 578.
- Rabanal, Manuel. 1967. «Gramática breve del castellano hablado en Galicia y otros temas». *Hablas hispánicas. Temas gallegos y leoneses*. Madrid: Alcalá, 11 - 69.
- Romaine, Suzanne. 1996. *El lenguaje en la sociedad. Una introducción a la sociolingüística*. Barcelona: Ariel.
- Rotaetxe, Karmele. 1988. *Sociolingüística*. Madrid: Síntesis.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen. 1990. «Aspectos da interferência lingüística. O exemplo do galego» (Anotações de A. Gil Hernández). *Agália*, 22, Verao, 143 - 159.
- Vázquez Veiga, Nancy e Fernández Bernárdez, Cristina. 1996. «Un caso de interferencia lingüística: la forma 'y luego' en el castellano de Galicia», Manuel Casado Velarde et al. (eds.) *Scripta Philologica in memoriam Manuel Taboada Cid*. Tomo II. Corunha: Universidade da Coruña, 715 - 733.
- Weinreich, Uriel. 1953. *Languages in contact*. Nueva York: Linguistic Circle of New York.
- Welte, Werner. 1974-75. *Moderne linguistik: Terminologie/Bibliographie. Ein handbuch und nachschlagewerk auf der basis der generativ. Transformationellen sprachtheorie*. München: Max Hubber Verlag. Trad. esp. Gredos ,1985.



Dúvidas e interferências lexicais na tradução científico-técnica inglês > galego

Carlos GARRIDO
(Universidade de Vigo)

I. INTRODUÇÃO

Diversos teóricos da tradução de textos científico-técnicos, como Maillot (1997: 149, 150), Bédard (1986: 26, 27) e Durieux (1988: 26), têm asseverado que esta nom consiste apenas na substituição dos termos de especialidade de um idioma polos termos de especialidade de outro idioma, e que aspectos como a fraseologia, a sintaxe, o estilo e a conservação das condições textuais e pragmáticas do original (coesom, coerência, tipologia, elementos culturais) som requisitos fundamentais neste género de actividade translativa. Se bem que esta apreciação esteja justificada, mal se pode deixar de convir que a determinação dos equivalentes na língua de chegada dos termos de especialidade do texto original constitui o elemento chave do processo da tradução científico-técnica, conceituação que cremos apoiada, em primeiro lugar, no facto de a determinação de termos equivalentes ser a operação que mais trabalho de pesquisa e documentação exige (tradução nom rotineira, no sentido de Wilss, 1996: 94); em segundo lugar, ela é a operação que menos se presta ao ataque de um tradutor nom especializado (e, portanto, a que dá a sua fisionomia peculiar à tradução científico-técnica), e, finalmente, a que em maior grau reveste carácter crítico, porque a sua deficiência, caso de se registar, costuma acarretar para o texto traduzido graves disfunções que comprometem seriamente o seu valor (ou a sua validade).

Sendo, pois, tam importante neste campo a determinação dos equivalentes terminológicos, nom é de estranhar que todas as obras que versam sobre tradução científica e técnica consagrem espaço considerável à caracterização e organização das línguas de especialidade no nível lexical e aos problemas específicos da transferência de designações/conceitos entre duas línguas naturais. Assim, por exemplo, Jumpelt (1961) e Maillot (1997) tratam da monosemia, polissemia e sinonímia (comentando os polimorfismos terminológicos geográfico e profissio-

nal), dos termos cognatos enganadores em duas línguas (ou *falsos amigos*), e dos parónimos, homónimos e homógrafos.

Todos estes, claro é, som fenómenos que afectam, ou podem afectar, a tradução para galego-português da terminologia especializada, mas na relação citada falta um condicionante que influi sobremaneira na redacção e tradução de textos científico-técnicos num idioma que, como o galego-português na actual Galiza¹, ocupa a posição de código minorado e subsidiário no quadro de uma diglossia bilingue: a interferência lexical originada pela pressão do idioma dominante, que age na comunidade como veículo de cultura único ou preponderante.

Neste contexto, a presente contribuição fornece uma série de apontamentos terminológicos respeitantes a diversos ramos da ciência e da técnica que esclarecem sobre as correctas soluções lexicais galegas (harmoniosas com as conhecidas nos países linguisticamente normalizados da Lusofonia, seguindo os critérios expostos em Garrido e Conde, 1993: 263) que se devem empregar por ocasião da tradução do inglês ou, em geral, da simples redacção de um texto. A maioria destas glosas som destinadas a combaterem a supracitada interferência lexical do castelhano, verdadeira praga da nossa praxe escrita, numha altura em que a língua de cultura e instrução do escritor galego ainda segue a ser o espanhol e o contacto com a bibliografia redigida em português é infelizmente raro.

II. APONTAMENTOS TERMINOLÓGICOS

A. Dúvidas e interferências morfológicas

1. Particípio de passado habilitado para indicar operação técnica

Na linguagem técnica galega, em comum com a catalã (Riera, 1997: 10), e com diferença à espanhola, o particípio de passado (com o sufixo *-ado* ou o seu correlato erudito e etimológico *-ato*) forma por habilitação substantivos que denotam o resultado ou o produto de uma acção ou operação técnicas (ex.: *exsudação* > *exsudato*, *precipitação* > *precipitado*), mas nom a própria operação técnica (termos findos em *-agem*, *-eio*, *-mento*, *-om* ou *-ura*). Som castelhanismos morfológicos em galego, portanto, equivalências como:

canning > *enlatado por **enlatamento**

curettage > *raspado por **raspagem** ou **curetagem**

drying > *secado por **secagem**

(1) Com diferença à tradução literária, a tradução de textos científicos e técnicos é um âmbito ainda inédito polo que diz respeito à língua galego-portuguesa da Galiza. Deste fenómeno, decorrente do escassíssimo desenvolvimento da prosa especializada (*Sachprosa* dos estudos sociolinguísticos) redigida em galego, podem fazer-se variadas e interessantes leituras, das que aqui, provisoriamente, apontamos as seguintes: clara dissociação entre os cultores das letras ou humanidades e os cultores das ciências ou técnicas a respeito da consciência linguística galega; emprego e fomento da língua galega como depositária de valores estéticos (literatura), numha praxe compatível ou complementar da desenvolvida em castelhano (repare-se também em que as traduções literárias que actualmente se fam na Galiza som de originais antigos, dos que já existem desde há tempo numerosas e boas traduções para castelhano), mas nom como transmissora de conhecimentos utilitários, numha praxe necessariamente substitutória da veiculização em castelhano.

finishing > *acabado por **acabamento**
 forging > *forjado por **forjadura/forjamento**
 galvanizing > *galvanizado por **galvanizaçom**
 lamination > *laminado por **laminaçom**
 lavage > *lavado por **lavagem**
 mapping > *mapeado por **mapeamento**
 marking > *marcado por **marcaçom**
 packaging > *envasado por **envasadura**
 refination > *refinado por **refinaçom**
 spinning > *fiado por **fiaçom**

2. Abuso dos derivados regressivos em termos que indicam processo ou operação técnica

Para indicar operação técnica ou processo, o galego-português recorre com menos frequência que o espanhol ao procedimento da derivação regressiva a partir de verbos (por exemplo, deverbais com o sufixo *-eio*: *bloqueio*, *rastreio*), preferindo normalmente a derivação progressiva. Assim, som castelhanismos morfológicos em galego:

bombardment > *bombardeio por **bombardeamento**
 breeding > *cria por **criaçom**
 counting > *reconto por **contagem**
 courtship > *cortejo por **cortejamento**
 deterioration > *deterioro por **deterioraçom**
 formation > *formateio por **formataçom**
 sampling > *mostreio/*sondeio por **mostragem/sondagem**

3. Formas verbais etimológicas findas em -ir, face a denominais findas em -ar

Em galego-português existe umha série de formas verbais de uso frequente em ciência e tecnologia que se acham próximas do étimo latino (como os seus equivalentes ingleses) e terminam em *-ir*, enquanto em espanhol os seus equivalentes derivam dos correspondentes substantivos deverbais por acréscimo do sufixo *-ar*. Assim, por exemplo:

lat. *cohaerere*: to cohere-cohesion > **coerir**-coesom (*coesionar)²
 lat. *collidere*: to collide-collision > **colidir**-colisom (*colisionar)
 lat. *excludere*: to eclode-eclosion > **ecloDIR**-eclosom (*eclosionar)
 lat. *erodere*: to erode-erosion > **erodir**-erosom (*erosionar)
 lat. *explodere*: to explode-explosion > **explodir**-explosom (*explosionar)
 lat. *extorquere*: to extort-extorsion > **extorquir**-extorsom (*extorsionar)

(2) Em espanhol *cohesionar* é um neologismo e **coherir* nom existe, mas sim, incongruenteemente, *adherir-adhesión*.

lat. *polluere*: to pollute-pollution > **poluir**-polu(i)çom³ (*polucionar)

lat. *gerere*: **gerir**-gestom (*gestionar) < to run/to manage

Casos nom idênticos, mas assimiláveis, som os seguintes:

to add-addition > **adir** ou **adicionar**-adiçom

to evolve-evolution > **evoluir** ou **evolucionar**-evoluçom

to distort-distortion > **distorcer**-distorçom (*distorcionar)

to reflect-reflexion > **reflectir** ou **reflexionar**-reflexom

4. Polimorfismo no grau de vernaculizaçom a partir do étimo

Os seguintes termos ingleses, entre outros, possuem mais de um equivalente em galego-português, registando-se em cada caso duas variantes morfológicas que se diferenciam entre si polo grau de vernaculizaçom sofrido polo étimo correspondente.

abdomen > **abdómen** / **abdome**

cortex > **córtex** / **córtice**

flint > **sílex** / **sílice**

humus > **húmus** / **humo**

lumen > **lúmen** / **lume**

plankton > **plâncton** / **plancto**

telson > **télson** / **telso**

5. Uso divergente de sufixos diminutivos eruditos

Repare-se nas seguintes divergências entre o galego e o castelhano relativas ao emprego dos sufixos diminutivos eruditos *-ulo* (em concorrência com *-culo*: *animácullo*, *panícullo*; *glomérulo*, *grânulo* e *-ete*: (de origem italiana ou francesa: *bacinete*):

lobe / lobus > *lóbulo por **lobo** (cerebral, óptico, etc.)

style > *estilo por **estilete** (do gineceu da flor)

6. Sufixos de natureza sistemático-nomenclatural

Consideramos aqui, por divergirem em galego e castelhano, os sufixos *-ide* > *-eto* (aplicável aos haletos ou compostos que contêm átomos ou iões de elementos do grupo VIIa da tabela periódica) e *-ids* > *-ideosl-idas* (aplicáveis às designações semicientíficas de tâxones animais de categoria família), que revestem carácter nomenclatural respectivamente na Química e na Biologia:

halide > *haluro por **haletto** ou **halogeneto**

sodium chloride > *cloruro sódico por **cloreto de sódio**

(3) *Poluçom*, além de significar, como *poluiçom*, «acto ou efeito de poluir», também denota a «ejaculaçom espontânea de esperma».

(O sufixo *-eto* concorre também, ainda que nom designam necessariamente haletos, nos termos **carboneto** < carbide, **cianeto** < cyanid(e), **hidreto** < hydride e **hidrocarboneto** < hydrocarbon)

Clupeids > *Clupeidos por **Clupeídeos** ou **Clupeidas**

Hominids > *Homínidos por **Hominídeos** ou **Homínidas**

(Também aparece *-ideos* noutros tãxones animais de categoria superior à de família: Arachnids > **Aracnídeos**, Aphids > **Afídeos**, etc.)

7. Género gramatical

Os seguintes termos galegos, de interesse científico, apresentam género gramatical feminino, enquanto os seus equivalentes castelhanos som do género masculino:

a íris < iris

a monçom < monsoon

a (lente) objectiva < objective lens

a (lente) ocular < eye piece

a mole [unidade de quantidade de matéria; símbolo: mol] < mole

a pétala

a platina (elemento químico de símbolo Pt)

a precinta

a sépala

a tépala

8. Acentuação divergente galego-castelhano

Nos casos em que se regista falta de harmonia na localização da sílaba acentuada dos termos, as soluções galegas costumam ser mais etimológicas do que as espanholas (Alonso Estraviz, 1986: 440, 441). A continuação citam-se casos de divergência acentual nom considerados na lista que fornece Alonso Estraviz (1986):

Todos os termos findos em *-tipo* som paroxítonos em espanhol e proparoxítonos em galego: arquétipo, fenótipo, genótipo, holótipo, lectótipo, logótipo, parátipo, protótipo, síntipo, topótipo, etc.

Em todos os termos, muito frequentes em Biologia, findos em *-cito* (célula) o acento recai na sílaba anterior ao sufixo: amebócito, coanócito, eritrócito, leucócito.

Sufixos *-géneol/-géneal/-génio*: antigénio, célula cloragógena (Brasil: cloragógena), halogéneo/halogénio, hidrogénio, oxigénio.

cérebro, medula (medula/médula em espanhol), otólito, etc.

B. Dúvidas e interferências lexicais⁴

9. Ácido, azedo

Destas duas palavras, apenas **ácido** é substantivo pertinente para a ciência, pois **azedo**, que como adjectivo indica que a substância a que se aplica tem o sabor particular do limom ou do vinagre, como substantivo denota «sabor ácido».

10. Algarismo, algoritmo, dígito, cifra

Algarismo (< *figure = numeral = digit*): cada um dos sinais gráficos com que se representam os números (algarismos arábicos/romanos).

Algoritmo (< *algorithm*): 1. método e anotação das diversas operações e processos de calcular; 2. programa que se introduz numha máquina de calcular.

Cifra (< *zero*): algarismo sem valor absoluto, zero.

Dígito [adj]: diz-se dos números formados por um só algarismo.

11. Arsénico, arsénio

Arsénio (< *arsenic*) é o nome do elemento químico de número atómico 33 (símbolo: As), de cor cinzenta e brilho metálico; o **arsénico** (< *arsenic*) é o nome vulgar do hexóxido de arsénio (III), anteriormente chamado anidrido arsenioso, veneno muito enérgico.

12. Azeite, óleo

Óleo (< *oil*): 1. Gordura líquida constituída essencialmente por ésteres dos ácidos gordos, que se obtém de substâncias muitas vezes provenientes dos seres vivos, como o azeite, o óleo de amêndoa, o óleo de rícino, o óleo de fígado de bacalhau, etc.; 2. líquido de origem mineral (petróleo bruto ou fracção extraída dele) constituído essencialmente por hidrocarbonetos; 3. líquido aromático e muito volátil (óleo essencial ou essência) extraído das plantas, constituído fundamentalmente por terpenos.

Azeite (< *olive oil*): óleo extraído da azeitona.

13. Brânquia, guelra

Tanto **brânquia** como **guelra** referem-se aos órgãos respiratórios que permitem a certos animais extrair o oxigénio dissolvido na água. No entanto, o campo de aplicação dos dous termos é diferente, já que o emprego de *guelra* deve restringir-se aos vertebrados (peixes e anfíbios), ao passo que *brânquia* (que motiva o adjectivo *branquial*) é de aplicação geral a todos os grupos (e a única denominação pertinente entre os invertebrados). Aliás, os termos ingleses *branchia* e *gill*

(4) A maioria das definições fornecidas nesta secção baseiam-se no *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora e no *Collins English Dictionary and Thesaurus*. Também resultou de interesse a consulta do *Dicionário Verbo de Inglês Técnico e Científico*.

parecem ser permutáveis entre si em todos os grupos taxinómicos (com a ressalva de que correspondem a registos ou níveis de uso diferentes).

14. Camada, capa

Camada denota «estrato» (sinónimo de *assentada*) ou «nível» e com estes significados aparece em numerosos termos científicos e técnicos, equivalendo aos termos ingleses *layer*, *bed* e *stratum* (p. ex.: *camada córnea* < *corneal layer*; *camada electrónica* < *electron layer*; *camada de Heaviside* < *Heaviside layer*). Mas quando num conceito científico ou técnico está presente a ideia de que umha entidade (que pode ser umha *camada*) envolve, cobre ou protege algo, costuma utilizar-se de preferência o termo **capa**. Assim acontece, por exemplo, em sintagmas como *capa de electrões* (< *electron shell*), *capa de filom* (< *hanging wall*) ou *capa de ozono/ozónio* (< *ozone layer*).

15. Carbono, carvom

Carbono (< *carbon*): elemento químico de número atómico 6 e símbolo C. Constitui a base dos carvões e encontra-se em todas as substâncias orgânicas; puro e cristalizado forma o diamante (sistema cúbico) ou a grafite (sistema hexagonal).

Carvom (< *coal*): 1. substância animal, vegetal ou mineral obtida por meio da combustão incompleta (viva ou lenta), ou pela destilação seca da matéria orgânica; 2. **carvom de pedra ou fóssil**, substância natural, compacta, combustível, de cor castanha a negra, formada pela decomposição parcial de matéria vegetal, ao abrigo do ar e, no geral, sob a acção da pressão e do calor (lignite, hulha ou antracite).

16. Caule, talo

Caule (<ing. *stalk*, *stem*; cast.: *tallo*): parte do eixo de umha planta que normalmente suporta as folhas (parte do cormo).

Talo (<ing. *thallus*; cast.: *talo*): corpo da planta nome diferenciado em caule e folhas (opondo-se a cormo), como nas talófitas.

17. Cobra, cobra-capelo, naja, serpente

Serpente (< ing. *snake* = *serpent*; cast.: *serpiente*): réptil pertencente à subordem Ofídios dos Escamosos.

Cobra (< ing. *Colubrid snake*; cast.: *culebra*): serpente ou ofídio pertencente à família Colubridae (Colubrídeos).

Cobra-capelo = **naja** (< ing. *cobra*; cast.: *cobra*): cada umha das espécies de serpentes muito venenosas do género *Naja* (família Elapídeos), como *N. naja* (naja da Índia), habitantes da África e Ásia tropicais, que, quando alarmadas, dilatam em forma de capelo ou capuz a pele da região cervical.

18. Comprimento/longura, largura, longitude

Comprimento = longura (< ing. *length*; cast. *longitud*): extensom longitudinal entre duas extremidades.

Largura (< ing. *breadth*; cast.: *anchura*): a menor das dimensões de umha superfície, dimensom na direcçom perpendicular ao comprimento.

Longitude (< ing. *longitude*; cast. *longitud*): coordenada terrestre que é a amplitude do arco do equador ou de paralelo compreendido entre o semimeridiano de referência e o semimeridiano do lugar considerado, ou o rectilíneo do diedro formado por aqueles dous semimeridianos.

19. Grau, grado

Como unidade de medida de ângulos ou de arcos de circunferência, **grau** (< *degree*) equivale à nonagésima parte do ângulo recto ou de um quadrante circular; **grado** (< *grade*), à centésima parte.

20. Hereditariedade, her(d)ança

Hereditariedade (< ing. *heredity, inheritance*; cast. *herencia*): transmissom de características de um organismo vivo de geraçom em geraçom (termo da Genética).

Her(d)ança (< ing. *inheritance, heritage*; cast. *herencia*): aquilo que se herda ou se deve herdar, sucessom de bens (nom é termo da Genética).

21. Lábio, beicho

A palavra **beicho** nom pode substituir a **lábio** em todos os contextos, já que **lábio**, além de dar a raiz de que se forma o adjectivo correspondente (*labial*), é um termo de significaçom mais ampla que **beicho**. Este apenas se aplica às excrescências carnudas situadas na entrada da boca dos vertebrados, enquanto que **lábio**, por analogia, também se refere a certas estruturas de invertebrados (peças da armadura bucal de insectos e equinóides, p. ex.), da corola das flores (labiadas) e da vulva genital.

22. Pena, pluma

Deste par de termos, **pena** (< *feather*) é o hiperónimo, e **pluma** (sinónimos: *plumom* e *plúmula*; < ing. *plumule*) o hipónimo, pois que o primeiro designa «cada umha das formações cutâneas que revestem o corpo das aves, protegendo este, e permitindo a execuçom e orientaçom do voo», enquanto *pluma* se refere a «cada umha das penas, de ráquis e rama nom resistentes, e barbas soltas, que formam a penugem (que recobre todo o corpo dos indivíduos jovens e certas partes do dos adultos) das aves».

23. Roçadura, atrito, fricçom

Em Física estuda-se o **atrito** ou a **fricçom** (< ing. *friction*: «resistência que todos os corpos opõem ao moverem-se uns sobre os outros»); **roçadura** («atrito leve mas prolongado») nom é um conceito científico; **roçamento* nom é registado nos dicionários.

24. Sílcio, sílica, sílice, sílex, silicone

Sílcio (< ing. *silicon*; cast. *silicio*): elemento químico número 14 da classificação periódica, que é um nom-metal componente da sílica e que, muito abundante na natureza sob a forma de vários compostos, é um semiconductor muito importante, utilizado em transistores e rectificadores.

Sílica (< ing. *silica*; cast.: *sílice*): substância cuja composição química é dióxido de sílcio de cor branca (quando pura), e que constitui o quartzo e as suas variedades.

Sílice = **sílex** = **pederneira** (< ing. *flint*; cast.: *sílex*): variedade criptocristalina, impura, cinzenta-preta, do quartzo, que gera faíscas quando golpeada polo aço.

Silicone (< ing. *silicone*; cast.: *silicona*): substância pertencente a umha extensa família de polímeros sintéticos (cadeias em que alternam os átomos de sílcio com os de oxigénio, estando aqueles ligados a grupos orgânicos) que normalmente mostram resistência à temperatura, humidade e diversos agentes químicos, e possuem boas propriedades isolantes e lubrificantes, polo que conhecem um largo emprego como óleos, repelentes da humidade, resinas, etc.

25. Unidades de medida

Por interferência do espanhol, as seguintes equivalências inglês > galego de unidades de medida som conflituosas:

atmosphere > a **atmosfera** (símbolo: atm; grandeza: pressom)

(hect)are > o **(hect)are** (símbolo: (h)a; grandeza: superfície)

(kilo)gramme > o **(quilo)grama** (símbolo: (k)g; grandeza: massa)

mole > a **mole** (símbolo: mol; grandeza: quantidade de matéria)

radian > o **radiano** (símbolo: rad; grandeza: ângulo plano)

yard > a **jarda** (símbolo: yd; grandeza: superfície)

III. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alonso Estraviz, I. 1986. O léxico galego-português. Em *Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Associação Galega da Língua, Corunha: 429-442.

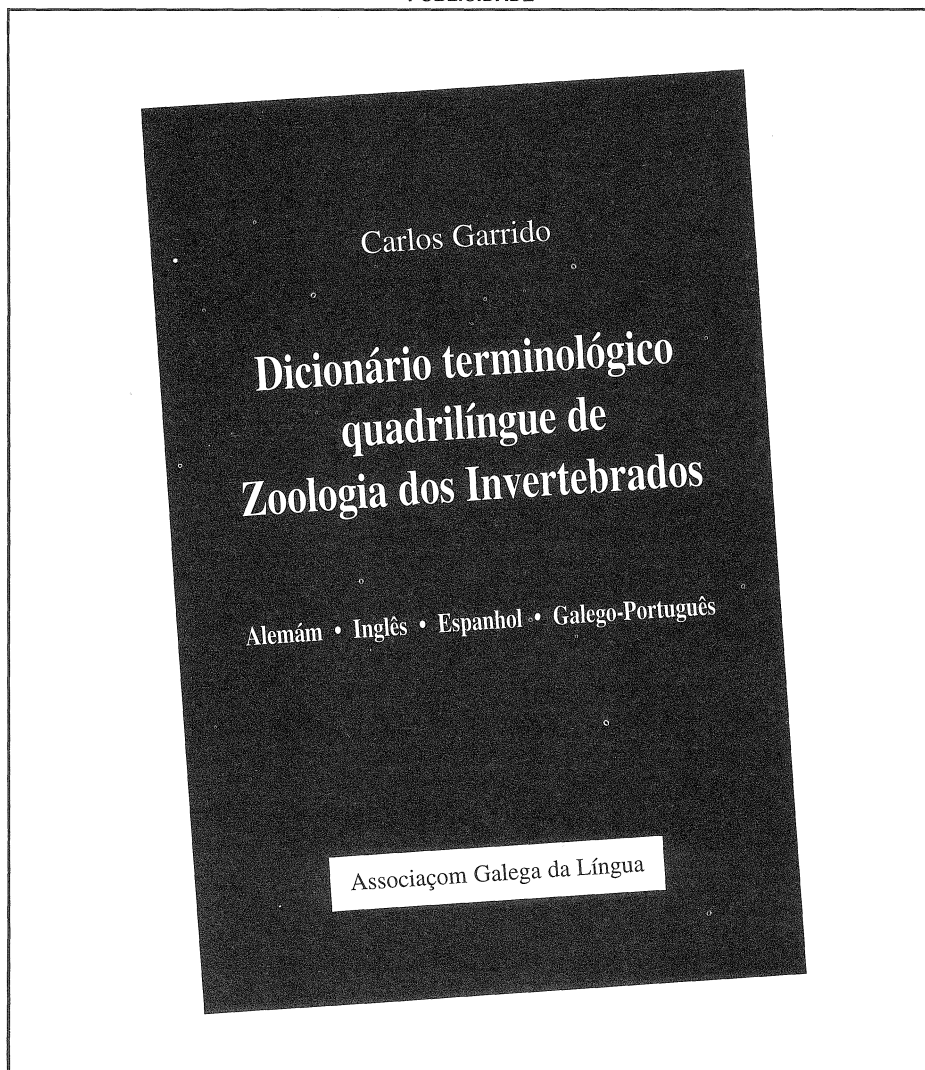
Bédard, C. 1986. *La traduction technique: principes et pratique*. Linguattech. Montreal.

Durieux, C. 1988. *Fondement didactique de la traduction technique*. Didier Érudition. Paris.

Garrido, C. e J. M. Conde. 1993. Léxico científico isolacionista: umha crítica de ciências e letras. *Agália*, 35: 259-286.

- Jumpelt, R. W. 1961. *Die Übersetzung naturwissenschaftlicher und technischer Literatur. Sprachliche Maßstäbe und Methoden zur Bestimmung ihrer Wesenszüge und Probleme.* Langenscheidt. Berlin-Schöneberg.
- Maillot, J. 1997. *La traducción científica y técnica.* Trad. por J. Sevilla Muñoz de *La traduction scientifique et technique.* Gredos. Madrid.
- Riera, C. 1997. A propòsit dels noms d'acció i d'operació tècnica. *Llengua Nacional*, 18: 9-15.
- Wilss, W. 1996. *Übersetzungsunterricht. Eine Einführung. Begriffliche Grundlagen und methodische Orientierungen.* Gunter Narr Verlag. Tübinga.

PUBLICIDADE



As sete cantigas de amor de Dom Dinis do fragmento Sharrer

José-Martinho MONTERO SANTALHA

(Universidade de Vigo)

A descoberta

No mês de Julho de 1990 o lusista norte-americano Harvey L. Sharrer, investigando no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de Lisboa, os pergaminhos antigos com texto que foram usados posteriormente como capa de livros, descobriu que um livro notarial do século XVI tinha como capa o que lhe pareceu ser umha folha de um antigo cancionero trovadoresco em língua portuguesa. Esta folha, deteriorada, incluía cantigas de amor com a partitura musical, sem nome de autor.

A confrontação com o conjunto de poemas conservados polos outros manuscritos da nossa poesia trovadoresca fez-lhe logo claro que na folha descoberta se encontravam sete cantigas de amor do rei Dom Dinis: as seis primeiras substancialmente completas (ainda que com leves mas abundantes lacunas devidas à má conservação do pergaminho), e da última apenas as palavras iniciais (o primeiro verso e o começo do segundo).

A notícia da descoberta transcendeu rapidamente aos jornais. No seguinte ano 1991 o mesmo Sharrer ofereceu o seu próprio testemunho de primeira mão sobre o feliz acontecimento (1), e pouco depois, no IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval, celebrado em Lisboa nesse mesmo ano 1991, apresentou um informe mais pormenorizado do pergaminho, com transcrição do texto nele conservado (2).

(1) Harvey L. SHARRER, «The Discovery of Seven *cantigas d'amor* by Dom Dinis with Musical Notation», em: *Hispania* (Los Angeles), 74 (1991), fascículo 2, pp. 459-461.

(2) Harvey L. SHARRER, «Fragmentos de Sete *Cantigas d'Amor* de D. Dinis, Musicadas —uma Descoberta», em: *IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval: Actas; Volume I: Sessões Plenárias*, Edições Cosmos, Lisboa, 1991, pp. 13-29. No mesmo volume incluem-se outros dous trabalhos sobre dous aspectos do pergaminho: sobre aspectos paleográficos escreve António J[oaquim]. R[jibeiro]. GUERRA «Contributos para a Análise Material e Paleográfica do Fragmento Sharrer» (pp. 31-33), e sobre a música Manuel Pedro FERREIRA, «Relatório Preliminar sobre o Conteúdo Musical do Fragmento Sharrer» (pp. 35-42). O artigo de Sharrer foi reproduzido na Galiza (sem as duas fotografias do pergaminho) pola revista *A trave de ouro* (Santiago de Compostela), vol. « (1991), núm. 8 (Outubro-Dezembro 1991), pp. 543-562).

As sete cantigas

As sete cantigas presentes no pergaminho —mais ou menos fragmentariamente, como fica dito— eram já conhecidas por terem sido transmitidas pelos códices coloccianos *B* e *V*. Notável é o feito de que na folha agora descoberta aparecem na mesma ordem que em *BV*.

Apesar de que o pergaminho *S* (3) nom nos fornece grandes novidades textuais, nom por isso deixa de ter importância mesmo desde o ponto de vista textual (ainda sem contarmos o aspecto musical, no qual tudo o que *S* aduz é completamente novo): *S* veio a confirmar-nos que os amanuenses renascentistas de *B* e *V* merecem grande confiança, pois, em geral, transcreverom com escrupulosa fidelidade o texto português medieval que copiavam. No caso do copista de *V* a fidelidade parece ser mais material: sem preocupar-se por compreender o que escrevia, copiava o que tinha ante os olhos com a maior exactitude possível.

Para dar aqui conta cabal do achado, ofereço nom só as partes conservadas no fragmento Sharrer mas o texto completo das sete cantigas em leitura crítica (tendo em conta também, naturalmente, tanto os outros mss. como as edições precedentes; prescindindo, porém, do aparato de variantes, pois nom é aqui o lugar para umha edição dessa natureza), a fim de que possa situar-se dentro do conjunto de cada poema o texto agora transmitido fragmentariamente; para isso, as partes do texto conservadas na folha agora descoberta aparecem aqui em letra negrita, segundo a transcrição oferecida por Sharrer (4).

No fim, acrescentarei algum comentário que me ocorreu sobre diversos pormenores dos textos.

Antes de mais, ofereço a lista das cantigas em foco, na ordem concordante dos três manuscritos. A primeira cifra (de 522 a 528) corresponde ao número de ordem geral do inventário das cantigas trovadorescas em língua portuguesa tal como o realizou D'Heur. O segundo número (de 28 a 34) indica a ordem que a cada umha das cantigas corresponde dentro do conjunto da obra poética de Dom Dinis, igualmente tomando como base a sucessom concordante dos manuscritos. Seguem as siglas dos três manuscritos (indicando ademais para *B* que nesta parte foi copiado polo amanuense *a*) com os respectivos números de ordem, o título (= verso inicial) de cada cantiga entre aspas, e as características fundamentais da composição indicadas mediante abreviaturas (5).

522-. 28) *Ba* 524, *S* [1], *V* [107]: «Pois que vos Deus, amigo, quer guisar» oR

523-. 29) *Ba* 525, *S* [2], *V* [108]: «A tal estado mi_adusse, senhor» oRF

524-. 30) *Ba* 526, *S* [3], *V* [109]: «O que vos nunca cuidei a dizer» oM

525-. 31) *Ba* 527, *S* [4], *V* [110]: «Que mui gram prazer que eu hei, senhor» oRF

(3) Em vez da sigla *S* (=Sharrer) que começaram a usar os americanos, alguns preferem *L* (=Lisboa); mas os manuscritos *A* e *B* achamse também em Lisboa, de modo que *S* pode resultar menos equívoca.

(4) Segundo o proceder de Sharrer, incluo também aquelas letras que, apesar de nom aparecerem claramente a olho nu, podem ser decifradas com certo grau de segurança, quer mediante a simples confrontaçom com os manuscritos collocianos, quer com ajuda da luz de raios ultravioletas.

(5) Uso as seguintes abreviaturas: F = cantiga coom finda; M = cantiga de mestria; o = cantiga de amor; R = cantiga de refrâm.

- 526-. 32) Ba 528, S [5], V [111]: «Senhor fremosa, nom poss' eu osmar» oM
 527-. 33) Ba 529, S [6], V [112]: «Nom sei como me salv' a miã senhor» oRF
 528-. 34) Ba [529]520, S [7], V [113]: «Quix bem, amigos, e quer' e quererrei» oR

[1] (= 522)

«Pois que vos Deus, amigo, quer guisar».

(Ba 524, S [1], V [107])

- | | | | | |
|-----|----|--|---------|------------------|
| I | 1 | Pois que vos Deus, amigo, quer guisar | | 10a ₁ |
| | | d' irdes a terra du é miã senhor, | | 10b ₁ |
| | 3 | rogo-vos ora que, por qual amor | | 10b ₁ |
| | | vos hei, lhi queirades tanto rogar: | | 10a ₁ |
| | 5 | <i>que se doia já do meu mal.</i> | (do-ia) | 8C |
| II | 6 | E d' irdes i tenh' eu que mi fará | | 10a ₂ |
| | | Deus gram bem, poi-la podedes veer; | (ve-er) | 10b ₂ |
| | 8 | e, amigo, punhad' em lhi dizer, | | 10b ₂ |
| | | pois tanto mal soffro, gram sazom há, | | 10a ₂ |
| | 10 | <i>que se doia já do meu mal.</i> | (do-ia) | 8C |
| III | 11 | E, pois que vos Deus aguisa d' ir i, | | 10a ₃ |
| | | tenh' eu que mi fez El i mui gram bem; | | 10b ₃ |
| | 13 | e, pois sabede-lo mal que mi vem, | | 10b ₃ |
| | | pedide-lhi [vós] mercee per mi: | (ce-e) | 10a ₃ |
| | 15 | <i>que se doia já do meu mal.</i> | (do-ia) | 8C |

[2] (= 523)

«A tal estado mi_adusse, senhor».

(Ba 525, S [2], V [108])

- | | | | | |
|-----|----|--|---------|------------------|
| I | 1 | A tal estado mi_adusse, senhor, | | 10a ₁ |
| | | o vosso bem e vosso parecer | | 10b ₁ |
| | 3 | que nom vejo de mi nem dal prazer, | | 10b ₁ |
| | | nem verei já, enquant' eu vivo for, | | 10a ₁ |
| | 5 | <i>u nom vir vós, que eu por meu mal vi.</i> | | 10C |
| II | 6 | E queria miã mort' e nom mi vem, | (ri-a) | 10a ₂ |
| | | senhor, porque tamanh' é o meu mal | | 10b ₂ |
| | 8 | que nom vejo prazer de mim nem d' al, | | 10b ₂ |
| | | nem verei já, esto creede bem, | (cre-e) | 10a ₂ |
| | 10 | <i>u nom vir vós, que eu por meu mal vi.</i> | | 10C |
| III | 11 | E, pois meu feito, senhor, assi é, | | 10a ₃ |
| | | querria já miã morte, pois que nom | (rri-a) | 10b ₃ |

	13 vejo de mi nem d' al, nulha sazom,	10b ₃
	prazer, nem verei já, per bõa fé,	(bõ-a) 10a ₃
	15 <i>u nom vir vós, que eu por meu mal vi,</i>	10C
F	16 pois nom havedes mercee de mi.	(ce-e) 10c

[3] (= 524)

«O que vos nunca cuidei a dizer»

(Ba 526, S [3], V [109])

I	1	O que vos nunca cuidei a dizer,	10a
		com gram coita, senhor, vo-lo direi,	10b
	3	porque me vejo já por vós morrer	10a
		(ca sabedes que nunca vos falei	10b
	5	de como me matava voss' amor):	10c
		ca sabe Deus bem que doutra senhor,	10c
	7	que eu nom havia, mi vos chamei.	(vi-a) 10b
II	8	E tod' aquesto mi fez[o] fazer	10a
		o mui gram medo que eu de vós hei,	10b
	10	e, des i, por vos dar a entender	10a
		que por outra morria (de que hei,	(rri-a) 10b
	12	bem sabe Deus, mui pequeno pavor);	10c
		e des hoi mais, fremosa miã senhor,	10c
	14	se me matardes, bem vo-lo busquei.	10b
III	15	E creede que hav[er]ei prazer	(cre-e) 10a
		de me matardes, pois eu certo sei	10b
	17	que esso pouco que hei de viver	10a
		que nem-um prazer nunca veerei;	(ve-e) 10b
	19	e, porque soo desto sabedor,	(so-o) 10c
		se mi quiserdes dar morte, senhor,	10c
	20	por gram mercee [eu] vo-lo terrei.	(ce-e) 10b

[4] (= 525)

«Que mui gram prazer que eu hei, senhor»

(Ba 527, S [4], V [110])

I		Que mui gram prazer que eu hei, senhor,	10a ₁
	2	quand' em vós cuid' e nom cuido no mal	10b ₁
		que mi fazedes! Mais direi-vos qual	10b ₁
	4	tenh' eu por gram maravilha, senhor:	10a ₁
		<i>de mi viir de vós mal, u Deus nom</i>	(vi-ir) 10C
	6	<i>pôs mal de quantos eno mundo som.</i>	10C

II	E, senhor fremosa, quando cuid' eu	10a ₂
8	em vós e nom eno mal que mi vem	10b ₂
	por vós, tod' aquel temp' eu hei de bem.	10b ₂
10	Mais por gram maravilha per-tenh' eu	10a ₂
	<i>de mi viir de vós mal, u Deus nom</i> (vi-ir)	10C
12	<i>pôs mal de quantos eno mundo som.</i>	10C
III	Ca, senhor, mui gram prazer mi per-é	10a ₃
14	quand' em vós cuid' e nom hei de cuidar	10b ₃
	em quanto mal mi fazedes levar.	10b ₃
16	Mais gram maravilha tenh' eu que é	10a ₃
	<i>de mi viir de vós mal, u Deus nom</i> (vi-ir)	10C
18	<i>pôs mal de quantos eno mundo som.</i>	10C
F	Ca, par Deus, semelha mui sem razom	10c
20	d' haver eu mal du o Deus nom pôs, nom.	10c

[5] (= 526)

«Senhor fremosa, nom poss' eu osmar»

(Ba 528, S [5], V [111])

I	1 Senhor fremosa, nom poss' eu osmar	10a
	que ést' aquel' em que vos mereci	10b
3	tam muito mal quam muito vós a mi	10b
	fazedes; e venho-vos preguntar	10a
5	o por que é, ca nom poss' entender,	10c
	se Deus me leixe de vós bem achar,	10a
7	em que vo-l' eu podesse merecer.	10c
II	8 Se é, senhor, porque vos sei amar	10a
	mui mais que os meus olhos nem ca mi,	10b
10	e assi foi sempre, des que vos vi?	10
	Pero sabe Deus que hei gram pesar	10a
12	de vos amar, mais nom poss' al fazer;	10c
	e porém vós, a que Deus nom fez par,	10a
14	nom me devedes i culp' apõer. (põ-er)	10c
III	15 Ca sabe Deus que, se m' end' eu quitar	10a
	podera, des quant' há que vos servi,	10b
17	mui de grado o fezera log' i;	10b
	mais nunca púdi_o coração forçar	10a
19	que vos gram bem nom houv[e]ss' a querer;	10c
	e porém nom dev' eu a lazerar,	10a
21	senhor, nem devo por end' a morrer.	10c

[6] (= 527)

«Nom sei como me salv' a miã senhor»

(Ba 529, S [6], V [112])

I	Nom sei como me salv' a miã senhor,		10a ₁
	2 se me Deus ant' os seus olhos levar,		10b ₁
	ca, par Deus, nom hei como m' assalvar		10b ₁
	4 que me nom julgue por seu traedor,	(tra-e)	10a ₁
	<i>pois tamanho temp' há que guareci</i>		10C
	6 <i>sem seu mandad' oir e a nom vi.</i>	(o-ir)	10C
II	E sei eu mui bem no meu coração		10a ₂
	8 o que miã senhor fremosa fará		10b ₂
	depois que ant' ela for: julgar-m' -á		10b ₂
	10 por seu traedor, com mui gram razom,	(tra-e)	10a ₂
	<i>pois tamanho temp' há que guareci</i>		10C
	12 <i>sem seu mandad' oir e a nom vi.</i>	(o-ir)	10C
III	E, pois tamanho foi o erro meu,		10a ₃
	14 que lhi fiz torto tam descomunal,		10b ₃
	se mi_a [mi] sa gram mesura nom val,		10b ₃
	16 julgar-m' -á porém por traedor seu,	(tra-e)	10a ₃
	<i>pois tamanho temp' há que guareci</i>		10C
	18 <i>sem seu mandad' oir e a nom vi.</i>	(o-ir)	10C
F	[E] se o juízo passar assi,	(ju-í)	10c
	20 ai eu cativ'!, e que será de mi?		10c

[7] (= 528)

«Quix bem, amigos, e quer' e querrei»

(Ba [529]520, S [7], V [113])

I	Quix bem, amigos, e quer' e querrei		10a ₁
	2 üa molher que me quis e quer mal	(ü-a)	10b ₁
	e querrá, mais nom vos direi eu qual		10b ₁
	4 é a molher; mais tanto vos direi:		10a ₁
	<i>quix bem e quer' e querrei tal molher,</i>		10C
	6 <i>que me quis mal sempr' e querrá e quer.</i>		10C
II	Quix e querrei e quero mui gram bem		10a ₂
	8 a quem mi quis mal e quer e querrá,		10b ₂
	mais nunca homem per mi saberá		10b ₂
	10 quem é; pero direi-vos u(a rem:	(u(-a)	10a ₂
	<i>quix bem e quer' e querrei tal molher,</i>		10C
	12 <i>que me quis mal sempr' e querrá e quer.</i>		10C

III	Quix e querei e quero bem querer	10a ₃
14	a quem me quis e quer, per bõa fé, mal e querrá, mais nom direi quem é;	(bõ-a) 10b ₃ 10b ₃
16	mais pero tanto vos quero dizer: <i>quix bem e quer' e querei tal molher,</i>	10a ₃ 10C
18	<i>que me quis mal sempr' e querrá e quer.</i>	10C

Alguns comentários

Na primeira cantiga podemos ver como o escriba de *V* parece nom entender a abreviatura *ds*(com signo de abreviaçom sobreposto), pois transcreve por duas vezes *des* (522.7,11) enquanto *Ba* cópia exactamente a abreviatura.

Sharrer nota como no refrâm da primeira estrofe (v. 5) da primeira cantiga, *S* e *V* escrevem respectivamente *Que se e que se*, com as duas palavras separadas e *-s-* simples, enquanto *B* traz *Quesse*, com as duas palavras unidas e *-ss-* duplo. Nas outras duas estrofes os três manuscritos trazem *-ss-* duplo, unindo as palavras *B* e *S*, e separando-as *V*. Parece, pois, que *B* no primeiro caso se afasta do que parece ter sido um arquétipo coincidente para *S* e *V*. Eis umha perspectiva da situaçom:

	<i>S</i>	<i>B</i>	<i>V</i>
verso 5:	<i>Que / se</i>	<i>Quesse</i>	<i>que se</i>
verso 10:	[...] <i>sse</i>	<i>Quesse</i>	<i>que sse</i>
verso 15:	<i>Quesse /</i>	<i>Quesse /</i>	<i>(Quesse) / Que sse</i>

Ora, umha observaçom atenta do ms. *B* leva à provável conclusom de que no v. 5 também este amanuense escrevera primeiramente *Que se* e que só mais tarde acrescentou um *-s-* que une as duas palavras: assim me parece ao menos confrontando este caso com as restantes grafias *-ss-* do mesmo escriba. Se esta apreciaçom é correcta, quer dizer que também *B* achara no seu arquétipo *Que se* nesse verso, mas que depois, avançando na transcriçom da cantiga, ao observar que nas outras duas estrofes (vv. 10 e 15) se escreviam juntas essas palavras, optou por voltar atrás e corrigir a grafia do verso 5, regularizando-a com os vv. 10 e 15.

No v. 9 da primeira cantiga Sharrer sinala umha diferente grafia para *B* a respeito de *SV*, coincidentes: enquanto *B* apresentaria *gra* (isto é, *gram* sem o signo abreviativo da nasal final), *SV* oferecem ambos *grã*. No entanto, creio que também neste caso *B* coincide com os outros dous manuscritos em *grã*: o signo de abreviaçom sobreposto, nom muito claramente perceptível na parte inferior, sobe fazendo umha curva para a direita, até quase unir-se com o *-z* final de *diz*, derradeira palavra do verso precedente (v. 8). Este *diz*, por sua vez, é escritura abreviada de *dizer*, como pode ver-se confrontando os outros dous manuscritos, que oferecem ambos *diz* com um sinal de abreviaçom (em forma mais ou menos de *r*) sobreposto; em *B* falta neste caso esse sinal de abreviaçom, mas o traço que sobe perto do *-z* final nom pode corresponder a tal abreviatura: simplesmente, o escriba de *B* esqueceu-se de anotar o tal sinal, lapso aliás freqüente em qualquer amanuense.

Em conclusom, também aqui os três mss. coincidem em *grã*, o que pode ser início de dependerem de um arquétipo comum.

No v. 11 da primeira cantiga *B* traz *aguisar*, enquanto os outros dous mss. apresentam leituras que se reduzem a *aguisa*: *S aguisa*, *V a guisa*. Pelo sentido é óbvio que a leitura correcta é *aguisa*, e a coincidência de *SV* nessa leitura demonstra que isso era efectivamente o que podia ler-se no arquétipo. *aguisar* de *B* é um erro, mas um erro que tem certo interesse para identificar o desconhecido escriba: parece que o escriba conhecia a língua portuguesa, pois teria pleno sentido a frase «Pois que vos Deus aguisar d' ir», entendendo *pois que* como conjunção temporal.

No v. 20 da cantiga 6 leio *mi* apesar do *mi*(do ms. Ao meu ver, devemos editar as formas *mi* ou *mim* (ambas existentes na língua trovadoresca), segundo o exija a rima consoante (6). Creio que é um suposiçom injustificada assumir que pode haver, em casos desta índole, o que se vem chamando —desafortunadamente, segundo me parece— “rima de vogal oral com vogal nasal”. Seria na verdade surpreendente que os trovadores, que tam cuidadosos se mostram na elaboraçom métrica e rimática das cantigas, tendo à sua disposiçom na língua duas formas conorrentes, ambas legítimas, das quais umha apresentava rima perfeita e a outra nom, fossem escolher precisamente a que oferecia a rima imperfeita.

As relações entre os diversos manuscritos trovadorescos

Como vemos, o problema das relações entre os manuscritos conservados da nossa poesia trovadoresca assume novos aspectos com a descoberta desta folha.

Umha comparaçom entre as medidas dos manuscritos de feitura medieval dá o seguinte resultado:

<u>ms</u>	<u>altura (em mm.)</u>	<u>largura (em mm.)</u>
<i>U (To: CSM)</i>	305	217
<i>T (CSM)</i>	486	332
<i>F (CSM)</i>	450	310
<i>E (CSM)</i>	404	274
<i>R (Vindel)</i>	340	(225 x 2 =) 450
<i>A (Ajuda)</i>	443	334
<i>S (Sharrer)</i>	520 (?)	285 (?)

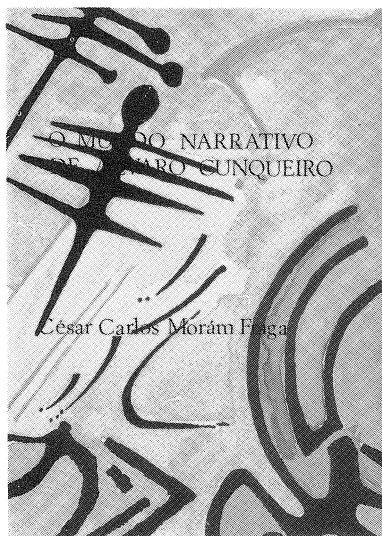
Que relaçom podemos estabelecer entre *S* e *A*?

(6) A forma originária e etimológica era *mi*, procedente do lat. MIHI; é forma paralela de *ti*, procedente do lat. TIBI. A forma com acrescentamento de umha consoante nasal implisiva, *mim*, hoje comum e normativa em todaa área lingüística portuguesa (incluindo, naturalmente, também a Galiza, onde muitos escrevem *min*, com grafia castelhana; mas a pronúncia é a mesma do restante mundo lusófono), é secundária: formou-se a partir de *mi* por nasalizaçom progressiva. Nom sabemos exactamente quando começou a usar-se esta forma *mim*; certamente na época trovadoresca (já no século XIII) estava em uso, como demonstram as rimas das *Cantigas de Santa Maria*. Mas a forma *mi*, sem a nasalizaçom implisiva, permanecia viva. De modo que quando nos mss. achamos *mim* em versos cuja rima exige *mi*, devemos supor que houve umha modernizaçom gráfica dos copistas.

Para além das diferenças de carácter codicológico, podemos notar as de índole ortográfica: é sabido que *A* nom usa os dígrafos *lh* e *nh* (como achamos em *S* e como, segundo concordemente transcrevem *BV*, se poderia ver no seu comum antecessor) mas os correspondentes dígrafos castelhanos *ll* e *nn*. Há ademais um pormenor de natureza mais filológica: é sabido que às formas do pronome pessoal indirecto *me* e *lle* de *A* correspondem muito frequentemente formas com *i* (*mi*, *lhi*) nos manuscritos coloccianos. Será este fenómeno de natureza cronológica ou mais bem geográfica? Mais fundado parece supor que as formas com *i* som anteriores, pois som as etimológicas (*mi* < MIHI, *lhi* < ILLI), e que é posterior a regularização da vogal em *e* sob o influxo analógico das formas de complemento directo *me*, *te*, *se* (nas quais este resultado em *-e* era etimológico: *me* < ME, *te* < TE, *se* < SE).

O códice *A* continua sendo o mais enigmático dos nossos manuscritos trovadorescos.

PUBLICIDADE




ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LINGUA (AGAL)
COMISSÃO LINGÜÍSTICA

ESTUDO CRÍTICO

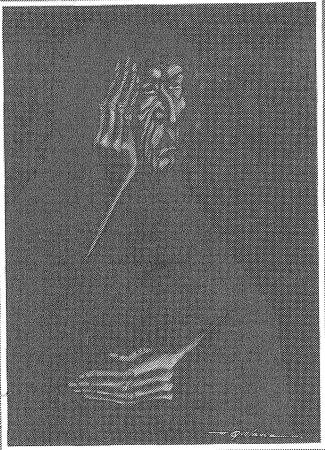
das

*Normas ortográficas e morfolóxicas
do idioma galego (I.L.G. - R.A.G.) 1982*

2.^a edición corrigida e acrescentada
Contém proposta normativa da AGAL.




A vida escura



Jenaro Marinhas del Valle

Ilustración Carlos Quezada

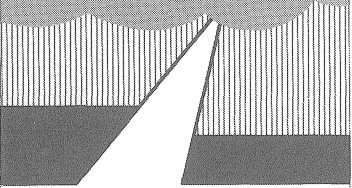
guia práctico de verbos galegos conjugados



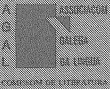
COMISSOM LINGÜÍSTICA

ARMANDO COTARELO

TREBÓN



EDICIOM, ESTUDO
E VERSIOM AO GALEGO ACTUAL
DE
RAMON REIMUNDE



COMISSOM DE LITERATURA

DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

HOMENAGEM A VALENTIM PAZ ANDRADE

A ASSOCIAÇÃO
G GALEGA
A DA LÍNGUA
L

HOMENAGEM A D. VALENTIM PAZ ANDRADE

Coordena: Prof. Doutora
M.^a do Carmo Henriques Salido



Centro Cultural
Caixavigo
SALA DE CONFERÊNCIAS

26, 27 e 28 de Maio de 1997 20,00 h.

Por motivo de se cumprir o décimo aniversário da morte de Valentim Paz Andrade, a Associação Galega da Língua organizou umha série de actos para lembrar a vida e a obra deste jurista, investigador, economista, jornalista e escritor. Os actos centráron-se num acto de carácter íntimo (em que participáron por volta de 50 pessoas) no cemitério do Leres (lugar onde repousa o seu corpo) e na organização de três mesas-redondas em que um grupo de estudiosos e investigadores estudáron e analisáron a vida e a obra deste homem que dedicou toda a sua vida a trabalhar por Galiza, quer do ponto de vista da economia quer do ponto de vista da cultura. Nestes actos a AGAL contou com a colaboração sempre generosa e carinhosa de Maria do Pilar e do seu filho, Afonso Paz-Andrade. Apoiou e assessorou os actos, o trabalhador sempre incansável Francisco R. Vidales («Paco»). A Associação Galega da Língua quer agradecer desde estas páginas a sua dedicação para o extraordinário sucesso que tivérom todos os actos.

O dia 19 de Maio no cemitério do Leres (Ponte Vebra) às 13,30 horas tinha lugar umha oferenda de flores no panteom da família, em que, além do ramo da AGAL, o grupo de empresas «Pescanova», a família, amigos e outras pessoas anónimas cubrírom materialmente o chao do jazigo. A seguir tomou a palavra a Presidenta da AGAL quem no seu breve discurso emocionado dixo:

«Estamos hoje aqui, reunidos na cidade do Leres, para lembrarmos um jurista, um economista, um escritor, um jornalista, um intelectual dos que gostava Castelao, —um homem de acção, que lutou polo engrandecimento da nossa Terra, sem medo ao fracasso, nem à censura, nem tam sequer às pedradas— um nacionalista que nom ocultou a sua luta e rebeldia por conseguir umha Galiza com a que sonhavam e sonhárom Alexandre Bóveda e Afonso Daniel R. Castelao. E estamos aqui hoje reunidos com devoção neste cemitério —um de tantos cemitérios da Galiza, onde dormem em número incontável de tantos e tantos mártires da Galiza, com assinalava o grande Castelao— porque Dom Valentim Paz Andrade deixou aberta umha janela à esperança, aquela que abriira Curros Enríquez e que sintetizou neste pensamento: A morte é às vezes um arsenal onde se armam os povos, para as grandes batalhas. Há instantes em que lembrar vale tanto como triunfar.

Com este acto, un acto que tenta ser íntimo, humilde, mas ao mesmo tempo reivindicativo da memoria de Dom Valentim, a Asociación Galega da Língua demonstra que segue tendo vigência essa idea de que «umha idea que nom chega a ver-se encarnada é, polo mesmo, invencível, já que nom se pode provar a sua falsidade». E a razom está bem à vista pois só os ideais som os que movem a Humanidade (com maiúsculas), só as ideias nobres e comprometidas com as causas nobres e justas como é a grandeza da Galiza, só o legado dos 'bons e generosos' da Galiza como foi Valentim, som os que «seguem germando em cada geraçom como elemento de impulso moral». Por isto, as ideias de luta e

La Asociación Galega da Língua organizará uns actos no mes de maio

Intelectuais galegos rinden unha homenaxe á memoria de Paz Andrade

Cando vanse cumprir dez anos do seu pasamento, a Asociación Galega da Língua rendiralle unha "modesta pero sinceira" homenaxe á figura e a obra do sobranceiro galego e galeguista Valentín Paz Andrade. O acto, que se celebrará en maio, consistirá en varias mesas redondas nas que se lembrará o perfil do homenaxeado, a súa responsabilidade no desenvolvemento de Vigo e o seu labor literario.

R.G.
VIGO

A idea é rescatar do esquecemento institucional no que estivo inmersa a figura de Valentín Paz Andrade durante os últimos dez anos. Nalgún xeito, trátase dun acto de desagravio", xustifican os promotores desta homenaxe que esperou unha tremenda expectación nos máis diversos ambientes sociais, culturais e incluso empresariais galegos.

O que comezou como unha xornada de recoñecemento e loubanza a un dos máis sobranceiros galeguistas da segunda metade de século transformouse nun ciclo de mesas redondas que terán lugar os vindeiros 26, 27 e 28 de maio na sala de conferencias do Centro Cultural Caixavigo. A Asociación Galega da Língua, que

é a responsable da organización destes actos, elaborou unha programación completa que abordará dende tódolos ángulos posibles a figura de Valentín Paz Andrade.

Deste xeito, o día 26, falarase do perfil biográfico de Paz Andrade; o 27, tratarase a influencia deste home no desenvolvemento económico e industrial da cidade de Vigo; e na derradeira xornada analizarase o labor literario de Paz Andrade, autor de múltiples ensaios e tamén cultivador do xénero lírico.

Prestixiosos profesores das universidades de Vigo e de Santiago de Compostela, destacados representantes de diferentes ámbitos económicos e profesionais e incluso amigos personais tomarán parte neste ciclo de mesas redondas.

A xunta directiva da Asociación Galega da Língua ten



Valentín Paz Andrade.

previsto, ademais, reunirse co alcalde de Vigo, Manuel Pérez, para que propoña que unha rúa viguesa leve o nome de Valentín Paz Andrade.

Finalmente, o vindeiro 19 de maio, día do seu pasamento, acudirán o cemiterio para levar un ramo de flores ante a tumba deste esgrevio galeguista.

Associação Galega da Língua rinde homenage a Valentim Paz Andrade

REDACCIÓN. VIGO

Con motivo de cumplirse el décimo aniversario de su muerte, la Associação Galega da Língua (AGAL), que preside la catedrática María do Carmo Henriques, organiza una serie de actos para recordar la vida y la obra de Valentim Paz Andrade (Pontevedra, 1899-Vigo, 1987).

El colectivo, de carácter lu-sista, ha programado diversos homenajes, que se repartirán entre Vigo y Pontevedra, para homenajar a este jurista, investigador, empresario y escritor.

El primero de los actos ten-

drá lugar en Pontevedra, el próximo 19 de mayo. Ese día, en el cementerio del Lérez, se realizará (13.30 horas) una ofrenda de flores ante la tumba de Paz Andrade, y se leerán una serie de poemas y oraciones.

Ya en la ciudad de Vigo, y durante los días 26, 27 y 28 de mayo, se celebrarán tres mesas redondas en la sala de conferencias del Centro Cultural Caixavigo. El día 26 (20 horas), acerca del "Olhar biográfico" de Paz Andrade; el día 27, la titulada "Valentim Oaz Andrade e o desenvolvemento económico da Galiza"; y el día 28, "Valentim Paz Andrade, escritor".

Homenaje a Valentín Paz Andrade en el aniversario de su muerte

VIGO

Redacción

Al cumplirse 10 años de la muerte del jurista, investigador, empresario y escritor Valentín Paz-Andrade, la Asociación da Língua Galega organiza un extenso programa de actividades para recordar su memoria.

Los actos conmemorativos comenzarán el 19 de mayo en el cementerio de Lérez, en donde está enterrado, con una ofrenda de flores y un recital de poemas. En el Centro Cultural Caixavigo se celebrarán conferencias y mesas redondas en las que intervendrán importantes personajes de la vida pública.

libertação existentes em tantas e tantas páxinas escritas por Castelao e também por Valentim —pois como confessa Castelao foi o seu introdutor no galeguismo— som semente que no día a día está a dar os seus frutos nesta Galiza que, secularmente, nom acaba de attingir o lugar que lle corresponde nesta Europa dos povos e das naçons soberanas e sem fronteiras.

E estamos hoje aqui este grupo numerosos de amigos, membros da Associação Galega da Língua, empresários, cidadaos, presididos pola memória de Valentim e pola presenza física de Maria do Pilar e de Afonso, neste cemitério do Leres, porque sabemos que —sempre que nos reunimos um grupo de galegos com respeito, em silêncio, com humildade, sem pompas nem boatos, unidos polo obxectivo comum de dignificar e traballar por Galiza— nos acompañam a grande Rosalia, os mártires Alexandre Bóveda, Camilo Diaz e Ángelo Casal e tantos e tantos mártires da nossa Terra, o grande Castelao e agora neste momento o «nosso» Valentim. E esta cidade de PONTE VEDRA, esta 'boa vila' está intimamente unida a Alexandre Bóveda, a Afonso Daniel R. Castelao («Eu devo-lhe a Ponte Vedra o melhor da minha vida e agora padeço saudade da sua paisage, tristura de a nom ver e esperanza de *retornar* a ela») e também a Valentim Paz Andrade. Para Valentim, apesar de ser um homem com mentalidade e projecção universal, a cidade de Ponte Vedra e este lugar do Leres (sempre se considerou vizinho deste lugar) constituem as raíces mais íntimas da sua vida.

E estamos num cemitério pequeno, muito próximo ao que guarda como um tesouro o corpo de aquel que recebeu «sete, catorce... tiros na Caeira,/ contra un pino dos hinos de Pondal,/ contra un pino de froumas a cair,/ contra un pino de ponlas a chorar!», e estamos num cemitério que como tantos cemitérios da Galiza enchem polas noites de luzes a memória da nossa redenção.



De esq. a direita: José M. Montero Santalha, Afonso Paz-Andrade, Elizabeth Taylor, M.^a do Pilar, M.^a do Carmo Henriques, Carlos Herrero e Julio Garcia Santiago.

E quero finalizar as minhas palabras agradecendo a todos os que estades aqui em silêncio, emocionados, pensativos a vossa presenza generosa, num dia de traballo e numha hora tam pouco idónea para todos nós, mas como sempre dizia o meu amigo José Bieito Abreira Feijó, os actos e actividades para a glória da Galiza e dos seus grandes homens e mulleres há que fazê-los pensando que podem sair mal, pois que se fazemos muitos e traballamos muito, seguro que algun sairá bem. Que a semente dê fruto, Rosalia, Bóveda, Castelao e Valentim já sementárom, agora temos que ser outros homes e outras mulleres os encargados e as encargadas de lutar por fazer realidade o seu legado. E os homens e as mulleres que fazemos parte da Associação Galega da Língua, embora sabemos que é umha tarefa duríssima, também sabemos que nom nos moverám. Viva Galiza! Viva sempre a memória e a lembrança de Dom Valentim!»

A seguir procedeu-se à lectura de poemas e umha oraçom dirigida polo Padre José Marinho Montero Santalha, quem começou invocando o significado que tinha para os crentes a morte e como sempre que se reuniam um grupo de pessoas para lembrar alguém já falecido, já se fazia oraçom. E a seguir leu o poema «A Terra e os sinos» do livro *Pranto matricial* (1975), e os poemas «Veño da morte» e o «Pequeno testamento» do poemário *Cen chaves de sombra* (1979) que reproducimos a seguir:

VEÑO DA MORTE

*Galegos, meus irmaos,
veño de ter co-a morte.
Sin o agardar unha vez mais atopo
o ventureiro empalme con a vida.*

*Estóu na singladura do retorno,
con ollos recuncantes na alborada,
tímpano a se tremer en libres odas,
pernas reencanadas para andar
os camiños resucitados.*

*Veño da morte, irmaos, e no fardel,
pouco trouxen pra vos:
cicatrices de ferro nas palabras.*

Vigo, 1962.

A TERRA E OS SINOS

*FOI A TERRA LEVADA,
barro materno ao barro teu xuntado,
cos líricos loureiros,
no camposanto de Padrón unxidos
pol-o amor e a door de Rosalía...
sagra primeira estrofa d-este pranto.*

*Pra compoñer as outras,
tanguidos a unha mao de Sul a Norde,
os sinos todos das eirexas todas,
que por todos redobran,
e tamén se ouvirán pol-os escuros,
non recolleran no coral de bronce
a dimensión da nosa desventura.*

*Por ti, Daniel, a máis dos campanarios,
siñaleiros da morte empadroada,
han de dobrar, da vida, acentos novos;
han de dobrar as cordas dos espíritos;
das cousas, seus metaes;
das cousas,
nas que os homes deixamos en anacos
os anacos da i-alma.*

PEQUENO TESTAMENTO

*Morrer quixera a peito descuberto,
e corazón, ao que foi seu, aberto.
Enxoito de arrebiques honorarios,
cal quixo ser meu xeito de vivir,
e, no meio dos máis, o de sentir
pró combater e o bater diarios.*

*As aspas do muiño d-unha vida
sempre do amor recuncan na ferida.
Por moito que un os poros desorbide
para casar con nosco o mundo non
foi feito, nin refeito na ocasión
e somos carta sô pra pau de envide.*

*A Terra en min mandóu e a liberdade,
e teño de cadeas e saudade
dos destellos, recheo o memorial.
Erguer do chan a vida impón a un
xogala fina vez ao pin-pan-pun
n-un circo prás ideas post-toural.*

*A guerra veu nos anos matutinos
pra estirar seu espectro aos vespertinos
moendo xeracións no seu rodicio,
pechando ao outro todo-os camiños
se non collía o vinco nos focifios,
ate ter de facer do escape oficio.*

*Si deixo do que fun imaxe... brava
no é miña a culpa de a non ter escrava,
de non levar as veas en desheño
nin aturar enriba do meu corpo
o drama da Galiza como un morto,
mentras luza no ceu seu seteestrela.*

*Se traballéi arreu noite e máis día,
para garnir esquelas no faría,
se non pra merescer da miña banda,
a cobiza de gracia que en min berra:
a de morrer en gracia co-a Terra,
ainda que Deus eisixa a sua manda.*

Vigo, 1974.

Na cidade de Vigo, na sala de conferencias do Centro Cultural Caixavigo, o día 26 de Maio, às 20,00 horas, celebrava-se a primeira das mesas-redondas dedicada a estudar «A vida de Valentim Paz Andrade». A sesión foi presidida polo Doutor D. Cipriano Ximenez Casas (Médico-Psiquiatra e membro da AGAL), quem nas suas palabras de saudaçom além de apresentar os três conferencistas, comentou o significado que tinha para ele a obra (literária, de ensaio e de criaçom em geral) e a vida. Da sua vida pujo ênfase nas suas vertentes da jurista, intelectual, humanista, economista e, sobretudo, nas suas qualidades humanas assim como a dívida que tinha a cidade de Vigo para com este vizinho ilustre. A seguir falou Isaac Diaz Pardo, amigo de Valentim, de quem lembrou alguns aspectos da sua vida e aproveitou a oportunidade para fazer umha fortíssima denuncia e ataque contra o poder pola pésima situaçom em que se acha a língua e a cultura da Galiza nestes últimos anos. Acabou as suas palabras para salientar a ediçom do livro *Epistolario* (1997) (ediçom ao cuidado de Charo Portela Yáñez e ele próprio) em que se pode achar muitíssima mais informaçom sobre a vida e a correspondência enviada por Valentim a numerosas personalidades da vida cultural e política (Otero Pedraio, Vicente Risco, José Núñez Bua, Manuel Portela Valadares, Ricardo Carvalho Calero, Afonso R. Castelao, Virginia Pereira Renda, Rafael Dieste, Eduardo Blanco Amor, Francisco Fernández del Riego, Luís Seoane, Ramon Cabanilhas, Laxeiro, Ernesto Guerra da Cal...) e 27 cartas recebidas por ele escritas por Valle Inclán, Castelao, Laxeiro, Guilherme de Almeida, Manuel Rodrigues Lapa, Ernesto Guerra da Cal...

A intervençom de Alexandre Banhos Campo, intitulada «Paz Andrade, nacionalista sempre» centrou-se, nomeadamente, na importância que tivo Valentim na génese e nascimento do «Partido Galeguista», na sua presença nas actividades e movimentos nacionalistas da Galiza nas primeiras décadas do século XX, e como este labor nunca vai ser interrompido apesar das duras circunstâncias em que, por momentos, tivo que viver como, por exemplo

Editado o epistolário de Valentin Paz Andrade no décimo cabodano. da sua morte

Os dias 26, 27 e 28 celebrábase en Vigo un ciclo de homenaxe

A espoliación da enerxía hidroeléctrica e a expulsión do aforro emigrante son aspectos da dependencia económica da Galiza que Valentin Paz Andrade criticara hai 25 anos e que hoxe son universalmente recoñecidos, tanto como a necesidade de comunicacións por terra. Méndez Ferrín lembraba así ao político nacionalista, dez anos despois da súa morte, en compañía de Fernández del Riego, Díaz Pardo, Borobó e Charo Portela, "na hora en que Kabila entra en Kinshasha co corpo de Patrice Lumumba nas costas".

O décimo cabodano tamén era ocasión en Vigo para que *Edicións do Castro* presentase o *Epistolário* de Paz Andrade que recolleron, prologaron e clasificaron Díaz Pardo e Charo Portela. Para Del Riego o característico de Valentin era o compromiso co país, que se expresa no fomento de empresas políticas e económicas, nun xornalismo de intervención e no ensaio e na agudeza para a polémica. Esta vocación política dá con el na cadea varias veces e convérteo en albo de represión e desterro durante a ditadura. Raimundo García Domínguez Borobó, que publicara en folletón no diário *La Noche* o *Galiza como tarefa* ten de Paz Andrade a memoria do home que trocaba desventuras en trun-

fos, como cando tirou proveito dunha estancia na cadea para investigar o legado de Camilo Bargiela. Ferrín descríbese como un home de feitos e de verbas que practica a intervención social, política e económica a prol dun ideário nacionalista e republicano, que podendo errar en políticas de superficie nunca se equivocou na descripción dos grandes males de fondo do país.

A galería *Sargadelos* de Vigo abreu unha exposición bibliográfica e documental sobre Valentin Paz Andrade na que se recollen edicións de quince libros, limiares, obras colectivas, colaboracións en prensa, epistolário e fotografías.

O 26, 27 e 28 de Maio celebrábase en Vigo o ciclo *Homenagem a Valentin Paz Andrade*, organizado pola Asociación Galega da Língua. En tres mesas redondas intervirán entre outros Isaac Díaz Pardo, Cipriano Ximenes Casas, Alexandre Banhos, Joam Carmona, Maria do Carmo Garcia Negro, Xesús Xiráldez, Uxío Labarta, Elias Torres Feijó, Jose Luís Rodríguez, José Martinho Montero Santalha e Maria do Carmo Henriques Salido, que dirixe o ciclo. Os actos serán na sala de conferencias do Centro Cultural Caixavigo ás 20 horas. ♦



Paz Andrade por Castelao no ano 1924.

quando o Delegado Governativo de Vigo envia um telegrama o Sr. Governador Civil em que se comunica a liberdade para determinados presos «menos al abogado Paz Andrade envenenador y mal español [...] y debido a 'padrinos' indignos y españoles que no merecen ocupar cargos, se salvó de la verdadera justicia que nuestra nueva España impone para los envenenadores del pueblo español».

O jornalista Gustavo Luca de Tena estudou a vocación de jornalista de Valentin —o texto, publicado días despois no semanário «A Nosa Terra», pode-se ler reproducido facsimilarmente nestas páxinas— e pujo em destaque o principio de VPA de que a imprensa de qualidade fai-se com inteligência e nom com máquinas e edificios inteligentes.

A segunda mesa-redonda celebrábase o día 27 de Maio e estivo dedicada a analizar «Valentin Paz Andrade e o desenvolvemento económico da Galiza». O Presidente e moderador foi o Professor Doutor D. Joám Carmona (Membro da AGAL e Catedrático de Historia e Institucións Económicas da Universidade de Santiago de Compostela) quem salientou o muito que deviam os historiadores e os investigadores a persoas como Valentin, glossou a extraordinaria importancia deste economista e salientou que era muito infreqüente achar na Galiza de hoje empresarios tam polifacéticos como o fora Dom Valentin. A seguir a Professora Doutora Maria do Carmo Garcia Negro (Professora Titular de Economía Aplicada da Universidade de Santiago) fijo referencia ás ajudas que tinha recebido de Valentin, quando

começava a sua vida como investigadora, como sempre estava disposto a assessorar e dar informação na sua casa e a seguir analisou o significado do homenageado tanto polos seus contributos científicos, como polo seu labor profesional. O Professor Doutor D. Jesus Giraldez Rivero (Professor Titular de História e Instituições Económicas da Universidade de Santiago) centrou-se em aspectos da história da pesca na Galiza e o valor que tinham mesmo no momento actual. D. Ugio Labarta (Biólogo do CSIC-Instituto de Investigações Marinhas) abordou os contributos de Valentim desde o âmbito da Biologia e Investigações Marinhas, reiterando, como os investigadores anteriores, que pessoas como Valentim eram muito infreqüentes na Galiza e que todos eles tinham umha grande dívida com ele. Finalmente, o Professor Doutor D. Manuel Varela Lafuente (Catedrático de Economia Aplicada da Universidade de Vigo) analisou aspectos específicos da actividade pesqueira e em que medida estes avances e a situação da cidade de Vigo e o seu entorno nom se poderiam comprender se nom tivesse existido Valentim Paz Andrade. Todos os participantes coincidirom na urgência de que as três universidades da Galiza fisessem umha grande homenagem a Valentim Paz Andrade.

A terceira mesa-redonda, intitulada «Valentim Paz Andrade, escritor», celebrava-se o dia 28 de Maio, e estivo presidida e moderada polo Professor Doutor D. José Luís Rodríguez Fernández (Membro da AGAL e Catedrático de Filologia Galego-Portuguesa da Universidade de Santiago de Compostela). O primeiro dos participantes, o Professor Doutor D. Elias Torres Feijó (Professor de Filologia Galego-Portuguesa da Universidade de Santiago de Compostela) fijo um longo percurso polas revistas, diversas obras e documentos em que ficava bem patente ao extraordinário interesse que sempre tivo Valentim por todo o que tivesse que ver com o mundo 'que o português criou'. O Professor D. José Martinho Montero-Santalha (Membro da AGAL, Professor Associado da Universidade de Vigo) analisou numerosos fragmentos das obras mais importantes de Valentim em que se prova e demonstra que perante o problema da língua Valentim Paz Andrade era claramente reintegracionista, se bem as circunstâncias dos momentos em que lhe correspondeu viver e a sua própria actividade profissional nom lhe permitirom levar à prática todos esses ideais aos que nunca tinha renunciado.

Por último, a Professora Doutora Maria do Carmo Henriques Salido (Presidenta da AGAL e Catedrática de Filologia Espanhola da Universidade de Vigo) fijo umha leitura pessoal do texto *Castelao na luz e na sombra*. Da sua leitura —cujo texto íntegro, ao igual que o de outros conferencistas será publicado no número 51 da *Agália*— simplesmente salientaremos que dilimitou o objectivo fulcral do livro (reconstituir na medida do possível a vida e a obra de Afonso D. Rodríguez Castelao, tendo sempre presente o itinerário existencial, integrando sempre, a luita e a sua polifacética obra), como havia que classificar o livro, como surge o livro ('nasce de umha experiência íntima'), distinguiu ente o tempo de elaboração e o tempo da história, e o propósito fundamental da obra (manter viva a lembrança do grande irmao desaparecido, para informar as novas gerações e para que assim Castelao nom fique silenciado). Abordou também a disposição e estrutura do texto e detivo-se, especialmente, nalgumas das passagens como aquelas em que o narrador se introduz na história. Como «Colofom» estudou a carta de Castelao a Cláudio Sánchez Albornoz e lembrou as teses do Professor Ricardo Carvalho Calero sobre esta missiva, para concluir que Valentim Paz Andrade também defendia a unidade da língua que se fala Além e Aquém Minho, porém mostrava-se partidário de manter a unidade dentro da diversidade que possuem todas as línguas históricas. Finalizou as suas palavras assim: «Na Galiza de hoje poucos dias temos com 'luz'. Estas mesmas sombras continuam a ser as sombras da Galiza de hoje, sombras que como lembrou nesta homenagem um galego que tem memória histórica, Isaac Díaz Pardo, nom acabam de desaparecer».

Os meios de comunicação social, nomeadamente FARO DE VIGO, dedicárom numerosas páginas a Valentim Paz Andrade desde o mês de Março até os últimos dias de Maio, notas, informações e artigos, impossível de reproduzir e até comentar nesta informação. Também LA VOZ DE GALICIA informou com detalhe dos actos e da homenagem. A revista *Industrias pesqueras* recolheu ampla informação dos actos num número especial. De todas as informações aparecidas unicamente seleccionamos aquelas mais directamente relacionadas com os actos promovidos pola Associação Galega da Língua.

V.P.A. XORNALISTA

Valentín Paz Andrade dixo aos empresarios des- de as páxinas do diário Galicia, en 1972, que ti- fan que facer valer a súa voz fronte ao centralismo se querían construír o futuro e invítalos a non facer caso "dos currunches madrileños que dogmatizan bárbaramente na prensa galega". Valentín tiña 23 anos cando se fixo cargo do Galicia e foi saudado polo Faro de Vigo como "ese menor de idade que dixise un xornal".

Con moitos menos elementos materiais e finan- zamento que os diários do seu tempo, o Galicia levantaba a paletilla dunha prensa que Vilar Ponte, chamaba adoradora incondicional de Segismundo: "Nes menos nengunha audacia romántica ten cabida nen nengunha rebeldía crítica en- contra hospitalidade. Todos os nosos periódicos aparecen reselados polo máis cursi e ridículo dos provincianismos e así se perde o sentido da pró- pria estimación". Non é necesario precisar que o Segismundo que cita Vilar Ponte é o caldeir- o de La Vida e Súa.

O Galicia modernizou o panorama da prensa con tres elementos concretos, teorizados por Valentín como imprescindibles, que daquela es- taban ausentes dos diários. Isto é: unha primeira páxina con editorial, con caricatura e un co- mentario en rexistro de humor.

Outra baza para o Galicia foi demarcar-se da acción oficiosa do goberno, *Mencheta*, e susce- ber o servizo telegráfico da *Febus*, que fundaron os conxuítes Ugoiti como parte do grupo de El Sol. A información de *Febus* e máis rápida, de corte máis liberal e con moito menos espáncios pechados ao interese internacional que a *Mencheta*, que durara con Franco até o 73. Para un país emigrante como Galicia é un adianto ter información dos problemas e acontecementos políticos de Latino- américa, dos que *Faro de Vigo* ou *La Voz de Galicia* non di palabra para non espantar aos emigrantes, nen escandalizar aos consiguariáns.

Valentín xunta arredor de si, na columna editorial, unha selección galega nunca antes reu- nida no diário, se facemos a salvadega de que o agrarista *La Zarpa* de Ourense, nado en 1921, ti- ña colaboración dalguñs deles. No Galicia están Roberto Blanco Torres, *Frai Roblano*, Manolo Lustrés Rivas, Ramón Cabanillas, Castelao, Antón e Ramón Vilar Ponte e Antón Lusada; na opinión colaboran Otero Pedraza, Nuñez Bua, Rafael Dieste, Risco, Otero Espasandín, Xan Bautista Andrade, Fermin Bouza Bexi, Flo- rentino Lopez Cuevillas, Amor Ruibal e Ar- mando Cotarelo entre outros.

GUSTAVO
LUCA DE TENA



Valentín Paz Andrade.

“O que demostrou Valentín é algo que segue valendo hoxe, que a prensa de calidade faise con intelixencia e non con máquinas ou edificios intelixentes”

A preocupación de Valentín é dar desde o edi- tor e os contidos do xornal, non tanto os datos como elementos para a comprensión da actuali- dade social, o que divide de contado os diácos en prensa de calidade, e prensa panfletaria ou sensacionalista, segundo a clasificación anglosa- xona. Naturalmente, a prensa diáica de calidade é o Galicia e o público leitor prénha cunha de- manda diáica de 12.000 exemplares. Tamén hai quen prefire ignorar a información e a opinión construída desde esta perspectiva prénha e independente e apoiar unha prensa que inter- preta a política galega desde Madrid.

Como moitos anos despois (en 1974) vai reco- mendar o *Informe McBride*, o Galicia salienta a necesidade de transmitir e recibir opinión da- cando cos intereses do país. Primeiro por unha razón de dignidade, de non ceder a outros a opi- nión sobre o noso acontecer e tamén por nece- sidade vital de coherencia interna do país. Valen- tín adiantáse á proposta de accidentalidade política do Partido Galegista e considera que as opinións poder ter diferente corte político, pero non pode o periódico, nen o país, renun- ciar a facer a súa propia interpretación do mun- do, a súa propia política, nunha palabra non pode renunciar a pensar.

O segundo elemento, a caricatura, introduce no mundo editorial galego a novidade dos có- digos de opinión distintos na primeira. “Logo nos decatamos, di Valentín, de que dentro da estrutura dun periódico moderno a caricatura funciona como contrapunto do editorial”. Cas- telao é con Maside, Torres, Cebeiro e Fernán- dez Mazas o autor do outro editorial do Galicia. Alí naceron as series *Contos da Vida*, *Contos dos Nenos*, *os Homes*, *As Mulleres* e *os cegos*, así como as ilustracións para os números extraor- dinarios do 25 de Xullo.

Os elementos materiais cos que contaba o diário Galicia eran ben inferiores aos das empresas es- tablecidas, a vella prensa urbana, e, se cadra, esta- ban por baixo ramén dos dalgun prelo vilago. O que demostrou Valentín é algo que segue valen- do hoxe, que a prensa de calidade faise con intel- xencia e pon con máquinas ou edificios intelixen- tes ou como quería Alexis de Tocqueville, “nunca un ficheiro reemplazará á intelixencia”.

“Máis que un xornal —di Conqueiro— era un- ha vela de armas, das armas máis galegas, unha preparación. Valentín Paz Andrade escribe en todos os números e vai facendo unha prosa cla- ra, consistente, moitas veces poética e sempre

con aquel de didactismo porque se *quere ensinar* Galicia aos galegos, porque se *quere galegar* un Galicia que aparece pobre e apática cando pode ser rica e apaixonada”.

Dieste confirma esta opinión, ao falar da carica- tura no Galicia: “A Castela preocupáronlle sem- pre máis que os problemas técnicos da arte, os méritos máis eficaces para divulgar, o que conside- raba unmente era transmitir en cuestións que afec- taban á moral e aos problemas políticos e sociais. Por iso a súa satisfacción cando descubriu na Ale- maña o gravado en linóleo como meio eficaz pá- ra a propaganda, despois tan cultivado en Pon- tevedra para estampas e ilustracións e os seu de- buxos nos diários, nos que sabía xuntar a eficacia do debuxo e da lenda que o acompañaba”.

Pero é que acaso Paz Andrade deixou de ser xornalista cando o diário desapareceu en Se- ptiembre de 1926 despois de andar a parea cos di- tadores de Primo de Rivera? Eu entendo que Valentín tirou da adversidade virtude; era un home inquieto, cultísimo, intelixente, creativo e as forzas que non podían dar ao xornalismo, porque non quixeron Primo de Rivera, nen Franco, entregouas a descubrir o continente salgado da pesca, á economía, ao ensaio, á poesía e ao foro. A revista especializada *Indus- trias Pesqueiras* que o criou cumpre agora se- tenta anos en plenitude.

Eu coído que todas estas virtudes, nengunha de- las cativa, daban para construír a biografía dun xornalista excepcional. Por separado deron o dos nosos mellores poetas da xeración de entre- sñencia e o economista que lle puxo nome aos nosos males de fondo.

Maximo o nome de VPA xornalista en moitas ruas e prazas de todo o país, precisamente con esta lenda *VPA xornalista*, pero isto tería de ser nunha situación normal que non é a nosa. Lo- renzo Varela, por exemplo, define a Valentín na altura de 1979 como avogado, economista, escritor e poeta. E todos sabemos que Lorenzo Varela reverenciaba a Valentín. De certo que Valentín sobranceou en moitos terreos, pero eu entendo que sen a violencia da Ditadura, que demou a redacción do Galicia, estas virtudes estarían subsumidas e aumentadas na súa condi- ción de xornalista. Tomo por exemplo a refe- rencia de Leopoldo Lugones ou de Pablo de La Torre que en Argentina e Cuba foron escri- tores poetas e xornalistas, pero hoxe son reco- rdados primeiramente polo modo que aportaron aos seu país como xornalistas. ♦

LA ASOCIACION GALEGA DA LINGUA GLOSA LA FIGURA DE VALENTIN PAZ ANDRADE

Ayer dio comienzo el ciclo que AGAL dedicará durante tres jornadas a glosar la figura de Valentín Paz Andrade. En la primera sesión, y coordinada por Cipriano Jiménez, se celebró en el Centro Cultural Caixavigo, donde se celebrarán también las restantes, intervinieron Alexandre Banhos, quien estudió fundamentalmente la personalidad política y literaria de Valentín Paz Andrade y su constante preocupación por Galicia. Gustavo Luca de Tena se interesó por su faceta de periodista, que en su criterio no dejó de serlo hasta el final de su vida. Isaac Díaz Pardo trazó una breve síntesis biográfica del homenajeado con especial interés por su libertad para escribir un gallego auténtico.



RICARDO GROSAS



Familiares e persoeiros da cultura e da empresa, diante da tumba de Paz-Andrade

Unhas trinta persoas, entre as que estaban a viúva de Valentín Paz-Andrade, o seu fillo e outros familiares, ademais de representantes do sector empresarial e do mundo da cultura, homenaxearon onte no cemiterio de Léréz ó destacado galeguista, ó cumprirse dez anos do seu pasamento. Unha ofrenda de flores e un recital poético acompañaron a semblanza que María do Carmo Henriques, presidenta da Asociación Galega da Língua, fixo de Paz-Andrade, e na que salientou a especial vinculación que tivo con Pontevedra, onde con Castelao puxo as bases do Partido Galeguista.

FARO DE VIGO
Martes, 20 de mayo de 1997



OFRENDA FLORAL EN MEMORIA DE VALENTÍN PAZ ANDRADE

Un sencillo y cálido homenaje inauguró ayer los actos en honor al ilustre galeguista, jurista y economista Valentín Paz Andrade, al cumplirse el décimo aniversario de su fallecimiento. Los actos dieron comienzo con una ofrenda de flores que tuvo lugar en el cementerio de Léréz, en donde reposan los restos del que fue uno de los fundadores del Partido Galeguista. La viuda del homenajeado, María del Pilar

Rodríguez Parda, presidió el acto, al que asistieron amigos y familiares del reconocido empresario y escritor, como su hijo, Valentín Paz Andrade. La presidenta de la Asociación Galega da Língua, María do Carmo Henriques Salido, recordó a continuación la figura del homenajeado. A su intervención siguió una lectura de poemas, que corrió a cargo del sacerdote José Martiño Montero Santalla.

VOCABULARIO DE MATEMÁTICAS (GALEGO-ESPAÑOL-INGLÉS-PORTUGUÉS)¹

Carlos Garrido
(Universidade de Vigo)

A utilización na Galiza da lingua galego-portuguesa como veículo de transmisión de ideas no campo das Matemáticas, das ciencias naturais (Biología [com incluso da Medicina e da Veterinaria], Física, Geología e Química) e das disciplinas tecnológicas é, aínda hoxe, en contraste com a observada nos ramos das humanidades e das ciencias sociais, muito infrequente. Podem explicar esta desistencia a pobríssima tradición galeguista de cultivo da prosa especializada ou *Fachprosa* (com a notável excepción dos ensaios de tema arqueológico ou etnográfico compostos por membros da *Geraçom Nós*); a histórica escaseza de científicos e técnicos galegos nalgumas das disciplinas supracitadas (Veterinaria, Engenharias, Física; aínda hoxe non existen estudos universitarios de Geología no país); o carácter que estas disciplinas revestem de ámbitos do coñecemento «puros», relativamente independentes da comunidade cultural que lles dá soporte (sobretudo polo que diz respeito ás Matemáticas, ás tecnoloxías e ás ciencias naturais máis matematizadas) e, portanto, promotores de un certo isolamento e até alheação social dos seus cultores; as deficiencias na formación lingüística (e humanística) de moitos investigadores, profesionais e docentes dessas parcelas do coñecemento; a primazía concedida no dominio científico-técnico aos idiomas extensos (inglés, español), que agem como lingua franca no seo da comunidade internacional, en detrimento de unha lingua que se julga (erradamente) minoritaria, como o galego; e, finalmente, a intrínseca dificultade da ferramenta lingüística necesaria (descoñecemento do recurso á terminoloxía e fraseoloxía portuguesas).

Defrontados com este panorama pouco promissor, mas urgidos pola necesidade de normalizar a lingua no ámbito docente e nos medios de comunicación, nos últimos tempos têm aparecido diversos materiais bibliográficos e audiovisuais de tema científico-técnico no idioma do país, como libros de texto para o ensino primario e secundario, guías da natureza e ensaios e traducións de filmes de vulgarización científica (mas, curiosamente, aínda non traducións de libros estrangeiros). Estas obras, claro é, devem fazer uso de unha terminoloxía e fraseoloxía especializadas que, ao non estarem presentes nem no deturpado galego oral espontáneo, nem, na súa maior parte, na reducida tradición do galego escrito moderno, ham de ser habilitadas no momento presente. Os responsaveis pola normalización e normativización lingüística da administración autonómica até agora têm respondido a essas necesidades promovendo tímida, descoordenada e erráticamente a publicación de vocabularios especializados, endereçados principalmente ao mundo do ensino, que, quase de forma geral, devem ser cualificados como marcadamente deficientes. Som as súas falhas tanto de con-

(1) Xosé M. Masa Vázquez, Belén Fortes López *et al.* 1995. *Vocabulario de Matemáticas (Galego-español-inglés-portugués)*. Servicio de Normalización Lingüística da Universidade de Santiago de Compostela. 288 pp.

teúdo quanto de forma: polo que tange ao conteúdo, diga-se que, inscritos na praxe isolacionista ou elaboracionista, e contradizendo o princípio de harmonia terminológica com o português expresso na «Introducción» às *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego* da R.A.G. e do I.L.G. (ponto 4º), estes repertórios constituem umha inútil mixórdia de castelhanismos, plebeísmos, incoerências, e estrambóticos neologismos insolidários, que, assim mesmo, contravêm a tendência à internacionalização própria da linguagem científica e técnica. No aspecto formal, destaca a pobreza do cópus, a ausência das definições dos conceitos, a inexistência de qualquer indicação sobre a utilização dos termos (notas de uso, informações gramaticais, cotextos...), e a dependência do castelhano (nom se incluem em geral mais equivalências terminológicas que as espanholas).

Feliz excepçom a esta lastimável norma é o *Vocabulário de Matemáticas* publicado em 1995 polo Serviço de Normalizaçom Linguística da Universidade de Santiago de Compostela e de que som principais autores o Professor Xosé M. Masa Vázquez (catedrático de Geometria e Topologia) e Belén Fortes López (assessora linguística). Carácter excepcional que se fai extensivo nom apenas aos aspectos formais, como também, fundamentalmente, ao próprio conteúdo. Com efeito, se bem que a obra nom tenha podido furtar-se —contra a vontade do seu principal autor, como veremos— à imposiçom da ortografia e morfologia castelhanizantes, ela nom deixa de representar um entusiástico alegado em favor da imprescindível convergência terminológica com o português.

O Vocabulário consta de vários glossários, dedicados uns aos termos, outros às locuçoes e ainda outros aos numerais e às expressoes indicativas do tempo cronológico. Três desses glossários som «cuadrilingües» e compreendem, ordenadas alfabeticamente polos verbetes galegos, as equivalências em galego, espanhol, inglês e português; os outros nove glossários som «bilingües» e neles confronta-se o galego com cada um dos outros três idiomas, que agem como organizadores. No prólogo da obra, o seu principal autor afirma que o cópus abrangido inclui mais de 3.000 entradas pertencentes à esfera do primeiro ciclo dos estudos universitários de Matemáticas, o que torna este vocabulário especializado um dos mais extensos dos até agora publicados na Galiza. Contudo, é de lamentar, no aspecto formal da obra, que nom se tenham numerado os verbetes e que se tenha optado por umha estruturaçom tam redundante, desconhecedora do formato padronizado das obras terminográficas, baseado num glossário principal numerado e índices remissivos. Aliás, também se acham a faltar algumas indicaçoes de uso (*milhar* e *milheiro* som permutáveis em todos os contextos?) e de tipo gramatical, como a categoria, o género e os plurais irregulares dos substantivos.

Mas, por acima da sua considerável riqueza de termos e locuçoes em várias línguas, a grande novidade deste Vocabulário radica na sua decidida vocaçom reintegracionista, que só em parte resulta frustrada pola *censura* exercida polos assessores linguísticos da Universidade de Santiago. Assim, o Professor Masa Vázquez declara no prólogo: «Adoptamos, tamén, algún criterio en canto a preferencias léxicas: comezar incorporando o léxico común usado, sempre que fose galego; preferir as opcións máis universais (linear e non lineal) e partir da consideración de proximidade co léxico portugués (polo demais, con notabeis diferencias a un e outro lado do Atlántico, como ocorre tamén co 'español, por certo)». Esta consciéncia da necessidade de harmonizaçom com a terminologia portuguesa, tam estranha à praxe de muitos dos nossos homens de letras, nom é infreqüente detectá-la entre os cientistas e técnicos galeguistas, talvez por causa da visom económica, utilitária (no melhor sentido da palavra) e livre de preconceitos sócio-políticos que eles costumam ter do fenómeno comunicativo. E o Professor Masa Vázquez, cuja clarividéncia intelectual nom se vê embaçada pola manipulaçom obscurantista do Isolacionismo, declara ainda, a modo de «objeçom de consciéncia», no Prólogo: «Outra dificultade, máis ben da alma, provén da diversidade de normativas ortográficas empregadas. Algúns vivimos a normativa oficial como unha intolerante e agresiva imposición da ortografía española. Máis pre-ocupante, con todo, é a tendencia, coa que me vin acosado en máis dunha páxina, de fuxir a calquera prezo do léxico portugués».

Mas, felizmente, a julgarmos polos índices «bilingües» em que se confrontam o português e o galego, essa tendência (irracional) foi eficazmente refreada: para *eixo* propom-se *eixo* e nom **eixe* (selecção da variante do galego espontâneo que mais nos aproxima do português); para *desvio padrão* propom-se *desvío padrón* ou *desvío típico* (e nom a solução castelhanizante **desviación típica*); para *declive*, *declive* e nom **pendente*; para *algarismo*, *algarismo* (e nom **guarismo*); para *sinal*, *sinal* (e nom **signo*), etc. Significativamente, a tensão entre as duas tendências é plasmada em entradas como *mudanza*/**cambio*, *fecha*/**pechado*...

No entanto, a harmonia com o português nom se aplica naqueles termos que incluem palavras da língua comum castelhanizantes, vulgarizantes ou dialectais que o imperante Isolucionismo tenta consagrar: **compoñente* e **expoñente* (plebeísmos por *componente* e *expoente*), **analizar* (por *analisar*), **desprazamento* (por *deslocamento*), **apegar* (por *colar*), **asignación* (por *atribuição*), **illar unha raíz* por *isolar umha raíz*, **sela de mono* por *sela de macaco*, **impar* (por *ímpar*; nom se evita a homonímia com *impar=solução*), **función en esqueira* (por *função em escada*), **táboa* (com ignorância de *tabela*), **test de dúas colas* (por *teste de duas caudas*), **colímite* (por *colímite*), etc. Mais surpreensiva resulta a ruptura com o português e a incongruente harmonização terminológica com o espanhol na designação, nom pertencente ao galego espontâneo, de certos conceitos especializados: propom-se **covarianza* e nom *covariância*, **apotema* e nom *apótema*, **asíntota* e nom *assímtota*, **centiárea* e nom *centiare*, **despexar unha incógnita* e nom *separar umha incógnita*, por exemplo. Estranha também a desnecessária amoedação de alguns neologismos de significado insolidários (**esguellado* para *enviesado*, por exemplo) e certas incoerências (se se propom *coordenada*, como se deve entender a inclusom de **coordinábel* em vez de *coordenável?*; se se propom *fechado*/**pechado* para *fechado*, como se dá **peche alxébrico* como único equivalente de *fecho algébrico?*; **función signo* em vez de *função sinal?*). Finalmente, neste apartado de crítica, caberia observar que no Vocabulário nom se fai distinção entre *longitude* (geográfica) e *comprimento* (=longura), nem entre as unidades angulares *grau* (*degree* em inglês) e *grado* (*grade* em inglês), e como equivalente do termo sintagmático português *denso* em *nenhuma parte* se oferece **denso* em *ningues*.

Apesar dos defeitos enunciados, a valorização global desta obra deve ser, sem dúvida, positiva. Pola sua vocação reintegracionista, pola sua considerável extensom, por oferecer equivalências em várias línguas (entre elas, o português europeu), pola autoridade dos seus compiladores e pola sua boa apresentação, o *Vocabulário de Matemáticas* constitui um bom exemplo —ainda infelizmente raro— do caminho correcto (natural e económico) por que deve enveredar a habilitação das línguas de especialidade científicas e técnicas na Galiza.



PALAVRA E MEMÓRIA

Dores VALCÁRCEL GUITIÁM

*Et Dame fortune en m'étant offerte
ne pourra jamais fermer ma douleur.*

O corunhês José Alberte Corral Iglésias acaba de publicar o poemário *Palavra e Memória*, título que aparece sobreimpressionado na capa do livro cum fundo constituído por um pasquim da Comuna de Paris; um chamamento do povo de Paris aos soldados de Versailles convidando-os a passarem-se às filas da república. A contracapa contém o célebre poema comunardo «Le temps de cerises» composto por J.B. Clement em 1866; cinco anos antes de que outro poeta e «chansonnier» francés, Pottier, dera ao mundo o seu canto mais optimista, «A Internacional». Pola primeira vez na historia percebeu-se a poesia como arma de combate.

Tem-se dito que nenhum texto se limita a dizer o que quigera; aqui os dous que integram a capa do livro transferem ao título sobreimpressionado o seu significado semiótico, icónico e conotativo, tanto por procederem de outro sistema linguístico diferente como pertencerem a um tempo ido que Corral Iglesias assume como fundacional no processo de liberação social e individual.

Hai, certamente, neste livro umha vontade de reconhecimento dos devanceiros — e dos coetâneos —, dos que figerem da sua existência umha ética subversiva e emancipadora. Reconhecimento expressado na intertextualidade das citações, nas dedicatórias, na própria interlocução. Entende-se assim que o autor seja fiel a umha determinada memória histórica.

O livro está construído em dous «tempos» nos que o permanente se manifesta na mudança. **Tempo I** contém poemas escritos hai vinte anos. Nel, a palavra procura a expressividade e plenitude poética na evocação dos avatares históricos ou como a homenagem aos humildes da terra:

*«Marinheiro, marinheiro,
tu saís ao mar
E nom é teu o barco
nem o peixe que dá!».*

sem por isso deixar de se mergulhar no mistério existencial do homem, com umha simplicidade expressiva que a podemos considerar umha nudez, onde a palavra é um traço no vento:

*«Todo é berro...
...é Silêncio».*

No seu conjunto **Tempo II** contém umha poética na que a proximidade à realidade sensível, ao ser das cousas, permite invocar velhas ideias de liberação e de revolução, jamais extemporâneas, e sempre míticas. As focalizações e isotopias textuais insistem umha e outra vez na expressão do desejo, Poesia escintilante na maior parte das composições, breve, concisa, essencial, agromando da concreção e da síntese.

A preocupação polo social é, no imaginário do poeta, um assunto nomeadamente particular que o situa «acarom do tempo», no sofrimento, na dor que a dama fortuna nom pudera calar:

*«Nos caminhos
de mar e vento,
erguêrom-se os meus sonhos...
e longe
dos rios de ouro
acarom do tempo
figem
o meu abeiro».*

O autor construi universos que a ficção apresenta aquela componente fundamental que lhe atribui H.R. Jauss, a de nom ser um mundo em si, mas um horizonte que nos mostra o sentido do mundo através da olhada do outro. Corral Iglesias consegue criar, especialmente na primeira parte do livro, atmosfera de grande significância na que a palavra se enche de espessor poético que alaga o leitor no mesmo cerne da vida:

*«Tenso o arco...
ao pé da fonte
dos pássaros tristes».*

Ainda que a conotação da negatividade e da dor aparecem nas duas partes do livro, neste **Tempo II** hai um jogo dialéctico do sofrimento e júbilo sobressaliente, corresponden-

do o enunciador «**eu**» ao primeiro estado, e o enunciador «**nós**» ao segundo, com bastante frequência.

O desejo de vagar, deixar-se ir às toas, reitera-se nos primeiros poemas, som composições breves nas que os verbos de movimento som isotópicos e abondosos: ir, levar, navegar, partir (para o sonho, para nengures...) como assimesmo os verbos indicando acougo, repouso, predominando umha metaforicidade subtil e umha sintaxe da língua quotidiana.

A derrota, o fracasso colectivo e individual, constitui o esquema de realidade que serve de horizonte a outros mundos poéticos tingidos de senhardade:

*«Som umbria de inverno
onde o tempo
esqueceu a sua ausência».*

Ou de percepçom vespéral, crepuscular:

*«Lume e cinza
aguardam-nos tras os sonhos...
...e nos vitrais azuis
papagaios escúros
ganham
cantis de ausências».*

Outras vezes, é umha nota de «último tango» a que transmite a conotaçom da derrota:

*«Que pode fazer o cuco
quando chega a invernia?...
senom
voar, voar...
longe do corisco
e do orvalho miudo
que cega a carvalheira».*

O tom de negatividade alterna o júbilo e coa esperança, ou bem dá passo à denúncia, como neste poema lampejante intitulado Bósnia:

*«Com crueldade de cegos
batem as sombras chinescas
... E nasce
o inverno branco dos
cadáveres
circulo fecho
onde se quebra a derradeira nota
de jazz».*

A reflexom sobre a permanência da vida, frente ao entesourar dos poderosos, afirma-se como única e mais radical tese por parte dum autor que sabe que o júbilo mais intenso, está, ao cabo, na preservaçom da vida. Veja-se esta composiçom singela onde o cósmico se torna humano:

*«As estrelas agolpam-se na praia
para bailar moinheira
nos cráneos abertos de charol.
Foi onte... e cantou Keops
baixo os bargos das pirâmides,
na cozinha pariu Encarna».*

Os poemas de amor acham-se transidos dum jogo onde a esperança se mistura por vezes coa dor polos sonhos perdidos e atraíoados. Todos eles tentam suscitar o corpo. O amor transforma a sensibilidade num acto de fé nos homens e mulheres. E o circunstante, tempo ou espaço, despregam-se arredor do corpo do enunciador opondo o «eu» ao «ti», e criando umha polifonia que dá o selo de autenticidade a estas composições que se enquadram numha situação do quotidiano; elemento líquido, que se reitera em vários poemas, incide nesta erótica subtilmente sugerida:

*«Aguardei por ti
desde a maina choiva
que aninha nos meus olhos».*

Ou ainda:

*«Como orvalho
caindo no rio...
Os meus olhos
olham-te
lenes e doces
em menceiros outonais».*

Muitos dos contidos versos mostram o anseio da perpetuação do desejo; a palavra procura dar nome ao sentido e vivo; libertando-a do sobejo, de todo o alheio ao quecor, a luz percibido no gozo. O emprego das reticências contribui igualmente à autenticidade deste discurso amoroso, como se pode observar no poema precedente onde junto cos brancos marcam as inflexions da oralidade e os movimentos do «eu» cos seus silêncios. Veja-se asimesmo o seguinte:

*«Tenho os olhos cegos
de tanto buscar-te
... vim-te
e rim como un pequecho».*

E também, de jeito decisivo e confidencial:

*«Em ti...
... ardo
e nom esmoreço».*

Em resumo, trata-se dumha poesia original no panorama galego, escrita desde a liberdade da periferia do sistema literário. E ainda que os actos de fala que constituem o nível lingüístico e pragmático do poema poderiam reduzir-se a: lamentar, exortar, celebrar, lembrar, convidar, etc... tam próprios da lírica tradicional, a aparição da narratividade, da espontaneidade de expressom situam esta poesia nesse movimento evolutivo da estética cara à ruptura dos sistemas de géneros. Por outra parte, compriria salientar o caudal patrimonial léxico tirado tanto do uso dialectal como estrato rural numha poesia que supera aquela antinomia teórica na moda em anos passados, a de poesia rural/urbana. Assim, palavras como: rairo, jógara, bargos, carpança, bubela, etc..., contribuem decisivamente à construção dos sentidos do poema.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS E DE INTERESSE

- Pedro-Milhám Casteleiro. *O círculo escarlata*. Os Cadernos de Azertyuiop. Corunha, 1996, 27 páginas. Compreende esta entrega poética o número 5 destes novos cadernos e vai escrito em português.
- José Alberto Corral Iglésias. *Palavra e memória*. Corunha, 1996. Poemário em dous tempos com 128 poemas de forte intensidade, com temática revolucionária e erótica, de que se dá conta no anterior número de Agália.
- João Guisán Seixas. *Teatro para se comer*. Laiovento, 1997. Com um «Prólogo para se ler» seguido de «Ementa», «Primeiro prato», «Segundo prato», «Sobremesa» e «Apêndice», este insólito livro consta de «Sopa de legumes com ciúmes», «Dois corações em molho de lua» e «Frutos doutro tempo», que causarão a delícia de quem ler.
- José Ramom Rodrigues Fernandes. *Contos do outono*. Renovação/Narrativa, Madrid, 1996, 54 páginas. Conjunto de cinco contos com que se inaugura a singradura editorial desta associação.

Revistas e boletins

- ADIGAL*. Boletim da Associação Civil «Amigos do idioma galego». Buenos Aires. Números 2, 3 e 4. Importante esforço deste grupo de galegos e argentinos preocupados pela actualidade e porvir do nosso país e da nossa língua galaico-portuguesa.
- Aqua nativa*. Revista de cultura da Região da Bairrada, núms. 9, 11 e 12. Dezembro '95, dezembro '96 e junho '97. Números deste órgão semestral, nomeadamente o 11, dedicados todos ou em parte ao Prof. Rodrigues Lapa, como que está apoiada pela Câmara Municipal de Anadia.
- Brigantium*. Museu Arqueológico Castelo de San Antón, núm. 9. O Castro/Sada, 1996, 149 páginas. Mencionamo-la por um trabalho, na nossa normativa, devido ao Prof. Vítor Manuel Migués Rodríguez, intitulado «Em verbo do surpreendente ritual fundacional de umha ferraria quiroquesa no século XVI».
- Constantinopla*. Boletim de língua. Números 11, 12 e 13. Compostela, outono '96, inverno '96 e primavera '97.
- Eirozinho dos cavaleiros*. A gente da barreira, Ourense, 1994, número 1.
- FAGP*. Boletim informativo portuguesaico, número 2. Sem lugar, 1996. Redigido em português, é publicado no país da Camões.
- Gralha*. Números 13, 14, 15 e 16. Grupo Meendinho, Ourense.
- Língua nacional*. Boletim de informação. Movimento Defesa da Língua. Ferrol. Números 3 a 7.
- Llengües vives*. Butlletí d'actualitat lingüística del sud-oest europeu. Barcelona. Números 1, 3 e 4.
- Mercator*. Butlletí del Centre «Mercator: dret i legislació lingüística», núms. 21 a 31. Com a sempre útil informação lingüística dos mais diversos países europeus.
- Poseidónia*. S/II, número 0. Verão 1997. Breve folha feita com muito humor.

Publicações da Associação Galega da Língua

• Colecção «Universália»

López-Suevos Fernández, Ramon: *Dialéctica do Desenvolvemento. Naçom, Língua, Classes Sociais*, 1983. (Esgotado).

Comissom Lingüística da AGAL: *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego*, 1983. 169 págs. (Esgotado).

2.^a Ed. corrigida e acrescentada, 1989, 302 págs.

Carvalho Calero, Ricardo: *Letras Galegas*, 1984. 349 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Prontuário ortográfico galego*, 1985. 318 págs.

Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1986. 820 págs.

López-Suevos, Ramon: *Portugal no quadro peninsular. Subsídios para a análise histórica-estrutural*, 1987, 224 págs.

Souto, Elvira: *Contribuição ao estudo do romance iniciático galego*, 1987, 95 págs.

Haller, Michel: *Tratado de contraponto e de composição contrapontística*. Tradução e adaptação de Joám Trilho, 1987, 212 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Guia prático de verbos galegos conjugados*. 1988. 128 págs.

Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1989. 928 págs.

Monterroso Devesa, J. M.: *Apelidos galegos*. 1989. 32 págs.

Morám Fraga, César-Carlos: *O mundo narrativo de Álvaro Cunqueiro*, 1990. 176 págs.

Associação Galega da Língua: *Poder, Ideologia e Língua* (Yvo JD Peeters, editor), 1991. 120 págs.

Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1992. 654 págs.

AA. VV. *O uso das línguas na perspectiva da Europa Comunitaria*. 1993. 194 págs.

Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego Portuguesa na Galiza. 1996. 448 págs.

Garrido, Carlos: *Dicionário terminológico quadrilíngue de Zoologia dos Invertebrados*, 1997, 488 págs.

• Colecção «Clássicos»

Cotarelo Valhedor, Armando: *Trebón*, Edição, estudo e adaptação ao Galego Actual de Ramon Reimunde, 1984. 221 págs.

Rosalía de Castro: *Folhas Novas*, Edição e notas de E. Souto Presedo; prólogo de F. Salinas Portugal, 1985. 266 págs.

• Colecção «Criação»

Manuel Maria: *A luz Ressuscitada*, Carta-prefácio de António Gil Hernández, 1984. 138 págs. (Esgotado).

Carvalho Calero, Ricardo: *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)*, 1986. 192 págs.

Marinhas del Valle, Jenaro: *A vida escura*, 1987, 170 págs.

Béjar, Julio et alii: *Fogo cruzado* (relatos), 1989, 96 págs.

Guisan Seixas, João: *Origem certa do farol de Alexandria* (re-edição), 1989, 88 págs.

Gómez, Joel R.: *Quando o sol arde na noite*, 1990. 115 págs.

Guerra da Cal, Ernesto: *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, 1991, 292 págs.

Corral Iglesias, José Alberte: *Palavra e memória*, 1997, 156 págs.

• Revista AGÁLIA. Publicação trimestral desde o ano 1985. 128 págs.

Revista AGÁLIA. Monográfico n.º 1, *Problemática do sector lácteo*, dirigido e coordenado por Cláudio López Garrido, 1987, 160 págs.

Monográfico n.º 2, *Estudos sobre a História da Economia de Galiza*, dirigido e coordenado por Joám Carmona, 1989, 96 págs.

A
G
A
L

The logo consists of a solid black square. A white diagonal shape, resembling a stylized 'L' or a corner cut, is positioned in the bottom-left corner of the square.

ASSOCIAÇOM
GALEGA
DA LÍNGUA